

Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Marta de Jesus Gonçalves da Costa

**A Imagem dos Chineses nos Meios de
Comunicação Social Portugueses: Análise de
Discurso, Estereótipos e Preconceitos**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês:

Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação das

Doutora Sun Lam

Doutora Bruna Patrícia Cardoso Peixoto

Outubro de 2019

Direitos de Autor e Condições de Utilização de Trabalho por Terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

A realização desta dissertação teve os seus bons e maus momentos e por isso gostaria de agradecer a todas as pessoas que fizeram deste percurso o mais agradável possível.

Em primeiro lugar, quero agradecer à Professora Doutora Bruna Peixoto, por toda a paciência, orientação cuidadosa e, sobretudo, motivação nos momentos em que o objetivo final parecia inalcançável.

Quero agradecer também à Professora Doutora Sun Lam. Sem a sua dedicação pelo Departamento de Estudos Asiáticos, todo o meu percurso académico, desde a licenciatura ao mestrado, seria impossível.

Agradeço também à minha família, em especial à minha mãe, Clarinda, por todo o apoio, amor incondicional e liberdade com que me proporcionou ao longo destes anos e por toda a atenção nas inúmeras vezes em que fiz questão de lhe ler os novos avanços da dissertação.

Agradeço ao meu amigo Nuno Videira, por todas as horas que partilhamos juntos, tenham sido elas penosas ou de alegria, foram muito importantes para mim.

Agradeço, ainda, à Bárbara Marques, à Eva Mendes, ao Ruben Elias, à Tiffany Dantas e a todos os meus outros amigos que de alguma maneira contribuíram para a conclusão deste percurso, pelas palavras amigáveis e ouvidos atentos.

O meu mais sincero obrigado.

Declaração de Integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

A imagem dos Chineses nos Meios de Comunicação Social Portugueses: Análise do Discurso, Estereótipos e Preconceitos

Resumo

Os estereótipos e preconceitos, generalizações criadas por culturas acerca, sobretudo, de outras culturas, possibilitam a diferenciação e separação entre estas, levando por vezes a problemas de aceitação e adaptação. Os meios de comunicação fazem parte da vida quotidiana de qualquer membro da sociedade, sendo, atualmente, indispensáveis para a transmissão de conhecimento dentro e entre comunidades. A transmissão de informação, por vezes, recorre ao uso de estereótipos e preconceitos para influenciar o público para uma determinada opinião, ou, simplesmente, facilitar a compreensão de um evento, através do que já é conhecido por este. Neste contexto, o objetivo desta dissertação é dar a conhecer de que modo os estereótipos e preconceitos chineses presentes na sociedade portuguesa são passados ao público através dos meios de comunicação portugueses.

Neste estudo são inicialmente apresentados os conceitos e teorias relacionadas com os meios de comunicação, a análise de discurso e dos estereótipos e preconceitos, fornecendo, assim, uma base teórica para a análise de textos retirados de jornais e revistas portuguesas, com o objetivo de encontrar estereótipos e preconceitos sobre os chineses. Embora estes não estejam visivelmente explícitos nas notícias aqui analisadas, propõe-se que a linguagem usada pelos autores de artigos de opinião e crónicas, influenciada pelos estereótipos chineses, pode projetar “ideias feitas” nos leitores.

PALAVRAS-CHAVE

Análise de discurso; comunicação intercultural; estereótipos; meios de comunicação; preconceitos

The Chinese Image in the Portuguese Media: Discourse Analysis, Stereotypes, and Prejudices

Abstract

Stereotypes and prejudices, generalizations created by cultures about, above all, other cultures, allow the differentiation and separation between them, sometimes leading to problems of acceptance and adaptation. The media is part of daily life of any member of a society and is now indispensable for the transmission of knowledge within and between communities. Information transmission sometimes relies on the use of stereotypes and prejudices to influence the public to a certain opinion, or simply to help the understanding of an event through what is already known by it. In this context, this dissertation intends to show how the Chinese stereotypes and prejudices are present in Portuguese society and how they are passed on to the public through the Portuguese media.

In the first part of this study, the concepts and theories related to the media, discourse analysis, stereotypes and prejudices are presented, thus providing a theoretical basis for the analysis of selected texts retrieved from Portuguese newspapers and magazines. Although no stereotypes and prejudices are found in the discourse analysis on some news, it is supposed that through the use of language authors of opinion articles and chronicles, who are influenced by Chinese stereotypes, may project their opinions in their readers, as we can find throughout the discourse analysis.

KEYWORDS

Cross-cultural communication; discourse analysis; media; prejudice; stereotype

中国人在葡萄牙媒体中的形象：话语分析，刻板印象及偏见

摘要

一般来说，刻板印象及偏见产生于文化之间的差异。由于这样的差异存在，文化间的相互接受与适应的过程难免会出现一些问题。当今社会，媒体作为在社群内部和社群之间信息传播的媒介，是任何一个社会成员日常生活中不可缺少的一部分。有时，信息的传播还会依赖于利用刻板印象和偏见，从而影响公众，形成某种观点，或者仅帮助人们通过已知的信息来理解一个事件。基于此背景，本篇论文的目的在于了解与中国人相关的刻板印象和偏见是如何通过葡萄牙的媒体传递给当地公众的。

论文首先介绍了与媒体、话语分析、刻板印象和偏见相关的概念和理论，从而为下一步分析从葡萄牙报纸和杂志中摘取的文本提供了理论基础。尽管在分析新闻报道的语言中没有发现特定的刻板印象和偏见，但我们假设并试图通过言语分析证实，受中国刻板印象影响或抱有偏见的新闻评论家或专栏作家可能通过其所使用的语言风格对读者产生一定影响。

关键词

媒体行业;刻板印象;偏见;篇章分析;文化

Índice

Introdução.....	1
1. Capítulo I - Os Meios de Comunicação Social em Contexto de Comunicação Intercultural	4
1.1 O Papel dos Meios de Comunicação Social.....	5
1.2 Os Meios de Comunicação Social na Transmissão de Culturas	15
1.3 A Cultura e Sociedade Chinesas nos Meios de Comunicação Social Portugueses	24
2. Capítulo II - Análise de Discurso, Estereótipos, Preconceitos e Cultura	36
2.1 Análise de Discurso	37
2.2 Estereótipos e preconceitos	43
2.3 Estereótipos e Preconceitos em Relação aos Chineses presentes na Sociedade Portuguesa	57
3. Capítulo III –Análise de Textos.....	64
3.1 Metodologia	64
3.2 Análise dos textos selecionados	66
Conclusão	84
Referências Bibliográficas	86
Bibliografia Online dos Textos Analisados	89
Bibliografia Online Geral	90
Anexo I – Amnistia Internacional denuncia tortura policial em Hong Kong e exige investigação.....	92
Anexo II – Amnistia Internacional alerta para “padrão alarmante” de violência em Hong Kong.....	94
Anexo III – Tiananmen, 30 anos depois, chama-se Hong Kong.....	96
Anexo IV – A China é firme em defender a prosperidade e estabilidade de Hong Kong.....	98
Anexo V - Eu sei lá se são os chineses... ..	102
Anexo VI – As mulheres, os salários iguais e o fim do mundo em cuecas	104
Anexo VII – A viagem à China	107
Anexo VIII – Não há fatos italianos baratos.....	109
Anexo IX – Electricidade comprada no chinês	110
Anexo X – Namoradas, amigos e puns. Enfim... o essencial da vida	111
Anexo XI – Ritz, Dolce & Gabbana e a China loucamente rica.....	113
Anexo XII – Vistos ‘gold’	116

Índice de Figura

Figura 1: Impressão de tipos móveis de Bi Sheng	7
Figura 2: Plataforma giratória de Wang Chen	7
Figura 3: A Grande Roda da Cultura na Sociedade	16
Figura 4: Jornal de Notícias, a 02/09/2019	27
Figura 5: Notícia ao Minuto, a 04/09/2019.....	28
Figura 6: Diário de Notícias, há um ano atrás.....	29
Figura 7: Diário de Notícias, há um ano atrás (cont.)	30
Figura 8: Jornal de Notícias, há um ano atrás	31
Figura 9: Diário de Notícias, organização por relevância	32
Figura 10: Jornal de Notícias, organização por relevância.....	33
Figura 11: Jornal de Notícias, organização por relevância (cont.)	33
Figura 12: Âmbitos e relações entre as diferentes escolas da AD	39
Figura 13: Modelo de linguagem tendenciosa.....	51
Figura 14: Jornal Expresso, "Amnistia Internacional alerta para 'padrão alarmante' de violência em Hong Kong"	69

INTRODUÇÃO

A comunicação representa um processo fundamental à condição humana. Esta permite o relacionamento entre pessoas, pessoas essas que procuram alguém com quem se possam identificar, um grupo com o qual experienciem o sentimento de pertença, bem como segurança. Quando os indivíduos criam estas ligações uns com os outros formam-se as comunidades, sendo que cada uma exibe os seus traços culturais, as suas crenças e valores, a sua linguagem e modos de estar e ser em sociedade.

Deste modo, é seguro afirmar que a sociedade depende da comunicação entre os seus membros para manter a estabilidade, resolver problemas e evoluir.

Quando cada comunidade se sente segura e independente, o processo de comunicação recomeça. Desta vez, não os membros individuais, mas a comunidade como um todo sente necessidade de comunicação e afirmação perante as outras. As diferentes comunidades interagem entre si, levando à comunicação intercultural, tão importante nos dias que correm.

O desenvolvimento dos meios de comunicação mostrou-se indispensável para a conservação da rede de comunicação criada entre as diversas comunidades existentes no mundo. Comunicações que levavam dias e meses a serem consumadas, hoje são feitas em questão de horas ou minutos. A criação do telefone, da rádio, da televisão e, mais recentemente, da internet, não só permitiu o estabelecimento de relações entre nações, mas também possibilitou o sentimento de maior proximidade entre as populações. Com cada vez maior facilidade o público contacta com quem está do outro lado do mundo, acedendo mais rapidamente a novos conteúdos, informação e conhecimento acerca do outro.

Contudo, esta facilidade de comunicar e passar a conhecer o desconhecido apresenta, também, desvantagens.

É inato ao ser humano avaliar nova informação com base na que já lhe é conhecida. Quando as comunidades entram em contacto uma com as outras, a primeira reação é a de julgarem a outra de acordo com o que já conhecem, que é a sua própria cultura e modos de encarar a realidade. Naturalmente, quando um outro grupo se mostra alheio ao que é tomado como normal para uns, são criados juízos de valor, sendo o outro considerado errado e inferior.

Assim se formam os estereótipos e preconceitos. As diferentes comunidades formam e mantêm relações, mas estas são influenciadas pelas ideias tendenciosas que têm umas das outras, mesmo que inconscientemente. Estas ideias são transmitidas de geração em geração, dentro de comunidades e entre elas; através de contactos entre família, amigos, desconhecidos ou instituições; através do que é

lido, escutado, sentido e presenciado. Alguns estereótipos vêm a ser provados infundados com o tempo, outros são reforçados por aspetos da realidade.

Os meios de comunicação detêm também um papel elementar neste processo de transmissão e manutenção de estereótipos e preconceitos entre grupos sociais. Desta forma, o objetivo da presente dissertação é averiguar se e de que modo os meios de comunicação portugueses transmitem e conservam ideias tendenciosas relativamente à China e aos chineses, recorrendo à análise de discurso.

Para tal, é, primeiramente, apresentada uma breve exposição sobre o modo como os meios de comunicação desempenham o seu papel de “informantes” da sociedade, bem como de que maneira estes têm capacidade de exercer influência sobre o público, através da exposição de teorias acerca dos média.¹

Seguidamente, apresenta-se um apanhado sobre a área de estudo da Análise de Discurso, bem como dos conceitos de estereótipo e preconceito, como é que estes podem ser encontrados em sociedade e, ainda, em que circunstâncias estes influenciam a vida dos indivíduos.

Por último, é estabelecida a relação entre os meios de comunicação e os estereótipos e preconceitos da sociedade portuguesa, através da análise de discurso de textos selecionados a partir de *sites* de jornais *online*.

A presente dissertação estrutura-se, desta forma, em três capítulos.

No primeiro capítulo apresentam-se os meios de comunicação social, começando por fazer uma referência do seu papel na transferência de informação entre e para as comunidades, através de uma breve introdução à evolução dos meios de comunicação, seguido da exposição de teorias sobre os processos de seleção de notícias a que o público tem acesso; o segundo subcapítulo expõe a relação entre os meios de comunicação e a sua responsabilidade na transmissão de culturas; a última parte do capítulo trata dos meios de comunicação portugueses em particular, mostrando de que modo a sociedade portuguesa toma conhecimento da realidade chinesa, desde o início das relações entre os dois países e que tipo de informação acerca da China chega às audiências portuguesas.

No segundo capítulo apresenta-se a Análise de Discurso, através de um breve exposição do tema no primeiro subcapítulo, seguida pela apresentação dos conceitos de estereótipos e preconceitos no segundo subcapítulo. Esta parte é usada para definir estas duas ideias, para mostrar de que modo o uso da linguagem (fator essencial à comunicação e estabelecimento de relações entre as sociedades, como será visto nos capítulos que se seguem) se mostra importante para a transmissão destas, bem como de

¹ Nesta dissertação, a expressão “meios de comunicação” e o termo “mídia” são usados indiscriminadamente.

que modo os estereótipos e preconceitos desempenham o seu papel na influência da vida dos indivíduos. Por fim, o último subcapítulo, trata, mais uma vez, a sociedade portuguesa isoladamente, apresentando rapidamente alguns estereótipos e preconceitos que os portugueses possam ter em relação às pessoas de nacionalidade chinesa.

No terceiro e último capítulo, o cerne desta dissertação, os temas estudados anteriormente unem-se para se chegar a uma conclusão. O objetivo deste capítulo é analisar o discurso de conteúdo jornalístico, desde notícias, a artigos de opinião e crónicas, em busca de expressões-chave onde se possam prever o uso e disseminação de estereótipos sobre os chineses, que vão ao encontro do que é examinado nos dois capítulos anteriores. O capítulo está estruturado em duas partes, começando pela apresentação da metodologia usada, avançando, depois, para a análise dos textos selecionados.

1. CAPÍTULO I - OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL EM CONTEXTO DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

A era dos descobrimentos portugueses, entre os séculos XV e XVII, abriu as portas para a comunicação entre povos e culturas completamente diferentes. Não só o conhecimento e a mentalidade portuguesas se alargaram, mas também as dos outros países europeus, que dispuseram da curiosidade e coragem portuguesas e aproveitaram os sucessos do povo português para partirem na descoberta do que havia para além das fronteiras do continente.

Os portugueses partiram à conquista de novas terras, com o objetivo de encontrarem novos portos onde fazer negócio, mas também para conhecerem o que se encontrava para lá do que já eles conheciam. Gomes Eanes de Azurara(1841) afirma a respeito, no seu *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, que o primeiro motivo para o Infante D. Henrique começar as expedições portuguesas foi “(...) porque elle tinha vontade de saber a terra que hya a allem das ilhas Canarya, e de huû cabo, que se chama do Bojador, (...)”²

Após a sua chegada à Ásia, os navegadores portugueses começaram a fazer negócio com a China. Entre 1553 e 1554 instalaram-se em Macau, sendo este estabelecimento somente reconhecido pelas autoridades chinesas em 1557. Foi a partir daí que os portugueses começaram a espalhar a sua influência, sobretudo a religiosa e a linguística.

Contudo, os portugueses estabelecidos em Macau não faziam apenas negócio com a China. Macau era tido como um porto intermediário, onde diversos países faziam paragem para negociar especiarias, sedas ou porcelanas. Deste modo, “a cidade portuária e as suas gentes são um articulador chave, um multiplicador de relacionamentos económicos, culturais e políticos que mundializaram o consórcio Portugal-China” (Barreto, 2017).

A necessidade de conhecer novas paragens e o interesse pelo comércio de produtos desconhecidos, entre outros fatores, levou os portugueses a partirem do conforto do seu país e a aventurarem-se por novas terras, rodeando-se de diferentes culturas e línguas.

Com o aparecimento dos diferentes meios de comunicação, primeiro de cariz individual, como a carta e o telefone, seguidos dos meios de comunicação em massa, como a imprensa, a rádio e a televisão, e finalmente, nos dias de hoje, o computador com acesso à internet, é possível ficar a conhecer novos lugares, culturas e línguas sem sair do próprio país, uma vez que os média fornecem este

² “(...) porque ele tinha vontade de saber a terra que ia [para] além das Ilhas Canárias, e de um cabo, que se chama do Bojador, (...)”

conhecimento, proporcionando, assim, uma sensação de proximidade, não só no tempo, como no espaço, às diversas comunidades existentes.

O desenvolvimento dos meios de comunicação torna mais fácil tanto ficar a conhecer novas culturas e pessoas como falar ou criar opiniões sobre as mesmas. Esta comunicação intercultural que é estabelecida é, diariamente, influenciada pelo conteúdo apresentando nos meios de comunicação, podendo ter consequências positivas, bem como negativas.

1.1 O Papel dos Meios de Comunicação Social

A arte rupestre, desenhos primitivos feitos nas paredes de cavernas, são prova de que a necessidade do ser humano de se expressar não é uma característica recente. Desta necessidade surge a capacidade de comunicação entre os indivíduos, com o desenvolvimento da linguagem e criação de línguas. Daqui formam-se as culturas, a conceção de crenças, valores e tradições que são a base da estabilidade e relacionamento entre membros de uma mesma comunidade. Eventualmente, a expansão das sociedades levou a que estas sentissem uma necessidade de se conhecerem mutuamente, sendo que foi incontestável o desenvolvimento de novos processos de comunicação.

Estes novos processos de comunicação começaram por ser representados por meios de comunicação individual, isto é, apenas entre pessoas singulares, como é o caso da carta, o telégrafo e, posteriormente, o telefone. No entanto, o desenvolvimento científico e tecnológico permitiu a invenção dos meios de comunicação em massa, meios, estes, que permitem a transmissão da informação para um grande número de pessoas ao mesmo tempo, como por exemplo, o jornal, a rádio, a televisão e a internet.

Segundo DeFleur e Ball-Rockeach (1993, pp. 22-24), a história do desenvolvimento da comunicação humana pode ser dividida em períodos: a Era dos símbolos e sinais, a Era da fala e da linguagem, a Era da escrita, a Era da imprensa, a Era da comunicação em massa e a Era dos computadores.

A Era dos símbolos e sinais representa períodos da história muito primitivos, quando, inicialmente, os antepassados do *Homo Sapiens* ainda comunicavam como os animais, através de gritos, ruídos, gestos e diferentes posturas corporais (DeFleur & Ball-Rockeach, 1993, p. 23). Com a evolução para a Era da fala e da linguagem, os seres humanos puderam dominar “sistemas simbólicos, os indivíduos puderam classificar, abstrair, analisar, sintetizar e especular. Puderam lembrar, transmitir, receber e entender mensagens bem mais extensas, complexas e sutis do que era possível com o emprego de formas anteriores de comunicação” (DeFleur & Ball-Rockeach, 1993, p. 32).

Os pictogramas representam a base da escrita das primeiras grandes civilizações do mundo, permitindo a entrada na Era da escrita. A padronização dos significados dos pictogramas foi essencial para o estabelecimento do sistema de escrita, permitindo a compreensão por todos e da mesma forma (DeFleur & Ball-Rockeach, 1993, p. 32).

No Golfo Pérsico desenvolveu-se a escrita fonética, sistema em que se usavam símbolos para representar “um determinado som em vez de uma ideia.” Por fim, algumas centenas de anos mais tarde, evoluiu-se para a escrita alfabética, em vez de um símbolo representar uma sílaba, cada símbolo representava uma letra (DeFleur & Ball-Rockeach, 1993, p. 34).

O surgimento de sistemas de escrita levou a mudanças na organização social e cultural das sociedades. Formou-se uma classe de especialistas, os escribas, responsáveis por registrar todo o conhecimento da sociedade, anotando interpretações das suas observações da realidade, permitindo o desenvolvimento das artes e das ciências e a transmissão de informação de forma mais rápida e eficiente.

Com o avançar dos séculos, a melhoria dos estilos de vida resultou no crescimento da população. A escrita manual já não era suficiente para proporcionar conhecimento à população com a mesma eficácia. Entrou-se, então, na Era da Impressão.

Diferentes civilizações, contudo, entraram nesta Era em épocas distintas. Na Ásia, a China começou a desenvolver as suas técnicas de impressão ainda na Dinastia Han (206 a.C.-220 d.C.) com a impressão em bloco. Este tipo de impressão consistia em talhar os caracteres num bloco de madeira, cobri-los com tinta e de seguida pressionar uma folha de papel sobre o bloco, de modo que os caracteres ficassem gravados na folha. Este processo era lento e pouco versátil. Mais tarde, na Dinastia Tang (618-906), Bi Sheng (毕升, *Bì Shēng*) inventou a impressão de tipos móveis (*cf.* Figura 1). Em comparação com o tipo de impressão anterior, os caracteres eram gravados em peças individuais de argila, que eram depois agrupados para criar os textos a imprimir. Posteriormente, em 1297, Wang Chen (王晨, *Wáng Chén*), melhorou a técnica de Bi Sheng, ao fazer as peças individuais dos caracteres em madeira, um material mais durável, tendo ainda criado uma plataforma giratória (*cf.* Figura 2) que permitiu

aos tipógrafos criar impressões de forma mais rápida e eficiente (Childress, 2008, pp. 48-49).



Figura 1: Impressão de tipos móveis de Bi Sheng

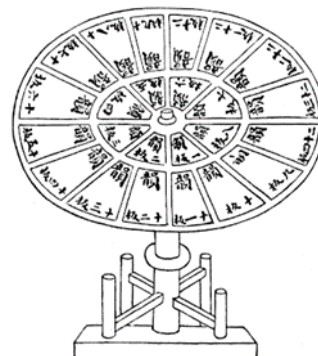


Figura 2: Plataforma giratória de Wang Chen

Na Europa, a impressão surgiu no século XV, quando Johannes Gutenberg, inventor alemão, usou pela primeira vez a prensa e o sistema mecânico de tipos móveis, à semelhança dos chineses, mas feitos de metal. Comparando com o mesmo tipo de impressão na China, esta era mais rápida e fácil de conseguir, uma vez que o alfabeto não tem tantos caracteres por onde escolher como a escrita chinesa.

A impressão abriu novas portas ao conhecimento. Os primeiros meios de comunicação em massa começaram a surgir, com a impressão de jornais, livros e revistas. Estes vieram influenciar a formação da opinião pública. Para Charles Horton Cooley (1910, p. 80), a imprensa mostrou-se eficaz de acordo com os seguintes fatores:

Expressividade, por incluir uma ampla variedade de ideias e sentimentos.

Permanência de registo, ou a superação do passar do tempo.

Rapidez, ou a superação do espaço.

Difusão, ou acesso a todas as classes da sociedade. ³

McQuail (2010) entende o desenvolvimento e o sucesso da imprensa devido a características específicas, tanto como meio de comunicação como instituição. As características como meio de comunicação são, entre outras, a sua “regularidade e frequência,” a sua “atualidade de conteúdo e referências” e a possibilidade de ser lida individualmente ou em grupo. Por outro lado, as particularidades

³ “Expressiveness, or the range of ideas and feelings it is competent to carry.
Permanence of record, or the overcoming of time.
Swiftness, or the overcoming of space.
Diffusion, or access to all classes of men.” (TdA)

de sucesso, como instituição, são o facto de a sua audiência ser “urbana e secular,” a sua escrita, apesar de autocensurada é relativamente livre, tem uma base comercial, etc.

Com a descoberta da eletricidade, as tecnologias de comunicação continuaram a progredir, levando à invenção do telégrafo no século XIX, por Samuel Morse. O telégrafo, por si só, não representa um instrumento de comunicação em massa, mas foi o primeiro passo para o surgimento dos meios de comunicação eletrónicos, bem como a entrada na Era da Comunicação de Massa (DeFleur & Ball-Rockeach, 1993, pp. 40-41).

Esta Era ficou marcada pelo surgimento do cinema, nos finais do século XIX, da rádio e da televisão, no século XX.

O cinema tornou-se popular por, pela primeira vez, permitir às pessoas disfrutar do seu tempo livre de “forma acessível e respeitável” (McQuail, 2010).

A rádio e a televisão advêm de tecnologias existentes na época, como o telégrafo (referido acima), a fotografia e a gravação de som (McQuail, 2010). Estes instrumentos de transmissão de informação não foram criados com o objetivo de satisfazer a necessidade da sociedade de um novo serviço ou novos conteúdos. De acordo com Williams (1997, p. 17),

*(...) a rádio e a televisão foram sistemas concebidos, principalmente, para transmissão e recepção como processos abstratos, com pouca ou nenhuma definição de conteúdo precedente. (...) [Deste modo,] não só o fornecimento de serviços de difusão precedeu a procura, os meios de comunicação precederam, também, o seu conteúdo.*⁴

A televisão, sendo considerada o meio de comunicação com o maior raio de alcance de audiências, é compreendida como a principal fonte de notícias e informações da atualidade, agindo como “uma janela para o mundo em tempo real,” mesmo que os programas não sejam passados em direto, e transmitindo um sentimento de “intimidade e envolvimento pessoal” entre a audiência e os apresentadores ou atores (McQuail, 2010).

Atualmente, a sociedade encontra-se na Era dos computadores. A invenção dos computadores, em junção com a chegada da Internet, permitiu a integração de todos os meios de comunicação referidos

⁴ “(...) radio and television were systems primarily devised for transmission and reception as abstract processes, with little or no definition of preceding content. (...) It is not only that the supply of broadcasting facilities preceded the demand; it is that the means of communication preceded their content.” (TdA)

anteriormente numa única rede de comunicação. McQuail (2010) refere que o computador deve o seu poder como instrumento de comunicação

(...) ao processo de digitalização que permite a qualquer tipo de informação, apresentada em qualquer tipo de formato, de ser transmitida com a mesma eficiência, bem como misturada. Em princípio, não há a necessidade de vários meios de comunicação diferentes(...), uma vez que podem ser incluídos na mesma rede de comunicação computadorizada e centro de receção (em casa, por exemplo).⁵

A Internet possibilitou a transição de uma comunicação em massa unidirecional para uma comunicação mais interativa. Pelas palavras de Shoemaker e Reese (2014, p. 40), “atualmente a arquitetura da comunicação consiste em muitos emissores e muitos recetores.” Hoje em dia, é possível ter acesso às mais recentes notícias através de jornais *online*, assistir a filmes sem uma ida ao cinema ou, ainda, assistir a programas de televisão pela Internet. O contacto imediato entre pessoas de diferentes países que o desenvolvimento da Internet proporcionou às sociedades veio facilitar a transmissão de conhecimentos, crenças e valores, mostrando-se um aspeto importante para a evolução da opinião pública, tanto positiva como negativamente, ou seja, é possível presenciar no contacto entre comunidades tanto uma aceitação das suas diferenças como uma negação e discriminação destas.

Por seu lado, Jenkins, Ford e Green (2013, p. 1) defendem, também, a existência de uma nova fase na comunicação, referindo uma mudança do processo de distribuição para um processo de circulação, em que “uma mistura de forças de cima para baixo e de baixo para cima determinam o modo como o material⁶ é partilhado dentro das culturas e entre estas de maneiras muito mais participativas (e confusas).”⁷ Conforme Jenkins, Ford e Green (2013, p. 2), o público deixou de ser apenas recetor de uma mensagem pré-concebida para participar na “criação, partilha, reenquadramento e combinação” dos conteúdos dos média, de forma mais alargada, alcançando comunidades para além das que lhes são mais próximas.

⁵ “(...) the process of digitalization that allows information of all kinds in all formats to be carried with the same efficiency and also intermingled. In principle, there is no longer any need for the various different media (...), since all could be subsumed in the same computerized communication network and reception centre (in the home, for instance).” (TdA)

⁶ Neste caso, “material” refere-se ao conteúdo transmitido pelos meios de comunicação, sejam notícias, recomendação cinematográficas, etc.

⁷ “(...) a mix of top-down and bottom-up forces determine how material is shared across and among cultures in far more participatory (and messier) ways.” (TdA)

A mudança para este novo processo de circulação de informação é possível devido ao surgimento de instrumentos de comunicação *online* que facilitam a partilha imediata de conteúdos (Jenkins, Ford & Green, 2013).

Para definir esta nova fase da comunicação, em que novas plataformas de comunicação são possíveis em consequência da constante necessidade de comunicação entre pessoas, Jenkins, Ford e Green (2013, pp. 3-4) desenvolveram o termo *spreadability*⁸, termo que refere a capacidade, técnica e cultural, das audiências de partilharem conteúdo conforme o seu agrado, bem como

*(...) os recursos técnicos que facilitam a circulação de certos conteúdos em relação a outros, as estruturas económicas que apoiam ou restringem esta circulação, os atributos de texto dos média que pode atrair uma comunidade para o partilharem, e as redes sociais que ligam as pessoas através da troca de bytes significativos.*⁹

Porém, a visível dependência dos membros das sociedades em relação aos meios de comunicação levou ao estudo das suas influências, que dividiram os estudiosos do tema em ofensores e defensores do uso destes. Os ofensores destes meios afirmam que estes são responsáveis por “rebaixar as preferências culturais do público,” “agravar as taxas de delinquência,” “contribuir para a deterioração moral em geral,” “entorpecer as massas para chegarem à superficialidade política” e, ainda, “suprimir a criatividade” (DeFleur & Ball-Rockeach, 1993, pp. 42-43). Em contrapartida, os defensores entendem que os média servem a sociedade através da exposição do “pecado e corrupção,” ao agirem “como guardiães da preciosa liberdade de expressão,” ao levarem “um mínimo de cultura a milhões,” através da oferta de “divertimento diário inócuo para as massas,” ao informarem a sociedade “acerca dos acontecimentos do mundo” e ao melhorarem o padrão de vida das pessoas através da sua influência nos produtos que estas consomem (DeFleur & Ball-Rockeach, 1993, p. 43).

A existência de diferentes opiniões permite o desenvolvimento de variadas teorias que tentam compreender as funções dos meios de comunicação para a constituição e manutenção de uma sociedade.

A teoria de *agenda-setting*, conhecida em português como teoria do agendamento, formulada por Maxwell McCombs e Donald L. Shaw, na década de setenta, afirma que os assuntos cobertos pelos

⁸ Não tendo tradução literal, pode compreender-se como capacidade de se propagar.

⁹ “(...) the technical resources that make it easier to circulate some kinds of content than others, the economic structures that support or restrict circulation, the attributes of a media text that might appeal to a community’s motivation for sharing material, and the social networks that link people through the exchange of meaningful bytes.” (TdA)

meios de comunicação tornam-se os assuntos aos quais o público dedica mais atenção, influenciando, assim “a saliência de tópicos na agenda pública” (McCombs & Reynolds, 2009, p. 1). McCombs e Reynolds (2009, p.1) entendem que esta seleção e exposição de assuntos por parte dos meios de comunicação são o primeiro passo para a formação da opinião pública.

McCombs e Shaw (1972) tentaram provar que os média desempenham um papel importante na construção da imagem da realidade nas sociedades através do estudo da opinião do público durante uma campanha eleitoral na Carolina do Norte, E.U.A., baseada nos temas cobertos pelos meios de comunicação social nesse estado. No final deste estudo, os temas considerados importantes pelos participantes correspondiam aos assuntos cobertos pelos meios de comunicação, permitindo, assim, a McCombs e Shaw (1972) concluírem ser evidente a influência dos média no *agenda-setting*.

Relacionada com a teoria de *agenda-setting*, a teoria de *framing*, ou enquadramento, apresenta a ideia de que os meios de comunicação em massa destacam certos acontecimentos, colocando-os em determinados contextos de modo a despertar interpretações específicas. Deste modo, os meios de difusão de informação exercem uma “influência seletiva” no modo como as pessoas interpretam a realidade (Entman, 1993).

As *frames*, ou molduras, são “noções abstratas que servem para organizar ou estruturar” (Communication Theories, 2004, p. 22) a realidade. Estas molduras são sobretudo de origem cultural, ou seja, o significado que uma pessoa atribui a uma palavra é baseado em aspetos culturais da comunidade em que essa pessoa cresceu. A palavra “vermelho” pode ser vista como um exemplo deste caso. Para uma pessoa de nacionalidade chinesa, a cor vermelha tem, sobretudo, conotação positiva, representando, bom auspício e felicidade, fortuna e poder, juventude, saúde e beleza (Qiang, 2011), sendo por isso usada, por exemplo, em objetos de decoração festivos. Por outro lado, para uma pessoa de nacionalidade portuguesa, a cor vermelha remete para guerra, perigo, violência, sexo, pecado, revolução, estímulo, entre outras (Heller, 2013). Assim, o uso desta palavra invoca uma moldura específica, dependendo da cultura em que o meio de comunicação está inserido, influenciando o contexto em que é exposta a situação.

As *frames* influenciam a percepção que a audiência faz das notícias, portanto, tendo em conta a relação entre as teorias de *agenda-setting* e *framing*, é possível dizer que *agenda-setting* “diz o que temos de pensar,” enquanto que *framing* diz “como temos de pensar” (Communication Theories, 2004, p. 22).

Em paralelo a estas teorias surgiu a teoria de cultivação de crenças, em inglês *cultivation theory*, desenvolvida por George Gerbner. Esta teoria compreende que a televisão molda a realidade da

audiência. No seu estudo, a hipótese que consistiu no ponto de partida para George Gerbner (1969, p. 138) é a seguinte:

*(...) mudanças na produção em massa e a rápida distribuição de mensagens através de barreiras anteriores do tempo, espaço e grupo social geram variações sistemáticas no conteúdo da mensagem pública, cujo significado reside no cultivo da consciência coletiva acerca de elementos da realidade.*¹⁰

Em termos simplificados, o papel dos meios de comunicação é o de transmitir informações da realidade aos membros de uma sociedade, bem como entre sociedades. Todavia, segundo Pamela Shoemaker e Stephen Reese (2014, p. 39), a realidade visionada pelas pessoas através dos meios de comunicação é uma realidade influenciada por um conjunto de fatores, não sendo, portanto, a verdadeira realidade, mas uma “realidade mediada.” Shoemaker e Reese (2014, p. 39) entendem que a realidade é mediada pelos produtores de programas informativos e de entretenimento, “através do simples processo de fazerem o seu trabalho, mas também devido à sua relação com a cultura, o poder e a ideologia.”¹¹

Shoemaker e Reese (2014, pp. 40-56) expõem uma série de elementos que consideram propiciar a mediação da realidade para o que é transmitido pelos meios de comunicação. Estes elementos vão desde o ambiente das organizações de meios de comunicação (i.e., a maior ou menor liberdade de expressão a que as empresas de comunicação são permitidas), à política, à geografia, ao crime e violência, à etnia, gênero e identificação social das pessoas e ao tipo de notícias (más vs boas), sendo as mais importantes para compreender a presença de estereótipos e preconceitos nos meios de comunicação social são a geografia e a etnia.

A interferência que o fator geografia produz na mensagem transferida pelos média é presenciada na medida em que os meios de comunicação, sobretudo a imprensa, a televisão e a rádio, de uma determinada zona, estão associados à comunidade dessa zona, fazendo corresponder a essa comunidade a informação que é compreendida como mais importante por ela.

Por conseguinte, Shoemaker e Reese (2014, p. 44), descrevem a influência da geografia nos seguintes termos:

¹⁰ “(...) changes in the mass production and rapid distribution of messages across previous barriers of time, space, and social grouping bring about systematic variations in public message content whose full significance rests in the cultivation of collective consciousness about elements of existence.” (TdA)

¹¹ “(...) through the mere process of doing their work, but also because of their relationships with culture, power, and ideology.” (TdA)

(...) quando jornalistas cobrem eventos noutros países - especialmente aqueles que são culturalmente distantes -, têm, frequentemente, apenas informações "escassas" sobre o contexto desses eventos. Portanto, as suas reportagens são geralmente sobre o drama dos eventos mais atuais e tendem a enquadrar as suas histórias de maneira dualista - nós versus eles, o bem versus o mal. A essas reportagens falta uma narrativa que possa apoiar os factos mais atuais com uma compreensão da história e da cultura. Em vez disso, os repórteres usam a sua própria cultura como referência, tornando tudo relativo a esta através do uso de analogias para dar cor às suas histórias.¹²

A população de um grande número de países é constituída por uma variedade de comunidades, sendo que muitas destas comunidades têm uma representação insuficiente ou são representadas de forma negativa por parte dos meios de comunicação social. Esta representação deficiente leva à generalização do conhecimento que há destas comunidades, propiciando, assim, o sentimento de distância entre diferentes grupos sociais.

Esta generalização e estereotipagem envolve, não só, as diferentes etnias, como também as diferenças de género, idade e identificação sexual. Uma vez que para o estudo dos estereótipos e preconceitos presentes nos meios de comunicação em relação aos chineses o fator da etnia é o mais relevante, este é visto em particular nos parágrafos que se seguem.

Nos programas de informação, os jornalistas, que inconscientemente já têm os seus estereótipos formados, devido às suas experiências culturais, transmitem esses estereótipo à audiência através do uso de determinadas palavras e imagens (Shoemaker & Reese, 2014, p. 47). Os produtores dos conteúdos dos meios de comunicação tendem a estereotipar baseando-se na divisão das comunidades em termos de “nós” *versus* “eles.” Esta separação induz ou facilita a audiência a criar estereótipos ou a mantê-los.

Para provar esta hipótese, Dixon (2006, p.141; Shoemaker & Reese, 2014, p. 48) investigou o preconceito dos espectadores de televisão em relação à cor de pele, chegando à conclusão de que as pessoas que assistem televisão durante mais tempo, baseiam-se na cor de pele para tirarem as suas conclusões: estes espectadores atribuíam maior culpa aos criminosos de pele escura.

¹² “When journalists cover events in other countries—especially those that are culturally distant—they often have only “thin” information about the context of those events. Therefore their reports are generally about the drama of the most current events and tend to frame their stories dualistically—us versus them, good versus evil. Such reporting lacks a narrative that could support the most current facts with an understanding of history and culture. Instead, reporters use their own culture as a referent, thus making everything else relative to it by using analogies to give their stories color.” (TdA)

Shoemaker e Reese (2014, p. 48) afirmam que, através do seu estudo, “Dixon destaca que estereótipos fomentam a criação de imagens posteriores, de modo que indicações raciais afetam o julgamento, especialmente em situações ambíguas.”¹³ A realidade mediada, transmitida pelos meios de comunicação é, muitas vezes, apresentada através de uma situação ambígua, seja esta a má exposição de uma notícia ou a pobre caracterização de uma personagem de um programa de entretenimento, sendo que a audiência tem apenas acesso a parte do todo, levando esta a generalizar a informação e, consequentemente, a estabelecer estereótipos e preconceitos.

Na presente realidade das sociedades, em que, tanto pessoas individuais, como instituições e organizações apresentam uma dependência dos meios de comunicação, sejam aqueles que apenas transmitem informação de forma unidirecional, sejam aqueles que permitem ao público ter um papel ativo na transferência da mensagem, estes representam cada vez mais um papel indispensável para a manutenção do equilíbrio, tanto dentro das sociedades como nas relações entre estas.

Os média não desempenham apenas as função de entreter o público e de o manter informado acerca dos acontecimentos do mundo, mas também de educar, dando a conhecer outras realidades, alargando horizontes e proporcionando experiências.

Isto posto, uma vez que os meios de comunicação apresentam um papel tão significativo para as comunidades, os coordenadores dos conteúdos apresentados nestes têm a responsabilidade de fornecer às audiências informações credíveis e de pontos de vista alargados. Com base nas teorias realçadas anteriormente, os produtores de conteúdo têm acesso a meios de manipulação da realidade, podendo, deste modo, influenciar a maneira como o público interpreta a mensagem transmitida.

O acesso a informação por intermédio dos meios de comunicação permite aos membros das sociedades trocarem conhecimento e discutirem os assuntos mais falados, possibilitando o processo de comunicação entre pessoas, culminado numa maior partilha de culturas. Este processo afigura-se num ciclo de transações de experiências, valores e opiniões, que se pode irradiar, levando ao desenvolvimento positivo da opinião pública, em que as pessoas se aceitam e trabalham em conjunto para o equilíbrio da sociedade, ou a um desenvolvimento mais negativo desta, em que os membros das comunidades lutam entre si para estabelecerem uma cultura superior, fazendo uso de generalizações e linguagem tendenciosa para criarem separações.

¹³ “Dixon points out that stereotypes prime people’s creation of later images, such that racial cues affect judgments, especially in ambiguous situations.” (TdA)

1.2 Os Meios de Comunicação Social na Transmissão de Culturas

Para compreender em que aspetos os meios de comunicação social penetraram na vida quotidiana das sociedades é necessário partir do entendimento do conceito de sociedade, bem como da sua relação com o conceito de comunicação.

Segundo os sociólogos Albion Small e George Vincent (1894), a sociedade é um sistema de órgãos, sendo que cada órgão representa um grupo social, podendo este ser uma família ou um país, no qual cada célula representa um indivíduo. Small e Vincent (1894, p. 213) entendem que, numa sociedade,

(...) as pessoas estão combinadas em relações de interdependência entre si, e de dependência como um grupo de desempenhar certas tarefas dentro da sociedade. Uma vez que cada indivíduo é parte de muitos agregados e órgãos, esses vários grupos têm muitos pontos em comum, ou, por outras palavras, não estão definitivamente separados, mas entrelaçados de diversas maneiras.¹⁴

Se os indivíduos são as células que integram os órgãos, que são as instituições sociais, agrupando-se num vasto sistema que é a sociedade, o processo de comunicação entre estes é, como Small e Vincent (1894, p. 215) vêm, o “sistema nervoso social”, que media a transmissão de informação entre os vários componentes da sociedade.

Neste sistema nervoso que é a comunicação, cada indivíduo, não só transmite informação, como também pode ser o recetor final desta. Isto posto, cada indivíduo pode ser entendido como “um centro a partir do qual irradiam um maior ou menor número de canais psicofísicos”¹⁵ (Small & Vincent, 1894, p. 217).

Por outro lado, Karl Rosengren (1994, p. 2), apresenta a ideia de que a sociedade é constituída por três sistemas intimamente ligados: “um sistema *cultural* de ideias, um sistema *social* de ações, e um sistema *material* de artefactos” (ênfase presente no original).

Para Rosengren (1994, p. 3), qualquer subgrupo da sociedade, ou instituição social, é baseado num dos dois pares de orientação de valores (orientação de valores cognitivos/normativos, ou orientação

¹⁴ “persons are combined in relations of interdependence among themselves, and dependence as a group, upon society, to perform certain social tasks. Since every individual is a part of many aggregates and organs, these various groups have many points in common, or, in other words, are not definitely separate, but interwoven in a multiplicity of ways.” (TdA)

¹⁵ Os canais psicofísicos correspondem aos canais comunicacionais, isto é, Small entende que, qualquer comunicação em sociedade é feita através de um agente físico, podendo este ser um instrumento de comunicação, e um agente psicológico.

de valores expressivos/instrumentais). Estes pares de valores, associados aos sistemas de ideias, ações e artefactos, compõem a base do funcionamento de uma sociedade, originando, consequentemente, a “grande roda da cultura na sociedade” (Rosengren, 1994, pp. 3-4) (cf. Figura 3).

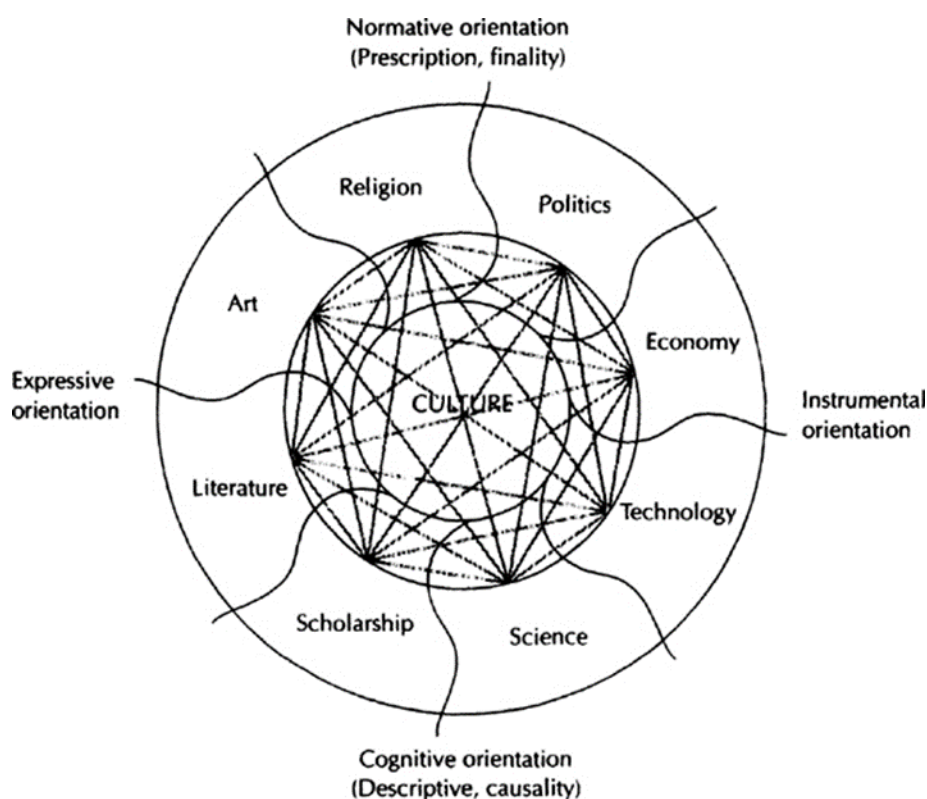


Figura 3: A Grande Roda da Cultura na Sociedade

Com esta representação da sociedade, Rosengren tem como objetivo mostrar como a cultura está interligada aos subsistemas que constituem a sociedade, sendo estes a religião, a política, a economia, a tecnologia, a ciência, a educação, a literatura e a arte. Cada círculo corresponde a um dos três sistemas base (ideias, ações e artefactos). A cultura, representada no centro, não é apenas uma parte importante da formação da sociedade, mas também permite a relação e interdependência entre as instituições sociais e os valores que orientam os membros da sociedade.

Estas relações são estabelecidas através de uma rede complexa de comunicações. A comunicação entre as instituições possibilita uma crescente diferenciação destas. No entanto, estas permanecem interdependentes. De acordo com Rosengren (1994, p. 4),

(...) em todas as sociedades, estas relações são efetuadas por meio de comunicação interpessoal e cara-a-cara; nas sociedades modernas, são frequentemente estabelecidas também por meio

*da comunicação interpessoal mediada, bem como pela comunicação organizacional e de massa.*¹⁶

Por seu lado, Qian Fenglian e Tang Degen (2004, p. 112) esclarecem a ligação entre a comunicação e a cultura nos seguintes termos:

*Para levar a cabo uma comunicação intercultural com sucesso, tentamos, geralmente, familiarizarmo-nos com a cultura da pessoa com quem comunicamos. O nosso acesso a este conhecimento é, sobretudo, feito através dos meios de comunicação, como os jornais, as revistas, etc. Neste processo, fazemos um resumo do conhecimento da outra cultura, criando, de seguida, a nossa impressão geral, produzindo, conseqüentemente, os estereótipos.*¹⁷

Deste modo, entende-se que a essência para a comunicação interpessoal, bem como para as relações sociais, é a incorporação da cultura nas sociedades.

A evolução dos meios de comunicação, juntamente com o crescente interesse pela compreensão destes, bem como pela compreensão da relação destes com a natureza da sociedade, permitiu o desenvolvimento de diversas teorias.

No campo da sociologia, os cientistas procuravam compreender a relação entre a sociedade, o processo de comunicação e os meios de comunicação em massa. Na área da psicologia, estudavam, sobretudo, de que modo a comunicação influencia o comportamento do ser humano (DeFleur & Ball-Rockeach, 1993, pp. 46-47).

A recorrência a símbolos e à linguagem é vista como um fator fundamental para o processo comunicativo humano, para os teóricos da Escola de Chicago¹⁸ (Rüdiger, 2011).

Membro desta Escola, George Herbert Mead,¹⁹ desenvolveu a teoria do interacionismo simbólico. Esta teoria defende que a sociedade é criada devido ao envolvimento das pessoas em interações sociais. Blumer (1986, p. 2) resume o interacionismo simbólico da seguinte forma:

¹⁶ "In all societies, these relations are carried out by means of interpersonal, face-to-face communication; in modern societies, they are often established also by means of mediated interpersonal communication, as well as by organizational and mass communication." (TdA)

¹⁷ "为了成功的进行跨文化交际，我们往往会在之前对交际对方的文化作相关的了解。而我们获取这些知识的途径主要是通过传播媒介，如报刊，杂志等。在这一过程中，我们对对方的文化知识不断进行归纳总结，然后自己便对之形成了一套总体的印象，于是乎刻板印象也就产生了。" (TdA)

¹⁸ A Escola de Chicago representa um grupo de pesquisadores da Universidade de Chicago, fundado nas primeiras décadas do século XX. Esta Escola contribuiu com estudos nos campos da Sociologia, Ciências da Comunicação e Psicologia Social. A Escola de Chicago defendia a tese de que a sociedade não pode ser estudada sem ter em conta os processos de interação entre as pessoas, ou seja, a comunicação.

¹⁹ Esta teoria deve o seu nome a Herbert Blumer, sucessor de George Mead.

O interacionismo simbólico baseia-se, em última análise, em três premissas. A primeira institui que os seres humanos agem em relação às coisas com base nos significados que estas têm para eles. Estas coisas incluem tudo com que o ser humano se depare – objetos físicos, (...); outros seres humanos, (...); categorias de seres humanos, (...); instituições, (...); ideias, (...). A segunda premissa estabelece que o significado destas coisas deriva das ou é provocado pelas interações sociais que se mantêm com outras pessoas. A terceira premissa defende que estes significados são manipulados e modificados por um processo interpretativo utilizado pela pessoa ao se relacionar com as coisas com que entra em contacto.²⁰

Deste modo, a Escola de Chicago reconhece que a comunicação é o processo que permite a formação da sociedade. Sendo a comunicação mediada por símbolos que permitem a interação entre os indivíduos, consequentemente, são estes símbolos que estabelecem a sociedade. Uma vez que a linguagem é um conjunto de símbolos, esta desempenha um papel fundamental no processo de comunicação (Rüdiger, 2011).

Com o crescente desenvolvimento das formas e tecnologias de comunicação, associado à crescente facilidade de acesso aos meios de comunicação social, é visível o crescimento da dependência individual e coletiva dos processos de comunicação e socialização, levando ao “desenvolvimento da natureza humana” (Cooley, 1909, apud Rüdiger, 2011, p. 39).

Para os teóricos da Escola de Chicago, as novas tecnologias de comunicação tornaram-se no principal meio de difusão de conhecimento, experiências e ideias na sociedade, não sendo apenas canais de transmissão de informação (Rüdiger, 2011).

Na época, o desenvolvimento tecnológico e dos sistemas de comunicação foi muito aclamado pelos teóricos. Estes acreditavam que esse desenvolvimento promovia a socialização entre as pessoas, alargando a perceção pública para o resto do mundo. Contudo, apesar desta visão positiva em relação aos novos meios de comunicação, estes eram também vistos por alguns como “o principal meio de exercício da violência simbólica” na sociedade, podendo ser usada para “manter a ignorância” (Rüdiger, 2011, pp. 51-52).

²⁰ “Symbolic interactionism rests in the last analysis on three simple premises. The first premise is that human beings act toward things on the basis of the meanings that the things have for them. Such things include everything that the human being may note in his world—physical objects, (...); other human beings (...); categories of human beings, (...); institutions, (...); guiding ideals, (...). The second premise is that the meaning of such things is derived from, or arises out of, the social interaction that one has with one's fellows. The third premise is that these meanings are handled in, and modified through, an interpretative process used by the person in dealing with the things he encounters.” (TdA)

Atualmente, os meios de comunicação são parte fundamental para o contacto das sociedades, estando estas expostas a qualquer tipo de influência por parte dos média, dado que o significado que as pessoas dão aos objetos e situações com que se deparam no seu quotidiano, pode ser afetado pelo que leem, escutam ou veem. Assim, o modo como cada indivíduo reage à realidade pode depender da maneira como a informação é transmitida pelos meios de comunicação em massa (DeFleur & Ball-Rockeach, 1993, p. 54).

O paradigma do funcionalismo estrutural defende a ideia de que a estruturação da sociedade em sistemas permite a manutenção do equilíbrio desta (DeFleur & Ball-Rockeach, 1993; Rüdiger, 2011).

DeFleur e Ball-Rockeach (1993, p. 47) explicam o paradigma e a definição de funcionalismo estrutural nos seguintes termos:

(...) o nome estrutura, claro, refere-se à maneira pela qual são organizadas as atividades repetitivas de uma sociedade. Comportamento familiar, atividade económica, atividade política, religião, e magia, e muitas outras formas de atividade societárias são altamente organizadas de um ponto de vista behaviorista²¹. O nome função refere-se à contribuição dado por uma determinada forma de atividade repetitiva em termos de conservar a estabilidade ou equilíbrio da sociedade.

Para Lasswell (2007), o processo de comunicação desempenhava três funções: a primeira função é a de supervisão do contexto social, os meios de comunicação fornecem conhecimento necessário ao público de modo a que estes consigam resolver os problemas e manter a ordem social; a segunda função é a de permitir a correlação das respostas dadas às situações apresentadas pelo sistema social, deste modo os membros da sociedade gerem os seus comportamentos de maneira a reagir coletivamente; por fim, a terceira função é a de transmitir o património cultural da sociedade.

A estabilidade da sociedade só é possível ser mantida através da coordenação e adaptação dos comportamentos dos indivíduos em relação aos outros. O papel da comunicação nesta situação é permitir que os membros da sociedade comuniquem de modo a adaptarem os seus comportamentos e manterem o equilíbrio (Rüdiger, 2011, p. 55).

²¹ O ponto de vista behaviorista está relacionado com o ramo da psicologia, Behaviorismo (do inglês behavior = comportamento). De modo geral, o Behaviorismo toma o comportamento humano como foco de estudo, pretendendo mostrar que os comportamentos podem ser ações produzidas em resposta a um estímulo exterior.

Se numa sociedade os seus membros comunicam com a intenção de manter a estabilidade, pode entender-se que os processos de comunicação presentes nessa sociedade influenciam o modo como vivem. A partilha de experiências comuns e de uma visão exclusiva do mundo por membros do mesmo grupo social são fatores influenciadores da comunicação. “Quando as pessoas não pertencem ao mesmo grupo social e não compartilham do mesmo campo de experiência, as mensagens são filtradas e o processo de influência diminui suas chances de sucesso” (Rüdiger, 2011, p. 64).

Segundo Luhmann (2000, p. 66),

*(...) os meios de comunicação em massa não são meios no sentido de fornecer informações a partir daqueles que conhecem para aqueles que não conhecem. São meios na medida em que tornam acessível um conhecimento de base que tomam como partida para a comunicação. (...) O meio fornece um vasto, embora limitado, leque de possibilidades a partir do qual a comunicação pode selecionar certas formas, quando é necessário decidir em relação a algum tópico em particular.*²²

Uma vez compreendido que os meios de comunicação em massa representam simplesmente um meio de transmissão de informação, Luhmann (2000) afirma que estes não influenciam o comportamento das pessoas, mas apenas são o veículo que torna possível a distribuição da influência.

Assim, os meios de comunicação não só contribuem para o equilíbrio da sociedade, como também pode contribuir para a destabilização da vida quotidiana dos indivíduos.

Tendo em consideração os modos como os meios de comunicação social influenciam a vida quotidiana dos membros das sociedades e as suas perceções da realidade que os rodeia, é possível fazer a ligação destes com o processo de transmissão de conhecimentos entre culturas e, posteriormente, compreender de que maneira estes meios de difusão de informação cumprem um papel importante na transmissão de estereótipos e preconceitos.

Porém, é primeiro necessário entender de que modo a cultura e a comunicação estão interligadas. Partindo da afirmação de Edward Hall (1959, p. 217), “cultura é comunicação e comunicação é cultura,” em conjunto com o que é entendido definir sociedade, é possível criar uma base que leva à relação destes termos com os meios de comunicação.

²² “So mass media are not media in the sense of conveying information from those who know to those who do not know. They are media to the extent that they make available background knowledge and carry on writing it as a starting point for communication. (...) The medium provides a huge, but nonetheless limited, range of possibilities from which communication can select forms when it is temporarily deciding on particular topics.” (TdA)

Ninguém nasce a saber como agir ou como se expressar. Estas ações são aprendidas quando crianças, que, inicialmente, aprendem, inconscientemente, as atitudes e valores da cultura em que estão inseridas, sendo essas atitudes e valores representados, por exemplo, pelo modo como se dirigem às outras pessoas ou, simplesmente, como se vestem.

Se uma pessoa cresce submergida em determinada cultura, e o modo como experiencia o mundo é influenciado por esta, é natural que a maneira como comunica seja também influenciado por esta. Assim sendo, a existência de diversas culturas permite a existência de diversas formas de comunicação.

No entanto, é de ter em conta que, a comunicação pode, também, influenciar a cultura. Alfred G. Smith (1966, apud Samovar & Porter, 2002b, p.7) refere a este respeito:

*Na sociedade moderna, pessoas diferentes comunicam de modos diferentes, tal como as pessoas em diferentes sociedades à volta do mundo; e o modo como elas comunicam é o modo como elas vivem. É a sua cultura. Quem fala com quem? Como? E sobre o quê? Estas são questões sobre comunicação e cultura. (...) Quando os elementos da comunicação diferem ou mudam, os elementos da cultura diferem ou mudam. Comunicação e cultura são inseparáveis.*²³

Samovar e Porter (2002b), definem um conjunto de características da cultura que permitem compreender a influência desta sobre a comunicação.

A primeira característica definida (já referida anteriormente) é a ideia de que a cultura não é inata ao ser humano, é sim aprendida. Esta aprendizagem é feita através da interação com os outros, da observação e da imitação. Deste modo, a pessoa experiencia a cultura e o que a define, ou seja, as atitudes, as crenças, os valores, as hierarquias, os relacionamentos, entre outros fatores que distinguem as diversas culturas.

A cultura é, ainda, etnocêntrica, isto é, os membros de uma comunidade vêem a sua cultura como a mais importante, interpretando e julgando as outras em referência à sua. Estas interpretações e julgamentos definem o modo como os membros duma cultura comunicam com os membros de outra.

Outras características referidas são a de a cultura ser transmitida ao longo das gerações e que, apesar desta transmissão, a cultura está sempre sujeita a alterações, sendo que a estrutura base da

²³ "In modern society different people communicate in different ways, as do people in different societies around the world; and the way people communicate is the way they live. It is their culture. Who talks with whom? How? And about what? [T]hese are questions of communication and culture. (...) When the elements of communication differ or change, the elements of culture differ or change. Communication and culture are inseparable." (TdA)

cultura se mantém a mesma. Estas alterações são propiciadas pela comunicação. Como referido previamente, “quando os elementos da comunicação diferem ou mudam, os elementos da cultura diferem ou mudam” (Smith, 1966, apud Samovar & Porter, 2002b, p. 7). Com o desenvolver das comunicações entre pessoas, sejam estas pertencentes ao mesmo grupo social ou não, é natural que ideias e experiências sejam partilhadas, influenciando, assim, as culturas, que se adaptam à existência uma das outras, por vezes apropriando padrões de outras culturas para si próprias.

Por fim, a característica que, possivelmente, é a mais importante para compreender a relação entre cultura e comunicação é a noção de que a cultura é baseada em símbolos. A existência de símbolos, como a língua, que pode ser verbal e não verbal, permite, primeiramente, a transmissão dos conhecimentos e experiências dentro de uma cultura, e eventualmente, a troca de conhecimentos entre duas culturas distintas. Samovar e Porter (2002a, p. 178) clarificam esta questão nos termos que seguem:

O que é simbolizado e o que os símbolos representam são funções de cultura. Deste modo, a maneira como usa os símbolos verbais é, também, uma função de cultura. (...), o modo como fala ou pensa sobre as coisas deve seguir as regras da sua linguagem. Uma vez que os símbolos e as regras são culturalmente determinados, como e o que pensa ou fala é, na verdade, uma função da sua cultura. (...)

(...)Ser um comunicador intercultural eficaz requer que se esteja ciente da relação entre cultura e língua. Além disso, exige que se aprenda e saiba sobre a cultura da pessoa com quem está a tentar comunicar, para que possa entender melhor como a língua dele ou dela a representa.²⁴

Em contraste com a definição de língua como “função de cultura,” Xu Guo e Mei Lin (2002) entendem que a língua e cultura são indissociáveis, uma vez que a língua não só reflete a cultura, como também é um meio de transmissão desta, sendo que se influenciam mutuamente. Os autores (2002, p. 121) explicam esta relação do seguinte modo:

²⁴ “What comes to be symbolized and what the symbols represent are very much functions of culture. Similarly, how you use your verbal symbols is also a function of culture. (...), and how you speak or think about things must follow the rules you have for using your language. because the symbols and rules are culturally determined, how and what you think or talk about are, in effect, a function of your culture. (...) To be an effective intercultural communicator requires that you be aware of the relationship between culture and language. It further requires that you learn and know about the culture of the person with whom you are trying to communicate so that you can better understand how his or her language represents that person.” (TdA)

*Por um lado, a linguagem faz parte da cultura. Num sentido restrito, cultura é o fator subjetivo desenvolvido pela humanidade a partir de práticas sociais e atividades de consciencialização ao longo do tempo. Por outro lado, a linguagem é o meio de transmissão da cultura. A linguagem é o instrumento que permite o pensamento e a comunicação entre os seres humanos, desempenhado um papel fundamental na criação e evolução da cultura. (...) o desenvolvimento e enriquecimento da linguagem é a premissa para o desenvolvimento da cultura (...).*²⁵

Deste modo, e recorrendo de novo à afirmação de Alfred G. Smith (1966, apud Samovar & Porter, 2002b, p. 7), “comunicação e cultura são inseparáveis,” a língua permite que esta ligação seja ainda mais forte, uma vez que esta, não só é uma representação da cultura de uma comunidade, como também é o meio que torna a comunicação entre pessoas possível.

A língua de uma comunidade, em conjunto com as suas regras gramaticais e de sintaxe, o modo direto ou indireto, mais formal ou menos formal, como as pessoas se expressam, a postura e comportamento destas, representam os valores e as ideias da cultura de cada comunidade.

Assim, os processos de comunicação não só fazem parte da cultura de cada sociedade, sendo possíveis através da língua e da linguagem, como também a cultura representa uma particularidade da comunicação, uma vez que o modo como as pessoas comunicam dentro da sua comunidade é influenciada por fatores culturais que estão presentes nas suas vidas desde a infância, ao ponto de as pessoas não se aperceberem da sua existência até entrarem em contacto com outras comunidades.

Com o aumento do contacto das sociedades e da criação de relações entre elas, a necessidade de meios que facilitassem, tanto a comunicação entre pessoas de comunidades diferentes, como a transmissão de conhecimento e informação sobre outras sociedades, também aumentou.

Os meios de comunicação em massa vieram auxiliar nesta atividade de permitir a pessoas de comunidades distintas conhecerem-se, seja em termos religiosos, políticos ou culturais, seja a nível nacional ou pessoal. Através de filmes, documentários, notícias, artigos, entre outros, foi possível às sociedades acumularem celeremente conhecimento internacional, à distância de um instrumento mediador de informação, como é o caso do jornal, da rádio, da televisão ou do computador.

Contudo, apesar das vantagens que os meios de comunicação social propiciam à sociedade, também estes métodos podem revelar-se perturbadores para a estabilidade desta.

²⁵ “一方面，语言是文化的一部分。根据文化的狭义定义，文化是人类从社会实践和意识活动中长期氤氲化育出来的主观因素。而语言则是人类对客观事物的认识和感受的反映，属于人类文化的一部分。另一方面，语言是文化的载体。语言是人类思维和交流的工具，语言在人类文化的起源与进化过程中起着关键性的作用，(…)语言的发达和丰富是整个文化发展的前提 (…)” (TdA)

Mesmo que as diferentes sociedades estejam cada vez mais dispostas e recetíveis a aceitarem-se mutuamente, a existência de estereótipos e preconceitos em relação aos outros continua a ser um fator notável. Os meios de comunicação são um dos responsáveis pela manutenção destas crenças predispostas em relação a membros de outros grupos sociais.

O tipo de informação, o contexto em que a transmitem, a linguagem que é utilizada e a imagem geral que é passada de outras comunidades são fatores que, mesmo que inconscientemente, contribuem para a manutenção de estereótipos, uma vez que a ideia transmitida pelos média pode ser o primeiro contacto que alguém tem com outro grupo social, ou o modo como a mensagem é interpretada, ou mesmo discutida entre membros duma sociedade, leva à formação e conservação de uma opinião pública que pode ser tendenciosa.

1.3 A Cultura e Sociedade Chinesas nos Meios de Comunicação Social Portugueses

A comunicação entre os portugueses e o povo chinês tem cerca de quinhentos anos de história, tendo esta começado com a chegada dos navegadores portugueses ao Oriente para o comércio de especiarias, sedas e porcelanas.

Na época, o primeiro contacto entre portugueses e chineses não foi notícia na rádio ou televisão, nem foi partilhada por milhares de pessoas em redes sociais, como o Facebook. Em modos mais simples, e por motivos óbvios, nem uma chamada telefónica ou o envio de uma mensagem por telégrafo era possível fazer. A comunicação acerca dos povos de onde eram oriundos os produtos exóticos que chegavam a Portugal era feita através de anotações, cartas e compilações redigidas por navegadores que seguiam nas naus. Esta comunicação era mais demorada, uma vez que este conhecimento só era adquirido pelos portugueses em Portugal quando os livros colecionados chegavam a território português.

As primeiras informações que chegaram a Portugal acerca da sociedade chinesa foram transmitidas pela carta escrita por Cristovão Vieira, membro da comitiva do embaixador Tomé Pires, cuja embaixada foi a primeira a procurar estabelecer relações diretamente com o imperador da China, tendo sido aprisionada em Cantão, em 1517, devido a “uma certa prepotência e falta de tacto dos portugueses ao abordarem a civilização chinesa”(Loureiro, 1990), em junção com uma outra carta, escrita por Vasco Calvo, um mercador português.

O conteúdo destas cartas, entre outros assuntos, referenciava pormenores sobre a China, como a sua geografia, bem como o funcionamento da sua sociedade, em termos de organização económica, potencialidades comerciais, recursos bélicos, sistema judicial, a vida quotidiana dos chineses, etc.(Loureiro, 1990).

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, assim como o surgimento da imprensa, cada vez mais livros, dos temas mais variados, começaram a ser publicados. Em Portugal surgiram obras literárias que tomavam a China como pano de fundo, ou simplesmente faziam alusão a esta através de personagens com nacionalidade chinesa.

A *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto²⁶, é tida por muitos autores como uma obra de ficção, pondo em causa a autenticidade das experiências relatadas pelo autor terem sido, de facto, vividas por este. No entanto, é uma obra que, no século XVII, marcou a diferença “com o novo mundo luso-asiático”, ao mostrar “uma aventura narrada na primeira pessoa, tal como uma confissão de viajante que se vê submetido a inúmeras experiências.” (Matias, 2007, p. 127).

Outras obras literárias portuguesas que deram a conhecer, de uma maneira mais ou menos fidedigna, a China e a sua realidade são *O Mandarim*, de Eça de Queiroz, *O Confronto do Olhar*, de Luís de Albuquerque e outros, *Ministros da Noite*, de Ana Barradas, *Amor e Dedinhos de Pé*, de Henrique Senna Fernandes, entre outros (Matias, 2007, pp. 127-129).

Com a chegada dos meios de comunicação em massa é cada vez mais fácil aceder a informação sobre a China, nos mais variados tipos de meios de comunicação. Hoje em dia é possível assistir a séries e filmes produzidos na China, séries e filmes nacionais ou internacionais com personagens de nacionalidade chinesa; assistir às notícias mais recentes nos telejornais, ou lê-las, tanto em jornais físicos, como *online*; passar informação, seja numa conversa na pausa do trabalho, seja com uma partilha nas redes sociais.

O relatório *The Reuters Institute Digital News Report*, publicado anualmente pelo Reuters Institute for the Study of Journalism, da Universidade de Oxford, avalia os hábitos de consumo de notícias em 38 países.

Segundo o relatório referente ao ano de 2019 (Pinto-Martinho, Paisana, & Cardoso, 2019), a televisão é o meio mais utilizado para a obtenção de notícias pelas audiências portuguesas, sendo que as notícias *online* não se encontram muito atrás.

Com o crescente uso da Internet para a consulta de notícias, o jornal português, *Diário de Notícias*, abandonou a impressão de edições diárias, apostando na edição *online*, com intuito de “consolidar a marca como uma fonte diária de notícias num ambiente digital renovado.”²⁷

²⁶ Fernão Mendes Pinto foi um explorador português da Época dos Descobrimentos, no século XVI. A *Peregrinação* é o resultado das suas expedições pelo oriente, onde fez uma descrição detalhada do que viu ao longo das viagens, tendo sido escrita após o seu regresso a Portugal.

²⁷ “(...) consolidate the brand as a daily source of news in a renewed digital environment.” (TdA), consultado em <http://www.digitalnewsreport.org/survey/2019/portugal-2019/>, consultado a 04/09/2019, às 8h43

Em virtude de os jornais *online* serem cada vez mais um meio de leitura de notícias, pode partir-se da consulta destes, de modo geral, para compreender de que maneira as audiências portuguesas são informadas em relação ao que acontece na China.

Não obstante, antes de prosseguir para essa análise, é apropriado compreender o que define um acontecimento como notícia.

Segundo Mauro Wolf (2006, p. 195), noticiabilidade é “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e tipo de acontecimentos, entre os quais há que seleccionar as notícias (...).” Jorge Pedro Sousa (1999) acrescenta ainda que “a noticiabilidade, é uma qualidade que, (...), encontra explicação na conjunção de vários fatores conformativos principais: a acção pessoal, a acção social, a acção ideológica e a acção cultural.”

Shoemaker (1991, apud Sousa, 1999) entende que os critérios de noticiabilidade incluem, entre outros, fatores como a oportunidade, a proximidade, o impacto, o interesse, o conflito ou a controvérsia, a negatividade, a frequência, o sensacionalismo e a novidade.

Por seu lado, Teun A. van Dijk (1990, apud Sousa, 1999) afirma que os valores da notícia estão assentes em termos económicos (lucro, vendas, etc.), bem como a produção de notícias “no seio de uma atmosfera competitiva.” Van Dijk (1990, apud Sousa, 1999) definiu, ainda, os seguintes critérios de noticiabilidade: novidade, atualidade, pressuposição (o autor refere que os acontecimentos só são entendíveis por intermédio de informações anteriores), consonância com normas, valores e atitudes compartilhadas, relevância, proximidade (não só geográfica, mas também social e psicoafectiva) e desvio e negatividade (assistir a notícias negativas promove no indivíduo sentimentos de alívio e tensão, ao comprovar que tais acontecimentos negativos acontecem aos outros e não a si, funcionando como “um sistema emocional de autodefesa”).

Ainda em termos de justificar o que faz de um acontecimento notícia, Fraser Bond (1962, apud Sousa, 1999), defende que “o que o público quer carrega o significado económico de ser aquilo que ele compra. (...) Ao repórter inteligente não escapam nunca as tendências do mercado.” Jorge Pedro Sousa (1999) afirma, a este respeito, que

(...) para o êxito comercial importaria privilegiar histórias relacionadas com os interesses próprios da audiência e também as que envolvessem dinheiro, sexo, crime, culto de herói e da fama, conflitos (guerras, greves, homem contra a natureza, pessoa contra a sociedade, conflitos entre grupos políticos e económicos, etc.), descobertas e invenções.

Jorge Pedro Sousa (1999), apresenta, ainda, outros critérios defendidos por outros autores, como é o caso do fator atualidade, por Nelson Traquina, a audiência, a acessibilidade e a adaptação, critérios sugeridos por Golding, assim como a factibilidade, sugerido por Altheide.

Recentemente, a maioria das notícias tratadas pelos meios de comunicação portugueses acerca da China são de caráter sociopolítico, sendo que são referentes às manifestações pró-democracia e contra a lei de extradição em Hong Kong. Fazendo uma pesquisa por alguns dos jornais *online* mais utilizados pelo público português, pode encontrar-se as mais recentes informações em relação a este assunto, como é o caso do *Jornal de Notícias*, dia 2 de setembro, como se observa na Figura 4, onde se destacam as notícias relevantes a vermelho:²⁸

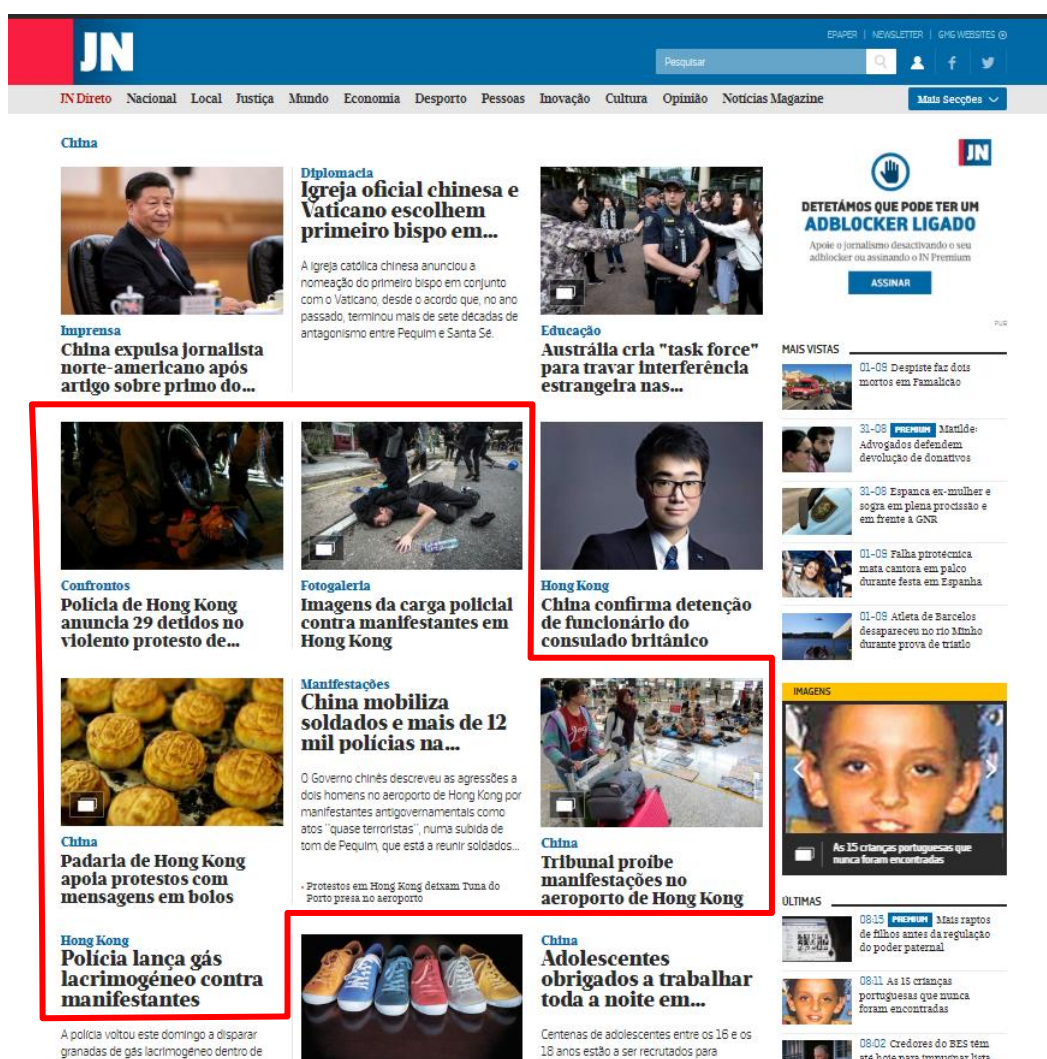


Figura 4: *Jornal de Notícias*, a 02/09/2019

²⁸ <https://www.jn.pt/>, consultado a 02/09/2019, às 8h30

Ou, ainda, o caso de *Notícias ao Minuto*, dia 4 de setembro (cf. Figura 5), onde este assunto é notícia na página principal do site:²⁹

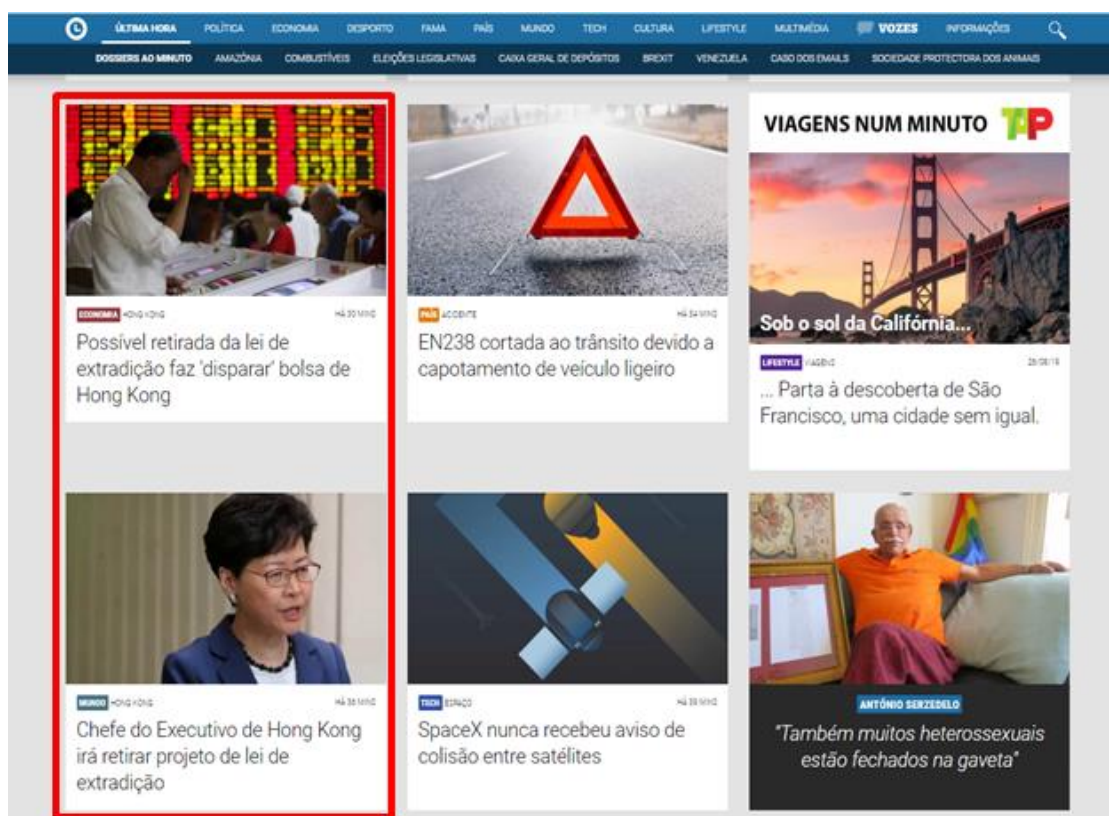


Figura 5: *Notícia ao Minuto*, a 04/09/2019

Apesar de as notícias mais recentes se focarem, sobretudo, neste tema em específico, tendo em conta as implicações que os acontecimentos de Hong Kong representam não só para a China, mas também para as relações internacionais desta região administrativa, com uma pesquisa continuada pelos diferentes sites dos jornais *online* é possível encontrar informação que vai para além dos assuntos políticos. Contudo, a política e as relações internacionais da China, são temas com maior cobertura.

Assim, é possível encontrar uma variedade de temas, desde o desporto, ao turismo ou assuntos sociais, tanto com teor positivo, como negativo. A título de exemplo, observem-se as notícias que se encontram no site do *Diário de Notícias*³⁰ onde é possível observar a diferença entre o número de notícias que podem ser consideradas positivas, como “China prepara-se para eliminar restrição ao número de filhos,” “Testaram qigong em estudantes de Gaia. E conquistaram os chineses,” “A transformação de uma maquilhadora num quadro do século XVII,” “África chega à China para oferecer futuro e receber financiamento”, assim consideradas por se relacionarem com feitos otimistas, como o levantamento de

²⁹ <https://www.noticiasao minuto.com/>, consultado a 04/09/2019, às 9h56

³⁰ <https://www.dn.pt/tag/china.html>, consultado a 02/09/2019, às 10h54

uma restrição, permitindo às famílias terem mais do que um filho, o ensino da tradição chinesa em escolas portuguesas, neste caso o ensino de qigong³¹, ou ainda o desenvolvimento económico de países africanos devido ao investimento chinês, das negativas, como é o caso de “Chinês condenado à morte depois de ter assassinado e congelado a mulher,” “China regista verão mais quente desde 1961,” “Um quinto da população chinesa com mais de 60 nos em 2017,” “China prepara lei para controlar informação religiosa na internet,” “‘Uber chinês’ vai incluir um botão para chamar a polícia,” “China acusada de prender muçulmanos em campos de reeducação política,” “China acusada de pressionar universidade espanhola a anular evento sobre Taiwan”, associadas a temas como o homicídio, aquecimento global, envelhecimento da população e controlo da opinião pública (cf. Figura 6 e Figura 7):



Figura 6: Diário de Notícias, há um ano atrás

³¹ Do chinês 气功 (*qì gōng*), é um tipo de arte marcial, cujo o exercício tem a finalidade de estimular e promover a circulação da energia *qi* (energia vital) no corpo.

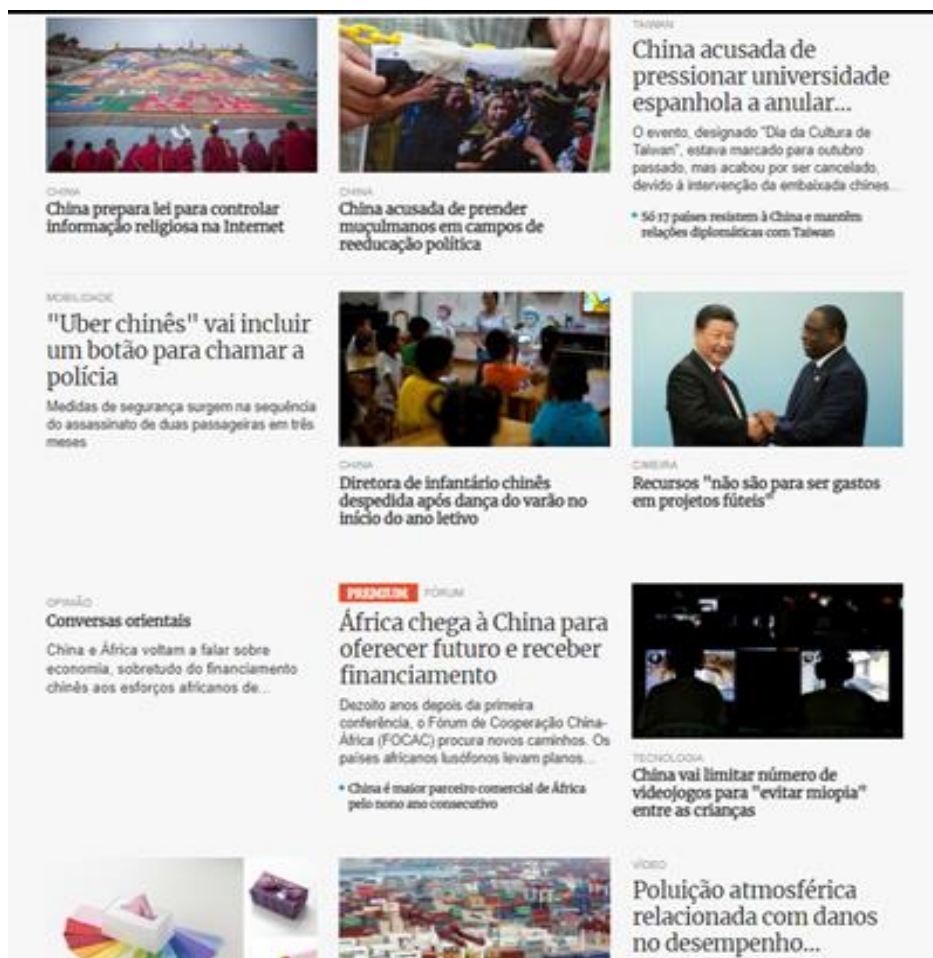


Figura 7: *Diário de Notícias*, há um ano atrás (cont.)

É, ainda, possível encontrar diferenças no modo de apresentação das notícias através do tamanho da letra, diferença vista, por exemplo, entre a notícia “Testaram qigong em estudantes de Gaia. E conquistaram os chineses” e a imediatamente ao lado “Chinês condenado à morte depois de ter assassinado e congelado a mulher” (cf. Figura 6), assim como através da linguagem usada nos títulos destas, sendo exemplo deste caso a notícia “China prepara-se para eliminar restrição ao número de filhos,” onde o uso do vocábulo “eliminar” pode remeter para algo negativo, usado deste modo para atrair a atenção do público, não sendo encontrado o uso deste vocábulo no corpo do texto da notícia, onde, no entanto, se pode encontrar o uso de vocábulos com cunho positivo, como “permitir”³² (cf. Figura 6).

Como referido anteriormente, os acontecimentos ganham valor de notícia de acordo com determinados sentimentos que conseguem despertar no público. O modo de captar a atenção dos leitores é recorrendo a eventos, bem como a linguagem, que provoquem surpresa e/ou o sentimento de

³² <https://www.dn.pt/mundo/interior/china-prepara-se-para-eliminar-restricao-ao-numero-de-filhos-9771025.html>, consultado a 26/09/2019, às 15h33

distância que faça o indivíduo sentir-se melhor e mais seguro em comparação ao outro. Deste modo, a maioria das notícias publicadas são de natureza negativa, independentemente do tema, como é possível visualizar, passando em revista os mesmo sites de notícias, através da pesquisa da palavra-chave “china.”

Tome-se o caso do *Jornal de Notícias*³³ como exemplo, onde, num conjunto de doze notícias é possível identificar cerca de 8 notícias negativas, ou que são o resultado de um acidente ou desastre (cf. Figura 8):

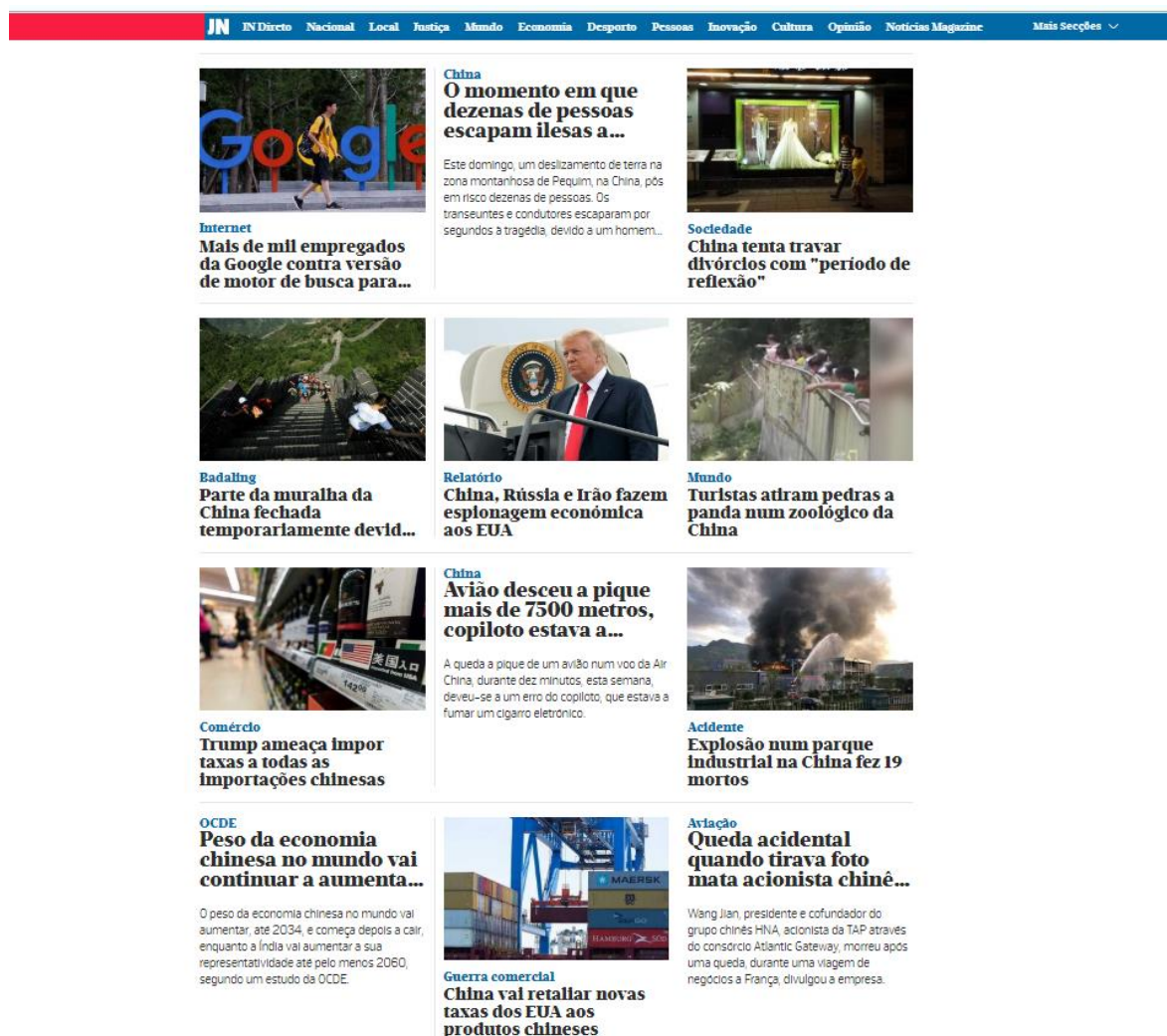


Figura 8: *Jornal de Notícias*, há um ano atrás

³³ <https://www.jn.pt/tag/china.html>, consultado a 02/09/2019, às 10h49

Fazendo, ainda, uma pesquisa nos mesmos sites pela palavra-chave “china,” juntamente com organização das notícias por ordem de relevância, independente da data, faz-se o seguinte apanhado de notícias no *Diário de Notícias*³⁴ (cf. Figura 9) e no *Jornal de Notícias*³⁵ (cf. Figura 10 e Figura 11):

Diário de Notícias

Huawei: como Portugal foi parar ao meio da guerra comercial EUA ...
 6 Mar 2019 ... Huawei: como Portugal foi parar ao meio da guerra comercial EUA-China. Autoridades norte-americanas pressionam país a cancelar parceria ...

Jackson Martinez será o 5.º mais bem pago do mundo
 3 Feb 2016 ... A transferência de Jackson Martinez para o Evergrande da China terá chocado meio mundo do futebol. É verdade que o ex-jogador do FC ...

Da China à França. Bolsonaro declara guerra ao mundo
 26 Ago 2019 ... Ainda antes da tragédia da Amazônia, o presidente do Brasil já causava atritos com o mundo árabe, com a China e com o Irão. Com Cuba e ...

China
 Homem esfaqueia 10 crianças à porta de uma escola na China. Oito crianças morreram no ataque no primeiro dia do ano letivo na China. Este tipo de ...

Depois de Cuba, diplomatas alvo de "ataques sónicos" na China
 7 Jun 2018 ... Norte-americanos que trabalham no consulado de Cantão foram repatriados para fazer mais testes médicos.

Trump admite repensar guerra comercial com a China. Casa Branca ...

Figura 9: *Diário de Notícias*, organização por relevância

³⁴ <https://www.dn.pt/pesquisa.html?q=china>, consultado a 04/09/2019, às 16h53

³⁵ <https://www.jn.pt/pesquisa.html?q=china>, consultado a 04/09/2019, às 17h00

Atacante mata oito crianças à facada em escola primária na **China**



Há 1 dia ... Um homem armado com uma faca entrou numa escola primária no centro da **China** e matou oito crianças. O fenómeno é comum no país.

China - JN

O Jornal de Notícias é um título incontornável no panorama da imprensa portuguesa. No Jornal de Notícias online acompanhe as notícias, os vídeos, os áudios ...

Cristiano Ronaldo "mete água" na chegada à **China**



22 Jul 2019 ... Depois das imagens da polémica substituição no jogo com o Tottenham, Cristiano Ronaldo volta a dar que falar por um gesto na chegada à ...

China atribui protestos "violentos" em Hong Kong a ...



12 Jun 2019 ... Uma pesquisa no motor de busca chinês Baidu, líder no país, - o Google está bloqueado na **China** - indica que a imprensa em língua chinesa, ...

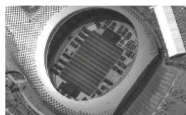
China inaugura maior ponte de vidro do mundo



25 Dez 2017 ... **China** inaugura maior ponte de vidro do mundo. Ponte tem 488 metros de comprimento e está suspensa a 218 metros de altura.

Figura 10: Jornal de Notícias, organização por relevância

China mobiliza soldados e mais de 12 mil polícias na fronteira de ...



14 Ago 2019 ... O Governo chinês descreveu as agressões a dois homens no aeroporto de Hong Kong por manifestantes antigovernamentais como atos ...

Autoestrada de 2000 km vai ligar a Europa à **China**



10 Jul 2019 ... A nova autoestrada completará uma estrada intercontinental contínua entre a Europa e a **China**, com mais de oito mil quilómetros, o que ...

Depois da lua artificial, **China** cria sol para controlar o clima



17 Nov 2018 ... Um grupo de cientistas da **China** construiu um "sol artificial" para produzir energia e combater as alterações climáticas. É mais uma tentativa ...

Purificador de ar com 100 metros de altura reduz poluição na **China**



16 Jan 2018 ... O maior purificador do ar no mundo, com 100 metros de altura, em funcionamento no centro da **China**, está a reduzir o nível de poluição ...

Universidade quer liderar relações entre PALOP e **China**



10 Jun 2019 ... Um elo de ligação entre a **China** e a lusofonia. É o que pretende ser a Universidade de Coimbra, tendo criado, para esse efeito, a Academia ...

Figura 11: Jornal de Notícias, organização por relevância (cont.)

Enquanto que, no conjunto de notícias retiradas do *site* do *Diário de Notícias*, a maioria é relacionada a “Guerra Comercial” em que a China está envolvida (sendo que o vocábulo “guerra” tem conotação negativa, é possível dizer que estas notícias têm, consequentemente, conotação negativa), ao observar as notícias retiradas do *Jornal de Notícias*, quando organizado por ordem de relevância, nota-se que há uma boa distribuição de notícias negativas, como “Atacante mata oito crianças à facada em escola primária na China,” “Cristiano Ronaldo ‘mete água’ na chegada à China,” “China atribui protestos ‘violentos’ em Hong Kong a ‘interferência estrangeira’” e “China mobiliza soldados e mais de 12 mil polícias na fronteira de Hong Kong” e notícias positivas, como “China inaugura maior ponte de vidro do mundo,” “Autoestrada de 2000 km vai ligar a Europa à China,” “Depois da lua artificial, China cria sol para controlar o clima,” “Purificador de ar com 100 metros de altura reduz poluição na China” e “Universidade quer liderar relações entre PALOP e China.”

A sociedade portuguesa retira muito do seu conhecimento dos meios de comunicação. De acordo com as informações partilhadas no *2019 Digital News Report*,³⁶ Portugal encontram-se entre os países cuja população mais acredita nas informações encontradas nos seus meios de comunicação. Deste modo, pode conjecturar-se que o público português mais facilmente cria os seus juízos de valor acerca da sociedade chinesa com base no tipo de notícias que presenciam nos média. Quanto mais negativas forem as notícias, a perceção da China como um país problemático, injusto ou pouco seguro será maior.

Ao entrar em contacto com notícias deste género, as pessoas tendem a esquecer o que se passa no seu próprio país, isto referindo não só acontecimentos e aspetos negativos do país, como também acontecimentos e aspetos positivos, passando a julgar que o outro país se encontra numa situação pior.

Estas opiniões não são retiradas apenas a partir da leitura de jornais, como também assistindo televisão, especialmente, os telejornais nacionais.

A China é um país vasto, com uma área e população muito superior a Portugal, sendo que esta generalização feita a partir de um número reduzido de notícias poderá ser propícia a criar conclusões precipitadas, ou até mesmo erróneas, por parte da sociedade portuguesa.

Não é de esquecer, no entanto, que os meios de comunicação portugueses oferecem, também, programação cultural acerca da China, como é exemplo o programa *China Hour*, do canal televisivo

³⁶ <http://www.digitalnewsreport.org/survey/2019/portugal-2019/>, consultado a 06/09/2019, às 10h47

português *Porto Canal*, onde é possível assistir não só a documentários, como também a séries televisivas chinesas.³⁷

Este tipo de programação contribui para uma maior educação dos portugueses em relação ao funcionamento da sociedade chinesa, desde a sua história, aos seus costumes e valores sociais.

Os produtores de programas de entretenimento portugueses, referindo, neste contexto em particular, as telenovelas, têm vindo a diversificar as personagens, apresentando algumas de origem asiática, como por exemplo, o “chinês,” da telenovela do canal SIC, *Poderosas*, emitida entre os anos de 2015 e 2016.

Conclui-se, assim, que as informações transmitidas pelos meios de comunicação, neste caso particular dos meios de comunicação portugueses, são importantes para o desenvolvimento da opinião pública. Dependendo do tipo de informação a que os portugueses têm acesso, estes vão fortalecer diferentes ideias acerca da sociedade chinesa. Se os meios responsáveis pela difusão de noticiário apenas derem importância às notícias de acontecimentos trágicos, os portugueses podem criar uma ideia incorreta da China; o modo como uma pessoa de nacionalidade chinesa é representada numa telenovela, pode influenciar o modo como os portugueses vão julgar o funcionamento da sociedade chinesa.

Uma vez que os meios de comunicação exercem uma influência tão grande nos modos de pensar, estes são responsáveis por fazer e apresentar da forma mais fiel possível a cultura e sociedade chinesa. De outro modo, levam à possibilidade de criação e manutenção de opiniões preconceituosas, como é exposto no capítulo seguinte.

³⁷ <https://www.prensario.tv/novedades/1353-porto-canal-launches-weekly-program-china-hour-from-citvc-in-september>, consultado a 06/09/2019, às 11h14

2. CAPÍTULO II - ANÁLISE DE DISCURSO, ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITOS E CULTURA

O conceito de cultura, partindo para termos mais particulares, pode ser relacionado com o modo como os estereótipos e preconceitos influenciam os comportamentos sociais das comunidades. O modo como as diferentes culturas são percebidas umas pelas outras é o fator que permite a formação e a posterior manutenção de estereótipos e preconceitos entre sociedades.

O termo cultura não tem uma definição que abranja todos os campos científicos existentes. Uma única definição de cultura é capaz de representar apenas uma determinada perspectiva de investigação; a junção de diferentes definições pode encobrir fatores importantes de cada definição, tornando-se, assim, problemático (Baldwin, J. R., Faulkner, S. L., Hecht, M. L., & Lindsley, 2005, p. 24).

A existência das mais variadas definições de cultura permitiu a criação de um livro, por parte de A. L. Kroeber and Clyde Kluckhohn, onde estes compilaram cerca de 150 definições diferentes e expuseram as relações entre elas (Baldwin et al., 2005).

Dentro deste raciocínio, Baldwin, Coleman, González e Shenoy-Packer (2014, p. 55) optam por definir cultura como

(...) o modo de vida de um grupo de pessoas, incluindo símbolos, valores, comportamentos, artefactos e outros aspetos partilhados, que evolui, continuamente, conforme as pessoas partilham mensagens, sendo, frequentemente, o resultado de conflitos entre grupos com diferentes perspetivas, interesses e relações de poder.³⁸

Deste modo, relacionando cultura com estereótipo e preconceito, pode compreender-se cultura como o modo de vida de um grupo de pessoas que partilham aspetos históricos e crenças. Este modo de vida está em constante evolução à medida que diferentes grupos sociais entram em contacto uns com os outros. É o contacto criado entre os grupos que, por vezes, resulta em conflitos, levando à criação de ideias e conceitos para definirem outras culturas, num intuito de defenderem as suas próprias crenças e costumes. A cultura de um grupo, isto é, o sentimento de pertença de um indivíduo para com o grupo com quem partilha uma cultura, influenciam a sua mentalidade e modo como irá interagir com um indivíduo de outro grupo. Se tal indivíduo for mais permeável para com os aspetos de fora do seu grupo, então terá mais facilidade em comunicar com outras culturas, terá maior tolerância para os aspetos que

³⁸ "the way of life of a group of people, including symbols, values, behaviors, artifacts, and other shared aspects, that continually evolves as people share messages and is often the result of a struggle between groups who share different perspectives, interests, and power relationships." (TdA)

diferenciam os grupos, não sendo tão influenciado pelos estereótipos e preconceitos presentes na sociedade (Baldwin, 2017; Stroebe & Insko, 1989).

Portanto, pode entender-se que as diferentes culturas representam um aspeto fundamental a ter em conta quando se trata de compreender os estereótipos e preconceitos, e a influência destes para a comunicação entre sociedades. Esta comunicação pode ser mediada pelos meios de comunicação, visto que estes, muitas vezes, são a primeira ponte de ligação entre as comunidades, ainda antes de estas terem contacto físico e direto.

Assim, os meios de comunicação podem ser tidos como instrumentos cruciais na transmissão de opiniões tendenciosas em relação aos membros de outras comunidades. Estas opiniões podem ser descobertas através da análise do discurso usado nos textos informativos dos média.

2.1 Análise de Discurso

A Análise de Discurso (posteriormente referida como AD) surgiu na década de 1960, sendo um campo de estudo que abarca conhecimento teórico e metodológico das mais variadas áreas das Ciências Humanísticas, desde a sociologia à psicologia, história e ciências sociais, mas com principal foco na linguística (Angermuller, Maingueneau, & Wodak, 2014, p. 1).

Apesar do estudo da AD ser feito por diferentes áreas e diversos investigadores, há estudiosos que entendem que esta surgiu da interdisciplinaridade entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, sendo que a Linguística explica os processos de enunciação do discurso, o materialismo histórico explica os fenómenos de formações sociais e ideologias e a psicanálise explica a subjetividade e a relação entre sujeito e o que é o simbólico (Gonçalves, 2016, p. 285; Paulon, Vargas do Nascimento, & Laruccia, 2014, p. 28).

Yang e Sun (2010) tentam explicar a AD através da exposição de diferentes perspetivas do estudo do discurso. De uma perspetiva linguística, a linguagem é o componente principal, no entanto, “(...) incorporam [também] na análise elementos relevantes, como o contexto e os participantes, que não apenas constituem componentes teóricos cruciais do estudo, mas também influenciam ou estabelecem restrições à aplicação prática da análise do discurso”³⁹ (Yang & Sun, 2010, p. 128).

Já na perspetiva dos estudos filosóficos, entende-se o mundo inteiro como o objeto de estudo, sendo a linguagem apenas uma fração deste (Yang & Sun, 2010, p. 131). Esta perspetiva, foca-se no

³⁹ “(...) build into analysis such relevant elements as context and participants which not only constitute crucial theoretical components of their study, but also impact or set restrictions on practical application of discourse analysis.” (TdA)

estudo da relação entre poder conhecimento e discurso, procurando compreender a formação e função do discurso, através da associação entre este e a hierarquia social, e não através do uso da linguagem. Deste modo, o discurso é “(...) um componente que constrói a sociedade. Este ajusta a relação entre o conhecimento e a sociedade, amplia ou enfraquece o poder e demonstra identidades de diferentes estatutos sociais”⁴⁰ (Yang & Sun, 2010, p. 131).

A perspetiva dos estudos literários, faz a distinção entre linguagem literária e linguagem comum, entendendo que a linguagem literária não é meramente usada para comunicação da realidade física, mas, o seu objeto de estudo, é entender o significado por trás das palavras (Yang & Sun, 2010, p. 131). O discurso literário “possui intenções psicológicas e representa factos sociais por meio das atividades mentais do leitor. Em outras palavras, através do processamento artístico, o autor confere ao discurso literário uma função psicológica, que constitui uma interação entre leitores e escritores”⁴¹ (Steen, 2004, apud Yang & Sun, 2010, p. 132).

Ainda, segundo Yang e Sun (2010, p. 132), a perspetiva dos campos interdisciplinares, que compreendem a Análise da Conversação (AC) e a Análise Crítica do Discurso (ACD), interpreta o discurso através de abordagens sociológicas e linguísticas.

A AC dá atenção a atividades comuns como se de acontecimentos extraordinários se tratassem, tendo como objetivo “ilustrar a maneira pela qual as atividades são produzidas e interpretadas, a fim de descobrir como os membros de uma comunidade estabelecem uma ordem social por meio dos recursos linguísticos”⁴² (Yang & Sun, 2010, p. 133).

A ACD estuda a linguagem dos pontos de vista social e cultural, compreendendo que o discurso é um tipo de “poder social”, “podendo interferir com atividades políticas, económicas e culturais”⁴³, assim como “manipular as pessoas através de pensamentos e atos; (...) tentando manter a estabilidade de um determinado sistema (...)”⁴⁴ (Yang & Sun, 2010, p. 132).

⁴⁰ “(...) is a component which construes society. It adjusts the relationship between knowledge and society, amplifies or enfeebls power and demonstrates identities of different social status.” (TdA)

⁴¹ “(...) possesses psychological intentions and it represents social fact via reader’s mental activities. In other words, through artistic processing, the author bestows upon literary discourse psychological function, which constitutes an interaction between readers and writers.” (TdA)

⁴² “(...) to illustrate the way in which activities are produced and interpreted so as to uncover how members of a community establish a sense of social order by means of the linguistic resources.” (TdA)

⁴³ “(...) it is able to interfere with political, economical and cultural activities.” (TdA)

⁴⁴ “(...) to manipulate people’s thoughts and acts; (...), attempting to maintain the stability of certain system (...)” (TdA)

De forma a estabelecer os âmbitos e as relações das diferentes escolas da AD, Yang e Sun (2010, p. 134), criaram o seguinte diagrama (cf. Figura 12):

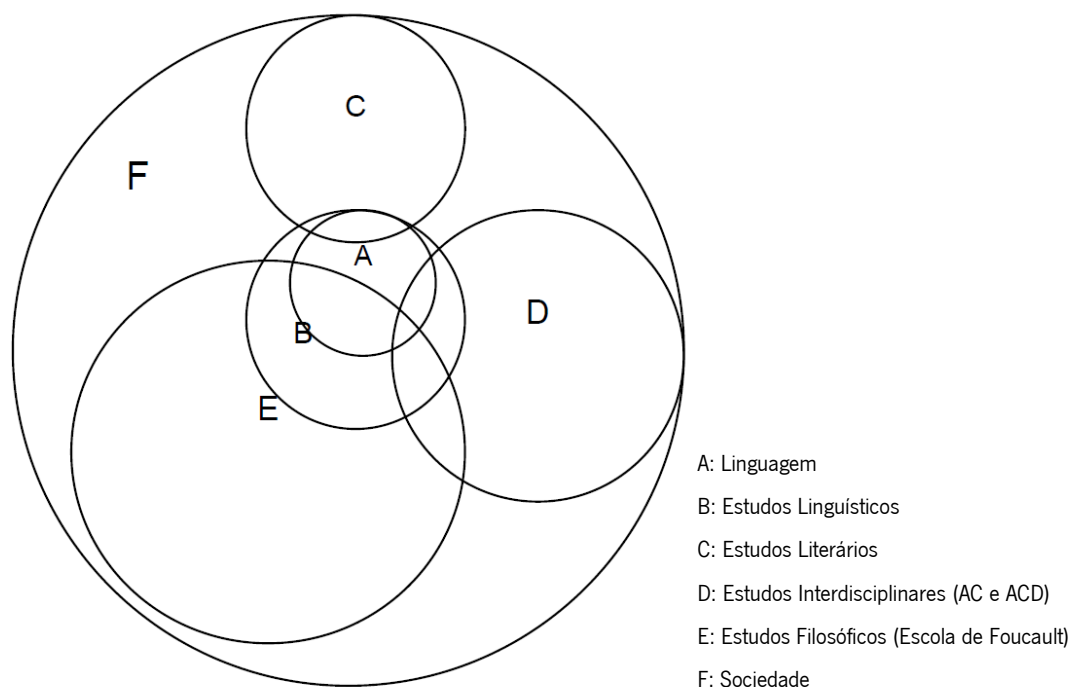


Figura 12: Âmbitos e relações entre as diferentes escolas da AD

O diagrama mostra como os diferentes estudos da AD estão ligados entre si, sendo que se sobrepõem, não havendo uma separação distinta entre cada um. De acordo com os autores (Yang & Sun, 2010, p. 134),

*[a]o implementar a análise do discurso, os estudos linguísticos dão maior destaque ao uso da linguagem. Enquanto isso, eles deliberam sobre a associação entre linguagem e sociedade, (...). Os estudos literários, por outro lado, enfatizam elementos materiais e psicológicos complexos para além da linguagem em si. Comparado com estes dois, AC e ACD estenderam as suas pesquisas da linguagem para questões sociais, que cobrem um conhecimento mais abrangente do que os estudos linguísticos e literários. Tudo isto, no entanto, não pode ser mencionado no mesmo contexto que a filosofia, que considera o mundo como o seu objeto de pesquisa.*⁴⁵

⁴⁵ "On implementing discourse analysis, linguistic studies give utmost prominence to language use. Meanwhile, they deliberate on the association between language and society (...). Literary studies, on the other hand, emphasize intricate material and psychological elements other than language itself. Compared with these two, CA and CDA have extended their research from language to social issues, which cover a more comprehensive ken than linguistic and literary studies. All these, however, cannot be mentioned in the same breath with philosophy which regards the total world as its research object." (TdA)

Angermuller, Maingueneau e Wodak (2014, p. 6) entendem que, visto que a AD pode ser estudada a partir de diferentes pontos de vista, esta necessita de tratar, pelo menos, três componentes: a linguagem, a prática e o contexto.

A linguagem designa o material semiótico, que consiste, não só em textos escritos ou orais, mas também em material audiovisual, necessário para “construir conhecimento acerca do contexto geral”; a prática “refere-se a modos específicos de apropriação e processamento da linguagem e estende-se a tudo o que pode acontecer entre os participantes de uma interação”; o contexto alude à situação ou conhecimento disponível aos participantes no discurso, sendo que esse conhecimento pode ser dependente ou transcendente à situação, individual ou partilhado por uma coletividade (Angermuller et al., 2014, p. 7).

Segundo Angermuller, Maingueneau e Wodak (2014, p.2), o discurso é usado de duas maneiras distintas:

*(...) (a) numa perspectiva pragmática, predominante entre os analistas de discurso linguístico e microsociológico, que considera o discurso como um processo ou prática de contextualização de textos, linguagem em uso, produção situada de atos de fala ou prática de falar por turnos em contexto de conversa (...); (b) numa perspectiva socio-histórica, preferida por teóricos de discurso macrosociológico, interessados em poder, para quem “discurso” refere-se a um conjunto de práticas verbais e não verbais de grandes comunidades sociais (...).*⁴⁶

De acordo com Rita Caregnato e Regina Mutti (2006, pp. 683-684), a AD faz uma interpretação qualitativa do texto, trabalhando com, bem como procurando, o seu significado, ao invés do seu conteúdo. As autoras (2006, p. 684) defendem que esta análise promove “uma leitura do texto enfocando a posição discursiva do sujeito, legitimada socialmente pela união do social, da história e da ideologia, produzindo sentidos.”

Em paralelo com esta explicação, Angermuller, Maingueneau e Wodak (2014, p. 3) afirmam que o significado não é fornecido diretamente no texto, não podendo ser “reconstruído em atos espontâneos de entendimento,” sendo que os analistas procuram entender de que modo “a ordem social é construída

⁴⁶ “(a) in a pragmatic understanding, predominant among linguistic and micro-sociological discourse analysts, which considers discourse as a process or practice of contextualising texts, language in use, the situated production of speech acts or a turn-taking practice (...); (b) in a socio-historical understanding, preferred by more macrosociological discourse theorists interested in power, for whom ‘discourse’ refers to an ensemble of verbal and non-verbal practices of large social communities (...).” (TdA)

na prática discursiva,” estando interessados “nas práticas, regras ou mecanismos que expliquem como é que o significado é negociado entre os membros de uma comunidade discursiva.”

Seguindo, ainda, a exposição de Angermuller e seus colegas (2014, p. 3), dado que as práticas discursivas são um produto da interação entre pessoas e comunidades, estas

(...) podem operar com vários tipos de meios de comunicação – oral, escrito ou multimodal – permitindo que um número maior ou menor de participantes comunique em situações cara a cara ou por meio de textos escritos (como o jornal e a televisão), sobre maior ou menor distâncias.⁴⁷

Em contraste, James Paul Gee (1999), entende que uma abordagem possível ao estudo da AD é através da análise da linguagem. Este (1999, p. 11) defende que cada indivíduo constrói a realidade à sua volta através da linguagem, uma vez que é pelo uso desta, juntamente com “ações, interações, sistemas de símbolos não linguísticos, objetos, instrumentos, tecnologias, formas de pensar, avaliar, sentir e acreditar distintas,” que são criadas as situações e os contextos.

Gee (1999, p.82) entende que a realidade é exprimida através do uso da linguagem, mas a linguagem, usada de um determinada maneira, cria uma nova realidade, i. e., uma nova situação e um novo cotexto em que é feita a comunicação. Assim, numa tentativa de explicar a relação entre a linguagem e a realidade, apresentou dois conceitos: significados situados⁴⁸ (*situated meanings*) e modelos culturais (*cultural meanings*).

Estes dois conceitos estão relacionados com o modo como “as palavras têm significados múltiplos e em constante mudança criados para e adaptados a contextos específicos de uso. Ao mesmo tempo, o significado das palavras está integralmente ligado a grupos sociais e culturais, de maneiras que transcendem as mentes individuais”⁴⁹ (Gee, 1999, p.40).

Gee (1999, p. 54) expõe ainda que “o contexto de um enunciado (oral ou escrito) é tudo na situação material, mental, pessoal, interacional, social, institucional, cultural e histórica em que o enunciado foi feito,”⁵⁰ bem como “as palavras trazem consigo, como *potenciais significados situados*,

⁴⁷ “(...) can operate with various types of media – oral, written or multimodal – allowing large or small numbers of participants to communicate in face-to-face situations or mediated through written texts (such as newspapers and television) over shorter or longer distances.” (TdA)

⁴⁸ Neste contexto, “situados” remete para significados baseados em práticas e experiências reais (Gee, 1999,p.40).

⁴⁹ “(...) words have multiple and ever changing meanings created for and adapted to specific contexts of use. At the same time, the meanings of words are integrally linked to social and cultural groups in ways that transcend individual minds.” (TdA)

⁵⁰ “The context of an utterance (oral or written) is everything in the material, mental, personal, interacional, social, institutional, cultural, and historical situation in which the utterance was made (...).” (TdA)

todos os significados situados que captaram na história e em outros contextos e discursos,”⁵¹ para concluir que os produtores e recetores de informação podem fazer uso de alguns destes “potencias significados situados,” ativando-os completa ou parcialmente, para influenciar outras pessoas, situações ou práticas sociais.

Deste modo, é possível criar uma ligação entre estes dois termos, significados situados e modelos culturais, com a formação e manutenção de estereótipos e preconceitos, compreendendo que os estereótipos e preconceitos carregam, também, “potenciais significados situados.”

Perante tudo o exposto, é evidente que o contexto em que é feito o discurso é um fator importante para a sua análise e compreensão.

Se o discurso de cada indivíduo, em situação de interação social, estiver fundamentado em “posições específicas”, sendo que “veem e interpretam o mundo a partir dessa posição estratégica escolhida em termos de imagens, símbolos, metáforas, valores, histórias e aspetos socioculturais” (Adjei, 2013, p. 2), então

*(...) o discurso e o posicionamento dos indivíduos nas interações sociais refletem, em grande parte, os repertórios interpretativos disponíveis ou práticas discursivas incorporadas no contexto em que estão inseridos, e podem ser entendidos pela agregação dos seus sistemas de crenças, valores e experiências socioculturais ao longo de um período de tempo.*⁵²

Assim, o contexto sociocultural é compreendido como fator influenciável da linguagem usada na formação do discurso.

A linguagem, como visto acima, é importante para a expressão da realidade. A expressão da realidade de cada um é afetada pelo contexto cultural e histórico em que está presente. Segundo Adjei (2013, p. 5), “o discurso social é (...) situado sequencialmente; o primeiro ambiente em que ocorre conversação ou interação social molda primeiro o que é dito,”⁵³ ou seja, a realidade de cada indivíduo resulta de anteriores construções da realidade através da linguagem.

⁵¹ “Words bring with them as *potential situated meanings* all the situated meanings they have picked up in history and in other settings and Discourses.” (TdA)

⁵² “(...) people's discourse and positioning in social interactions reflect, to a large extent, the available interpretative repertoires or discursive practices embedded in their given context, and can be understood by aggregating their belief systems, values and socio-cultural experiences over a period of time.” (TdA)

⁵³ “Social discourse is therefore sequentially situated; the primary environment within which talk or social interaction occurs comes first and shapes what is said.” (TdA)

Com isto, entende-se que o discurso é formado pela linguagem disponível, associada ao contexto em que o discurso é formulado, havendo a possibilidade de essa linguagem ser falaciosa, podendo assim levar à formação de ideias tendenciosas acerca de outras realidades, como será visto no ponto seguinte deste capítulo.

Isto posto, é possível encontrar variantes da Análise de Discurso, não fosse a existência de um número alargado de teóricos que tenta compreender o processo por trás desta área de estudo, pegando nela a partir de diferentes pontos de vista, estudando as suas características. Todavia, independentemente das variações da AD, o uso da linguagem é um fator importante, sendo que esta não é apenas um instrumento para a comunicação, mas representa também a interação social, bem como a sua relação com o contexto em que o discurso está integrado. A análise de discurso procura compreender as várias dimensões deste, como a sintaxe, o léxico, a retórica, as estratégias, os significados, entre outros; compreender o género de discurso, seja político, educacional, científico, etc.; reconhecer a sua relação com o contexto e a sua interação com os demais, assim como a sua influência na sociedade.

2.2 Estereótipos e preconceitos

McGarty, Yzerbyt e Spears (2002, p. 1) afirmam que

*[s]em indivíduos não poderia haver sociedade, mas a não ser que os indivíduos também se considerem como parte de grupos, ou seja, compartilhem características, circunstâncias, valores e crenças com outras pessoas, então a sociedade não teria estrutura nem ordem. Estas percepções de grupos são chamadas de estereótipos.*⁵⁴

Inicialmente, o conceito de estereótipo surgiu em 1798, na França, inventado por Firmin Didot para definir uma placa de impressão para criar duplicados tipográficos. Esta placa era usada para a impressão em vez do documento original. Mais tarde, em 1850, a palavra “estereótipo” foi primeiramente usada para designar uma imagem imutável. Apenas a partir de 1912 é que “estereótipo” começou a construir a definição que tem hoje, quando o jornalista americano Walter Lippmann (1998) o usou em contexto de ideias sociais, no seu livro *Public Opinion*, para referir “as imagens dentro na nossa cabeça” de diferentes grupos sociais.

⁵⁴ “Without individuals there could be no society, but unless individuals also perceive themselves to belong to groups, that is, to share characteristics, circumstances, values and beliefs with other people, then society would be without structure or order. These perceptions of groups are called stereotypes.” (TdA)

Na definição de English e English (1958, apud Stroebe & Insko, 1989), estereótipo é “uma percepção ou concepção relativamente rígida e simplista de um aspeto da realidade, especialmente de pessoas ou grupos sociais.”⁵⁵

Tajfel (1969, apud Stroebe & Insko, 1989, p. 5), na sua teoria da Identidade Social, relaciona os estereótipos a categorias que oferecem coerência ao ambiente social de cada um. Este processo de categorização é alcançado pela identificação de diferenças ou semelhanças entre membros do mesmo e de diferentes grupos (McGarty, Yzerbyt, & Spears, 2002, p.3). Para Tajfel (1969, apud Stroebe & Insko, 1989, p. 5), “as características tendenciosas e exageradas dos estereótipos” eram resultado da limitação humana para processar informação.

Por seu lado, Wolfgang Stroebe e Chester A. Insko (1989) vêm os “estereótipos como um conjunto de crenças sobre os atributos pessoais de um grupo de pessoas.”

McGarty, Yzerbyt e Spears (2002) expõem três princípios para a compreensão do que é um estereótipo e o modo como este funciona no contexto social. Esses três princípios são: os estereótipos são auxiliares na explanação da realidade, os estereótipos são instrumentos que permitem a poupança de tempo e, por fim, os estereótipos são crenças de grupo compartilhadas.

O primeiro princípio pretende mostrar que os estereótipos são criados pelas pessoas para que estas consigam compreender a realidade. A criação de estereótipos é o modo que a sociedade encontra para lidar com o excesso de informação, através da filtragem dos estímulos, em que os aspetos percecionados como diferentes são mais facilmente “reconhecidos, lembrados e respondidos” (McGarty et al., 2002, p.3).

O segundo princípio relaciona-se ao primeiro, pelo facto de que, esta concepção de estereótipos, possibilita ao indivíduo poupar esforços na compreensão da realidade. Considerar indivíduos como membros de um grupo, permite “ignorar toda a informação diversa e detalhada que é associada ao indivíduo” (McGarty et al., 2002, p. 4).

Ainda relacionado com o primeiro princípio, a necessidade de processar informação excessiva leva à criação de atalhos mentais por parte do indivíduo, que facilitem a compreensão do que o rodeia (McGarty et al., 2002, p. 4).

O terceiro princípio, os estereótipos são crenças de grupo compartilhadas, entende que os estereótipos são formados em acordo com as normas aceitáveis por cada grupo, permitindo, assim, compreender o comportamento de um grupo social em relação a outro (McGarty et al., 2002, p. 5).

⁵⁵ "a relatively rigid and oversimplified or biased perception or conception of an aspect of reality, especially of persons or social groups" (TdA)

De acordo com estas definições, estereótipos podem ser compreendidos como noções e informações generalizadas em relação a um grupo social. Estas ideias têm algum fundamento de realidade e os grupos estereotipam-se a si próprios, como por exemplo, o caso de o povo português afirmar que é normal um português chegar sempre atrasado para algo, ou ainda, o caso de os chineses do sul da China considerarem os chineses do norte ruidosos, fortes e robustos, enquanto que os chineses do norte consideram os chineses do sul da China gentis, delicados e contidos. Estes estereótipos étnicos ou nacionais ultrapassam o indivíduo, e mesmo que tal estereótipo não lhe seja aplicável, será sempre descrito por esse estereótipo uma vez que faz parte do grupo social a que ele é empregue.

Para se poder compreender como é que o estereótipo funciona em contexto social é necessário ter conhecimento de como este é formado. A psicologia social tenta explicar o processo cognitivo que permite o desenvolvimento dos estereótipos na vida humana.

Chapman (1967) apresenta o termo “correlação ilusória” para descrever a tendência humana de idealizar correlações entre duas variáveis, sejam estas eventos, pessoas ou objetos, entre as quais existe informação invulgar. No entanto, Chapman (1967, p. 151), defende que estas correlações, na realidade, não têm qualquer relação, ou que a relação entre as variáveis é menor do que a suposta pelos observantes, ou, ainda, que a relação entre as variáveis é a contrária à que foi relatada.

Este fenómeno pode traduzir a formação e a posterior manutenção dos estereótipos. A informação incomum chama a atenção dos observantes, levando-os a sobrestimar a frequência com que as correlações ocorrem, sendo que, no caso dos estereótipos, leva os observantes a esperar que certas características pessoais encaixem, formando um grupo.

Hamilton e Gifford (1976, apud McGarty et al., 2002, p. 9), apresentam a “correlação ilusória baseada em particularidades,” relacionada com a formação de novos estereótipos, acrescentando, ainda, uma particularidade à definição de correlação ilusória de Chapman: “correlação ilusória baseada em expectativas.” Esta correlação ocorre quando a conexão foi criada e o estereótipo surge da expectativa da pessoa de presenciar os fatores que diferenciam os grupos sociais.

Por seu lado, Qian Fenglian e Tang Degen (2004, p. 111) definem cinco características básicas que permitem a formação e manutenção do estereótipo. Estas são a simplificação excessiva, a generalização, a capacidade de influenciar, a intransigência e a variabilidade.

A simplificação excessiva e a generalização estão relacionadas, uma vez que os estereótipos são formados devido à condição cognitiva dos indivíduos de lidar com o excesso de informação com que se deparam na sua vida quotidiana, como visto acima com McGarty, Yzerbyt e Spears.

As características da capacidade de influenciar e da intransigência encontram-se na comunicação visto que os estereótipos são formados do mesmo modo que os conceitos e caracterizações de objetos e situações, podendo os estereótipos serem usados para este último processo.

A variabilidade é apontada como característica, uma vez que os estereótipos podem sofrer alterações com base na mudanças das condições e percepções sociais. Esta característica pode ser compreendida, por exemplo, através do estereótipo sobre os chineses serem comerciantes de produtos baratos e de má qualidade, como se verá no Capítulo 2.3, que, atualmente, e com o passar dos anos, tem vindo a deixar de ser considerada, uma vez que, não só cada vez mais empresas portuguesas são compradas por empresários chineses, mas também porque, por exemplo, a China tem vindo a mudar as suas estratégias de produção, “ (...)dependendo menos de indústrias que consomem muitos recursos e que são poluentes (...) e de mão-de-obra intensiva e produção de baixa qualidade”⁵⁶ (Song, Fang, & Johnston, 2017, p. 1).

Os estereótipos podem ser transmitidos consciente ou inconscientemente através da socialização com familiares, nas escolas ou através dos meios de comunicação social. Estes são usados como um método de defesa da posição social e um modo de os indivíduos se adaptarem ao mundo (Lippmann, 1998), tendo como base a ideia que os estereótipos estipulam as posições dos diferentes grupos na pirâmide social. Todavia, não é de esquecer que tais estereótipos são apenas ideias, podendo sempre ser modificados através da experiência e que as pessoas podem ter uma visão desinteressada em relação à posição social de cada um.

Qualquer estímulo exterior ao indivíduo pode ativar o uso de estereótipos. A tendência é a de o ser humano julgar antes de conhecer ou experienciar, fazer uso do que a cultura já definiu para avaliar algo ou alguém antes de receber informação do outro lado. O ser humano, mais rapidamente recorre à percepção da realidade que o estereótipo representa do que recorre à razão para fazer a sua análise. Por isso, o modo como algo ou alguém é exposto à sociedade irá sempre estimular diversos estereótipos por quem presencia tal exposição (Lippmann, 1998, pp. 99 - 100).

O carácter do estereótipo e a credulidade com que é empregue define o modo como uma pessoa irá agir na presença de uma experiência que desacredite o estereótipo. Se o estereótipo estiver bem enraizado na mentalidade do indivíduo, este irá apenas focar-se no que sustenta aquilo em que acredita, irá considerar a experiência apenas como uma exceção e rejeita-a. Por outro lado, se o indivíduo for

⁵⁶ “(...) relying less on industries that are resource- and pollution-intensive, (...), and on labour-intensive and low-quality manufacturing.” (TdA)

tolerante e aberto a novas realidades, irá aceitar a experiência e rapidamente muda os seus estereótipos (Lippmann, 1998).

Pela definição de dicionário, estereótipo e preconceito têm o mesmo significado, isto é, “ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial.”⁵⁷

Não obstante, pode-se entender que estereótipos são as ideias sobre um grupo social e que os preconceitos são estas ideias postas em prática, ou ainda, a postura que um indivíduo tem em relação aos membros de outro grupo, sendo esta maioritariamente negativa (Harding et al., 1954, 1969, apud Stroebe & Insko, 1989, p. 8).

De acordo com Harding e seus colegas (1954, 1969, apud Stroebe & Insko, 1989, p. 8), esta postura de avaliação de outro indivíduo, o preconceito, pode ser dividido em três categorias, sendo estas a componente cognitiva, representada pelo estereótipo que se tem em relação ao outro, a componente afetiva, como por exemplo, a aversão ao outro, provocada pelo estereótipo e, por fim, a componente comportamental que, no caso de a componente afetiva ser aversão, será o comportamento discriminatório. Contudo, o preconceito em relação a um grupo social não implica que todos os estereótipos em relação a esse mesmo grupo sejam negativos.

É ainda importante reter que é possível detetar uma separação entre o preconceito, postura, e a discriminação, comportamento, ou seja, a existência de um não implica a existência do outro. Nem sempre um indivíduo preconceituoso demonstra um comportamento discriminatório, um indivíduo pode ter uma opinião preconceituosa em relação a um grupo social, porém não negar um direito humano a esse grupo, ou um indivíduo que numa dada situação discrimina tem como base um preconceito para a sua ação, como por exemplo, negar um direito a alguém com o intuito de o proteger de um grupo social e não com o objetivo de o ostracizar (Graumann & Wintermantel, 1989, p. 186).

Por seu lado, Allport (1979, p. 7, apud J. Baldwin, 2017, p. 8) compreende preconceito como “uma atitude de evasão ou hostilidade para com um membro que pertence a outro grupo, simplesmente porque ele pertence a esse grupo, e, por isso, presume-se que tenha as qualidades questionáveis, atribuídas ao grupo.”⁵⁸

Ainda tentando definir preconceito, Wolfgang Stroebe e Chester A. Insko (1989), vêm este como uma atitude que favorece e valoriza um grupo social em detrimento de outro, atitude esta baseada em estereótipos que levam e são influenciados por comportamentos, como a comunicação.

⁵⁷“estereotipo”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/estereotipo> [consultado em 20-03-2019].

⁵⁸ “an avertive [i.e., avoiding] or hostile attitude toward a person who belongs to a group, simply because he [or she] belongs to that group, and is therefore presumed to have the objectionable qualities ascribed to the group” (TdA)

Combinando estas descrições a uma outra definição de dicionário, “opinião desfavorável que não é baseada em dados objetivos = INTOLERÂNCIA,”⁵⁹ é possível encontrar uma estreita relação entre os conceitos de preconceito e de tolerância.

Alguns estudiosos entendem a tolerância como a aplicação de princípios e regras morais, de empatia e de sentimentos de conexão entre seres humanos de grupos sociais diferentes, ou seja, é tida como a aceitação e respeito pela diferença (Baldwin, 2017). No entanto, por vezes, este comportamento de aceitação e respeito é apenas levado a cabo com o objetivo de satisfazer a sociedade, isto é, o indivíduo que transmite este comportamento não o faz por, realmente, aceitar o outro, mas por querer manter uma imagem positiva perante os restantes membros da comunidade. Neste caso a ideia inicial de preconceito continua presente, o indivíduo apenas toma a decisão de não a expor ao público. Assim sendo, é preciso que a tolerância passe a apreciação, isto é, reconhecimento da outra cultura como diferente, sem fazer juízos de valor, sem criar estereótipos ou levantar preconceitos. Por vezes, esta apreciação pode levar à integração comportamental de elementos de outra cultura (Baldwin, 2017, p. 7).

Os pais são os primeiros e principais elementos que influenciam o desenvolvimento da personalidade de uma criança, portanto, se os pais forem intolerantes para com outros grupos culturais, o mais natural é que os seus filhos tenham as mesmas atitudes e comportamentos para com esses grupos. Entende-se, então, que o preconceito pode ser considerado um problema de desenvolvimento de personalidade (Allport, 1979, apud Baldwin, 2017, p. 8).

Nesta relação de influência cria-se um ciclo, uma vez que, não só os contactos interpessoais dos pais, mas também o conteúdo dos meios de comunicação, podem interferir na formação da opinião dos pais. A opinião destes é transmitida para os filhos através da educação parental. Contudo a opinião das crianças pode ser também influenciada pelo contacto destas com outras pessoas fora do seio familiar, como é o caso dos professores, ou amigos, bem como pode ser influenciada pelo uso dos meios de comunicação social. Conforme o modo de pensar destes é influenciado, também as suas opiniões interferem na opinião dos outros. Porém, os preconceitos, tal como os estereótipos, podem ser modificados pela experiência.

Assim, na base da transmissão de estereótipos e preconceitos encontram-se dois fatores fundamentais, podendo estes estar interligados entre si. Estes fatores são a comunicação interpessoal e o uso dos meios de comunicação.

⁵⁹“preconceito”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/preconceito> [consultado em 20-03-2019].

A língua é fundamental para permitir a comunicação, seja esta a comunicação realizada entre dois indivíduos através do diálogo, seja a comunicação efetuada através dos média, desde a linguagem usada na redação de um artigo, a linguagem usada por um jornalista para apresentar a mais recente notícia, ou ainda o modo como uma personagem fictícia é representada.

Uma vez que a comunicação motiva a transmissão de estereótipos, pode entender-se que, tanto a língua, como o tipo de linguagem usada na comunicação, são um meio de transmissão, formação e manutenção dos estereótipos.

Esta transmissão de estereótipos não se dá toda da mesma forma, podendo ser influenciada por diversos fatores. Anne Maass et al. (1989) desenvolveram um modelo que explica a manutenção de estereótipos através do uso tendencioso da linguagem.

Este modelo argumenta que descrições positivas de comportamentos de membros do mesmo grupo e descrições de comportamentos negativos de membros de outro grupo são feitas de modo vago e abstrato. Por outro lado, descrições de comportamentos negativos de membros do mesmo grupo e descrições de comportamentos positivos de membros de outro grupo são feitas de modo concreto e explícito (Maass et al., 1989, p.981).

O uso de uma linguagem tendenciosa afeta, não só a descrição de uma situação, mas também a mensagem transmitida, logo, acaba por influenciar o modo como o recetor da mensagem entende a situação.

Descrições tendenciosas, por um lado, permitem que a informação codificada de modo abstrato seja mais difícil de confirmar e, por outro, mostram que esta informação revela mais sobre o indivíduo do que da situação, logo, contribuem para a manutenção dos estereótipos existentes. Esta manutenção dos estereótipos leva ao favoritismo em relação ao próprio grupo e à discriminação de membros de outros grupos (Maass et al., 1989, p. 982).

São apresentadas duas explicações para este uso de linguagem tendenciosas. A primeira explicação é baseada na Teoria da Identidade Social, que entende que membros de um grupo tentam defender as características do seu grupo em contexto intercultural. Deste modo, usam uma linguagem mais abstrata para generalizar as características positivas do seu grupo, e uma linguagem mais específica para provar ser uma exceção um determinado comportamento negativo de um membro do grupo (Kashima, Fiedler, & Freytag, 2008, p. 167).

A segunda explicação expõe que as expectativas de um indivíduo são suficientes para influenciar a linguagem que este usa, isto é, comportamentos que correspondem às expectativas são mais facilmente relatados de forma abstrata do que comportamentos que vão contra o que é esperado

(Kashima et al., 2008, p. 167). Esta explicação corresponde ao modelo do uso tendencioso da linguagem pois, membros de um grupo esperam presenciar mais atitudes positivas dentro do seu grupo e mais atitudes negativas por parte de membros de outros grupos (Howard & Rothbart, 1980, apud Kashima et al., 2008, p.167).

Outros estudos, como é o caso do estudo levado a cabo por Semin, Gil de Montes e Valencia (2003), feitos para entender o processo que ocorre com o uso de linguagem tendenciosa, compreendem que a existência de um propósito implícito na comunicação influencia este processo.

Semin, Gil de Montes e Valencia (2003, p. 142) explicam que

[q]uando falamos sobre eventos que acontecem aos nossos amigos ou inimigos, a conversa cumpre diferentes funções, dependendo para quem estás a falar (e.g., um amigo, um colega, um parceiro, um estranho) e porquê (e.g., bisbilhotar, solidificar uma amizade, prevenir um colega). Parece evidente que as nossas conversas são premeditadas e têm funções comunicativas claras.⁶⁰

Isto posto, Semin et al. (2003), concluíram que, as pessoas adaptam o nível de abstração do conteúdo da mensagem conforme o propósito da comunicação.

Karen M. Douglas e Robbie M. Sutton (2003) acrescentam que uma comunicação com um objetivo positivo é feita através de descrições mais abstratas do que comunicações com um objetivo negativo.

Estes estudos provam que a linguagem usada na comunicação pode ser influenciada pela existência ou não de objetivos, sejam estes positivos ou negativos.

O processo que fornece a base para o uso de linguagem tendenciosa pode, ainda, ser influenciado na fase de codificação da informação na memória de um indivíduo.

⁶⁰ "When we talk about events that befall our friends or foes then such talk fulfils different functions depending on who we are talking to (e.g., a friend, a colleague, a spouse, a stranger) and why (e.g., idle gossip, solidifying a friendship, warning a colleague). It would appear to be self-evident that our talk is purposeful, and has clear communicative functions." (TdA)

Wenneker e Wigboldus (2007, p. 181) apresentam um modelo que resume o processo do uso de linguagem tendenciosa em relação à abstração linguística, o qual se reproduz na Figura 13.

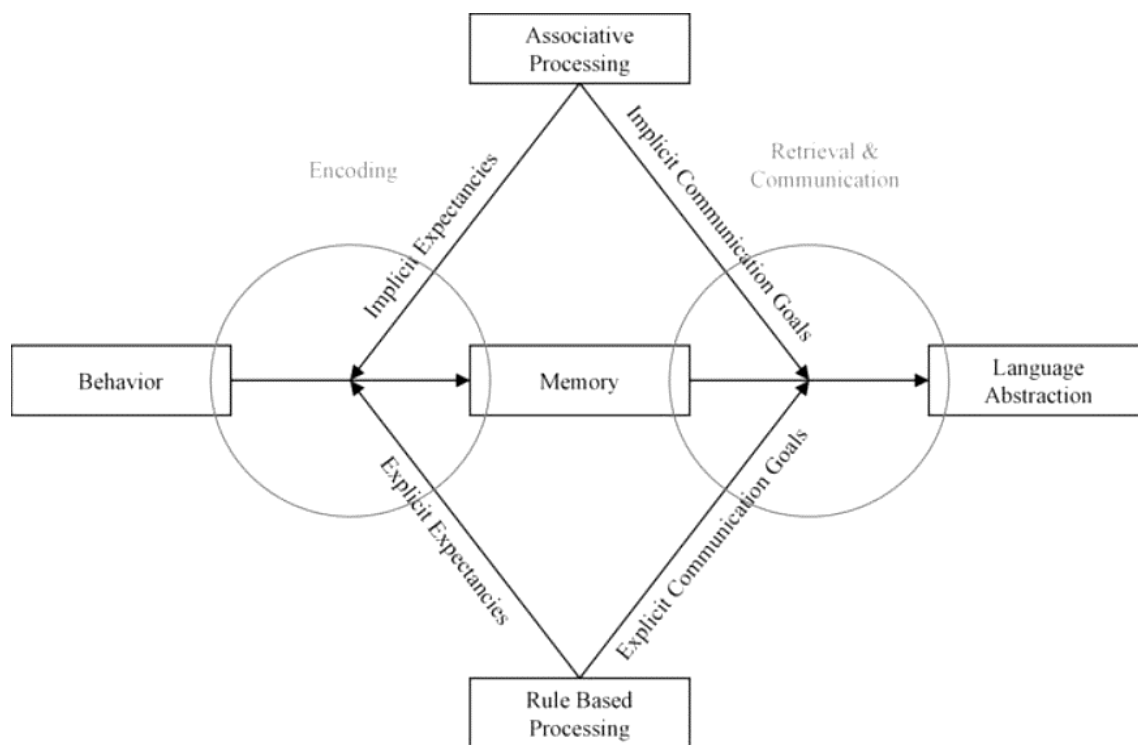


Figura 13: Modelo de linguagem tendenciosa

Com este modelo, Wenneker e Wigboldus (2007), pretendem mostrar que informação comportamental (*behavior*) é armazenada na memória (*memory*), podendo, mais tarde, ser recuperada e comunicada, de forma mais ou menos abstrata, sendo que esta abstração revela o uso de linguagem tendenciosa.

O modo como a informação é codificada (*encoding*) para ser armazenada na memória, ou o modo como esta é comunicada, podem ser influenciados por diversos fatores, levando à utilização de diferentes níveis de abstração no ato de transmissão da informação, isto é, um indivíduo pode ser mais ou menos objetivo quando comunica com um outro, dependendo do modo como a informação foi armazenada na sua memória ou a finalidade que pretende atingir com aquela comunicação.

No processo desde obtenção da informação até à comunicação desta, existem duas fases que podem influenciá-lo, levando à abstração linguística: a fase de codificação da informação (*encoding*) e a fase de recuperação e comunicação (*retrieval and communication*).

Durante a codificação da informação, esta pode ser influenciada por processos associativos (*associative processing*), i. e., representações da realidade são processadas e recolhidas na memória de modo a criar ligações umas com as outras, ou por processos baseados em regras (*rule based processing*), estruturado linguística e logicamente na mente humana.

Os processos associativos referem-se a expectativas implícitas (*implicit expectancies*). Estas expectativas remetem para a existência de estereótipos no pensamento do indivíduo. Wenneker, Wigboldus e Spears (2005, p. 505) entendem que “(...) a ativação de estereótipos durante a codificação de informação comportamental influencia a inferência de características espontâneas (...)”.⁶¹ Quando o indivíduo já tem uma ideia predefinida, ao presenciar uma situação que lhe forneça nova informação, esta informação será transmitida de forma mais ou menos concreta, uma vez que foi influenciada pelo estereótipo no momento de armazenamento na memória. Um exemplo que pode representar este processo é o caso de um indivíduo que já tenha a ideia predefinida que os chineses são maus condutores. Quando este assistir a um acidente rodoviário que envolva uma pessoa chinesa, ao codificar a informação na sua memória esta será afetada pelo estereótipo. No momento de transmitir a informação a outrem, a comunicação será feita de modo mais abstrato, passando a ideia de que o acidente ocorreu porque os chineses são todos maus condutores, fazendo com que a comunicação sofra, assim, do uso de uma linguagem tendenciosa.

Por outro lado, a influência por processos baseados em regras refere-se a expectativas explícitas (*explicit expectancies*). Estas expectativas explícitas aludem ao objetivo de criação de um determinado sentimento, por parte de outra pessoa. Wenneker, Wigboldus e Spears (2005), levaram a cabo um estudo para compreender o impacto de uma codificação de influência de informação e a existência de objetivos de comunicação no uso de linguagem tendenciosa. Neste estudo forneceram aos participantes a categoria a que o sujeito a ser avaliado por estes pertence, ativando, assim, as expectativas destes em relação à categoria do sujeito, antes de lhes fornecerem a informação comportamental. Deste modo, quando a informação comportamental foi partilhada, os participantes já haviam criado uma ideia, o que posteriormente afetou a linguagem com que transmitiram a informação.

O processo de recuperação e comunicação da informação também pode ser influenciado por processos associativos e por processos baseados em regras.

No caso de processos associativos, estes referem-se a intenções comunicativas implícitas (*implicit communication goals*). Uma intensão implícita pode ser, por exemplo, o desejo do indivíduo de passar uma imagem positiva e agradável de si próprio, resultando numa descrição relativamente abstrata dos outros (Wenneker & Wigboldus, 2007, p. 182), mostrando assim controlo e interferência na linguagem usada na transmissão de informação.

⁶¹ “(...) activation of stereotypes during encoding of behavioral information influences spontaneous trait inferences (...)” (TdA)

A linguagem pode ainda ser afetada por processos baseados em regras, através de intenções comunicativas explícitas (*explicit communication goals*). Estas intenções remetem ao desejo do comunicador de agradar o recetor da informação (Rubini & Sigall, 2002, apud Wenneker & Wigboldus, 2007, p. 182), ou ainda, de descrever o ator de modo favorável/ desfavorável (Douglas & Sutton, 2003, apud Wenneker & Wigboldus, 2007, p. 182). Mais uma vez, este desejo do comunicador interferirá no modo como este traspõe a informação, passando uma descrição mais ou menos concreta dependendo da sua intenção. Com base no estudo de Wenneker, Wigboldus e Spears (2005, p. 514), as intenções comunicativas explícitas influenciam o uso da linguagem “estrategicamente,” uma vez que podem ser controladas e ser usadas intencional e conscientemente.

Douglas e Sutton, citados por Wenneker, Wigboldus e Spears (2005, p. 506), resumem o resultado da influência destes processos no uso da linguagem tendenciosa para transmissão de informação da seguinte maneira: “(...) os efeitos (implícitos) na abstração linguística baseada em expectativas (codificação tendenciosa) são mais bem vistos como transmissão intencional de crenças e, os efeitos (explícitos) baseados em intenções comunicativas, como criação propositada de crenças.”⁶²

Através da análise deste modelo é possível entender que a linguagem usada por cada indivíduo, desde o processo de codificação e armazenamento de informação na memória, até ao momento em que transmite esta informação a outrem, propicia a formação (através das intenções comunicativas), manutenção e transmissão de estereótipos.

No entanto é necessário ter em consideração que a linguagem tendenciosa não parte apenas do emissor da mensagem. Os recetores da comunicação têm, também, as suas expectativas em relação à informação, bem como as suas intenções comunicativas (Wenneker & Wigboldus, 2007, p. 184). Os processos de formação, manutenção e transmissão de estereótipos através de linguagem tendenciosas geram-se pela comunicação mútua de informação.

Através da língua e da linguagem é possível estabelecer, manter ou dissolver relações. Tal, parte da capacidade de cada um para usar a língua a seu favor. O modo de expressar de cada um, juntamente com as suas crenças e valores, permitem que as relações formadas sejam de poder, amigáveis ou discriminatórias. Com base nas explicações de Carl Friedrich Graumann e Margret Wintermantel (1989, pp. 190-193), alguns exemplos de como a discriminação e a linguagem se interligam são apresentados abaixo.

⁶² “the (implicit) effects on language abstraction based on expectancies (biased encoding) are best seen as *unintentional belief transmissions*, and the (explicit) effects based on communication goals as *purposive creations of beliefs*.” (TdA)

Primeiramente, a separação, entende que a discriminação é feita através da aplicação de termos que promovem a divisão dos grupos sociais, como é o caso de “nós” e “eles”. O uso destes pronomes sugere que um indivíduo, ao dizer “nós”, está expressamente a criar uma separação entre o seu grupo e o outro.

O distanciamento, foca-se nas diferenças, discriminando atrás da ação de apontar para mencionar o outro grupo social, ao referir situações em vez de pessoas, ou evitar mencionar algo, apesar de a situação o sugerir. A acentuação, por outro lado, faz o destaque das diferenças, como por exemplo, a referência da cor da pele para criar uma separação entre os grupos.

Seguidamente, a degradação, é feita através da avaliação negativa e preconceituosa do indivíduo, usando um discurso depreciativo e ridicularizador, recorrendo a termos e expressões denegridoras, como, por exemplo, o uso da palavra “chinoca” para referir uma pessoa chinesa.

Por último, a fixação discrimina ao tentar explicar o comportamento de um indivíduo através de características gerais do grupo ao qual pertence, como por exemplo, descrever alguém fazendo apenas uso da sua nacionalidade. A fixação pode ser entendida de dois modos, discriminação através da associação de características negativas, ou discriminação através da categorização de algo como “um tipo”. A discriminação através da associação de características negativas, faz uso de, sobretudo, adjetivos. Por outro lado, a discriminação através da categorização de algo como “um tipo” faz uso de nomes para fixar um comportamento. Este tipo de discriminação tem uma conotação mais forte, pois limita a percepção que se tem do outro. Dizer “Ele é comunista” transmite a ideia de “ele não é mais nada do que comunista”, excluindo qualquer outra característica da pessoa, para fixa-la apenas num tipo.

No entanto, é necessário ter em consideração de que nem sempre um ato discriminatório através do discurso é feito de forma consciente. Um indivíduo pode estar a recorrer a estas formas de discriminação sem saber que o faz. Devido a situações como esta, a discriminação através da linguagem pode ainda ser dividida em dois tipos.

O primeiro indica que a discriminação é inerente ao sistema linguístico, isto é, a língua é uma representação da realidade social e, portanto, esta não é indiferente aos valores e atitudes da sociedade (Graumann & Wintermantel, 1989, p. 196). Esta indissociabilidade entre termos discriminatórios e a língua é o que faz com que um indivíduo se pronuncie discriminatoriamente em reação a algo sem ter consciência que o faz. Por vezes, nem tem outra alternativa, uma vez que as expressões pertencem à língua e à cultura em que se insere. É exemplo desta inerência a naturalidade com que termos relacionados a posições de alto poder, como “presidente”, são associados aos homens, enquanto termos relacionados com posições de nível mais baixo, como “enfermeira”, são associados às mulheres.

O segundo tipo de discriminação relacionado com a linguagem está dependente do modo como o indivíduo se expressa. Neste caso, o indivíduo pode também recorrer a um ato discriminatório inconsciente. O modo como se expressa revela, simplesmente, que a sua personalidade sofreu influências de um ambiente discriminatório, como o contexto social em que a pessoa cresceu, o tipo de educação que recebeu, ou o conteúdo a que teve acesso pelos meios de comunicação (Graumann & Wintermantel, 1989, p. 197).

Juntamente com a comunicação interpessoal, vista até aqui, sabe-se que, também os meios de comunicação desempenham um papel importante no desenvolvimento de percepções relacionadas com a raça ou a etnia, bem como o desenvolvimento de comportamentos específicos resultantes de relações intergrupais (Mastro, 2009, p. 325).

Dana Mastro (2009, p.333) faz uso da teoria de *priming*⁶³ para expor o modo como os meios de comunicação influenciam a criação de estereótipos.

De acordo com Mastro (2009, p.333), “*priming*, neste contexto, refere o processo pelo qual a informação que foi recentemente ativada pelo consumo dos média é usada para orientar os juízos em relação aos membros de um grupo externo específico.”⁶⁴

Mastro (2009, p. 333) apresenta uma série de estudos que defendem esta teoria, sendo que as conclusões determinam que os acontecimentos cobertos pelos meios de comunicação promovem respostas estereotipadas em relação a um determinado grupo, inclusive a outras particularidades deste, não apenas em relação à característica que foi submetida ao *priming*. Não é de esquecer que estas respostas podem ser positivas, se a exposição feita for também positiva, dado que, como Mastro (2009, p. 334) clarifica, “a ativação de exemplos positivos gera respostas mais solidárias face à discriminação como problema social, bem como atitudes mais favoráveis em relação a membros de grupos externos como um todo.”⁶⁵

Dana Mastro (2009, pp. 334-336) torna, ainda, patente que o conteúdo a que o público recorre, bem como o tempo de exposição a este, contribui para a formação de estereótipos, com base na teoria da cultura de crenças. A exposição a estereótipos através dos meios de comunicação promove comparações sociais, resultando no favoritismo do próprio grupo e exclusão de grupos externos.

⁶³ Segundo esta teoria, *priming*, em português compreendido como “preparação,” é o processo usado pelos meios de comunicação em que estes fornecem ao público contexto prévio em relação a algo, que será usado por este para interpretar a informação que será subsequentemente apresentada (Communication Theories, 2004, p. 31).

⁶⁴ “Priming in this context refers to the process through which information that has been recently activated by media consumption is used to guide judgments regarding target outgroup members.” (TdA)

⁶⁵ “activating positive media exemplars generates more sympathetic responses towards discrimination as a social problem and more favorable attitudes about outgroup members as a whole.” (TdA)

Paralelamente, a assimilação de imagens ambíguas e imparciais resultam não só numa menor oportunidade de privilegiar o próprio grupo, mas também da criação de opiniões mais favoráveis em relação a membros de outros grupos sociais.

No entanto, o conteúdo dos meios de comunicação não é o único fator a ter em conta na compreensão dos efeitos que os meios de comunicação têm na exposição a estereótipos (Mastro, 2009, p. 329). O tempo de consumo, como será visto no capítulo seguinte, bem como as características da audiência, desempenham o seu papel nesta exposição.

Mastro (2009, pp. 331-332) apresenta três atributos que mostram contribuir tanto para a estereotipagem, como para o sentimento de se estar a ser estereotipado e/ou discriminado, sugerindo, ainda, que

*[seja] provável que tais características não apenas influenciem os efeitos da exposição aos média, mas também influenciem a interpretação das próprias mensagens dos meios de comunicação. Em particular, a identificação racial dos próprios espectadores, a aderência aos estereótipos (e.g., atitudes raciais) e o contato inter-racial no mundo real servem como moderadores dos efeitos dos meios de comunicação com base na raça.*⁶⁶

A relação entre a identificação racial dos espectadores e consumo do conteúdo dos meios de comunicação mostra que, aqueles que têm maior identificação racial, isto é, se identificam melhor com as características do grupo em que estão inseridos, ao serem expostos a caracterizações estereotipadas de grupos exteriores, têm mais probabilidade de criar julgamentos tendenciosos em relação aos membros de outros grupos (Mastro, 2009, pp. 331-332).

Por outro lado, quanto maior o contacto real entre diferentes comunidades, menor será a influência das mensagens estereotipadas presentes nos meios de comunicação sobre a opinião pública. Mastro (2009, p. 332) afirma que, “ de uma perspetiva mais pró-social, pode dizer-se que experiências de contacto positivas no mundo real minimizam o efeito da exposição a estereótipos raciais/étnicos desfavoráveis presentes nos média.”⁶⁷

⁶⁶ “Such features are not only likely to influence effects of media exposure but also the interpretation of media messages themselves. In particular, viewers’ own racial (ingroup) identification, adherence to stereotypes (e.g., racial attitudes), and real-world interracial contact each serve as moderators of race-based media effects.” (TdA)

⁶⁷ “From a more prosocial perspective, it could be said that positive contact experiences in the real-world minimize the effect of exposure to unfavorable racial/ethnic stereotypes in the media.” (TdA)

De modo geral, o conteúdo encontrado acerca da China nos média portugueses é referente a política, economia, ou ainda acontecimentos trágicos, como é o caso de desastres naturais. Conteúdo com conotação mais positiva, como a divulgação da cultura chinesa que, ainda hoje, é desconhecida por muitos, é ainda escasso, ou, quando menos, pouco difundido. Com base nas informações a que as audiências portuguesas têm acesso, estas mais facilmente criam uma opinião estereotipada da sociedade chinesa, mostrando, por vezes, um menor interesse em conhecer melhor a sua realidade, em comparação com outros países e culturas.

Não só a língua, mas também a linguagem usada, são cruciais para a realização de uma comunicação sem percalços entre pessoas e comunidades. O modo como estas são utilizadas representa uma condição importante na formação e transmissão de estereótipos e preconceitos.

Assim, sendo que os meios de comunicação são um instrumento de transmissão de informação e conhecimento acerca do mundo, bem como da realidade de cada sociedade, em conjunto com outras instituições sociais e os núcleos familiares, a maneira como estes fazem uso da língua e da linguagem pode promover a permanência de estereótipos dentro das sociedades. A influência dos meios de comunicação pode ser encontrada na abstração linguística, como visto acima.

Pode-se ainda concluir que o desconhecimento por parte das comunidades ou mesmo uma má transmissão de conhecimento, baseada em estereótipos, pode criar conflitos entre as culturas, dificultando o ajustamento dos povos à existência dos outros.

2.3 Estereótipos e Preconceitos em Relação aos Chineses presentes na Sociedade Portuguesa

É sabido que, apesar de generalizações acerca de um grupo, os estereótipos são baseados em traços reais de uma comunidade. Deste modo, os estereótipos que formam umas das outras serão semelhantes em qualquer parte do mundo.

No entanto, cada comunidade cria os seus estereótipos referentes aos outros a partir de experiências próprias, referentes ao modo como entram em contacto com os outros, sendo que estas são diferentes e particulares a cada comunidade.

No capítulo anterior referiu-se o primeiro contacto entre chineses e portugueses (*cf.* página 4). Após as cartas de Cristovão Vieira e Vasco Calvo, as novas tentativas de informar Portugal acerca da sociedade chinesa ficaram gravadas, entre outros, em relatos literários como a *Suma Oriental*, de Tomé Pires, o *Livro das Coisas do Oriente*, de Duarte Barbosa, ou ainda, o *Tratado das Cousas da China*, de Frei Gaspar da Cruz.

Nestes livros é possível encontrar diferentes descrições do povo chinês, desde os seus hábitos quotidianos, aos modos de vestir, desde as suas atitudes, ao seu aspeto físico.

Em *Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente*, Duarte Barbosa (1946, pp. 217-219) apresenta os chineses como

(...) grandes mercadores, são homens brancos e bem dispostos. (...) ele e elas têm os olhos pequenos, nas barbas três ou quatro cabelos não mais, e, quanto mais pequenos têm os olhos, tanto os hão por mais gentis homens.

(...) não tocam com a mão o que comem, chegam muito o prato à boca, e, com umas tenazes de prata ou pau metem o comer na boca mui a miude, porque comem muito depressa, (...). São homens de muita verdade, porém não são bons cavaleiros, mas grandes mercadores, (...).

Por seu lado, Frei Gaspar da Cruz (1996, pp. 83-84), em *Tratado em que, se contam muito por extenso as cousas da China*, apresenta as seguintes descrições do povo chinês:

Ainda que os chinas commumente sejam feios tendo olhos pequenos, e rostos e narizes esmagados, e sejam desbarbados, com uns cabelinhos nas maçãs da barba (...).

(...) são homens os chinas mui corteses (...) a este movimento de mãos ajuntam palavras de cortesia, (...).

(...) comem muito limpamente sem tocar com a mão no comer, (...).

Há alguns chinas que criam unhas muito compridas, de meio palmo até palmo, as quais trazem muito limpas (...).

Pelas descrições encontradas nos relatos feitos durante a ocupação inicial de Macau por parte dos navegadores portugueses, durante os séculos XVI e XVII, os portugueses tinham, em geral, uma boa imagem do povo chinês.

Em contrapartida, nas obras publicadas durante os séculos XIX e XX, a imagem passada do povo chinês é mais negativa, como é o caso das narrações feitas por Eça de Queiroz em *O Mandarim*, que apresenta a China como “um país imenso, cheio de perigos e rasteiras” e os chineses como pessoas que “não se compadecem dos estranhos, são avarentos e falsos, roubando e matando para obter algum dinheiro” (Matias, 2007, p. 93).

Estas descrições, juntamente com tantas outras feitas acerca da China e do povo chinês, sejam essas relatos de experiências pessoais, ou apenas obras literárias, sendo o caso da novela *O Mandarim*, influenciaram, tanto positiva, como negativamente, o modo como a sociedade portuguesa vê a sociedade chinesa. Estas obras apresentam um ponto de partida para a formação de estereótipos por parte dos portugueses, em relação aos chineses.

Na sociedade atual, não só os livros são fonte de estereótipos, mas também as telenovelas, como o caso da telenovela *Poderosas*, referida anteriormente (cf. página 35).

Abaixo são apresentadas algumas das falas usadas na telenovela:

1. “Epá, eu não percebo chinês! Queres falar chinês vais para a China.”⁶⁸
2. “Bom e *balato*.”⁶⁹
3. “Ontem entrou aqui um tipo... nunca mais saiu. Cá para mim fizeram *chop suey* com ele.”⁷⁰
4. “As canecas? Mas o meu santo sogro sabe que isto, em princípio, é feito na china.”⁷¹
5. “(...) mas não é tudo igual?” (dito quando o “chinês” corrige a sua nacionalidade, dizendo ser coreano)⁷²
6. “*Quatlo eulos e tlinta e tlês* cêntimos”
(...) “Quatro e tal. Pronto.”⁷³

Através da personagem do “chinês,” representada pelo ator Alexander Tuji Nam, os produtores da telenovela *Poderosas* procuravam fornecer aos espectadores algumas cenas cómicas. Embora a maioria das deixas não fossem ditas por esta personagem, eram, contudo, referentes a ela, mostrando que os gracejos feitos eram com base na sua nacionalidade.

O recurso a estereótipos e preconceitos para efeitos de comédia é prática comum em todo o mundo, seja em filmes, telenovelas, ou espetáculos de comédia *stand-up*. Estudos publicados na década de 1990 (Hobden & Olson, 1994; Maio, Olson, & Bush, 1997; Olson, Maio, & Hobden, 1999) observam

⁶⁸ <https://sic.pt/Programas/poderosas/episodios/2015-06-24-Poderosas-27-Episodio-23-de-junho-terca-feira-1#2015-06-24-Juliao-impede-os-clientes-de-entrarem-na-loja-do-chines->, consultado a 17/09/2019, às 15h35

⁶⁹ *ibid.*

⁷⁰ *ibid.*

⁷¹ <https://sic.pt/Programas/poderosas/videos/2015-10-21-Juliao-aparece-na-loja-dos-chineses-como-pedido-de-desculpa>, consultado a 17/09/2019, às 15h40

⁷² <https://sic.pt/Programas/poderosas/episodios/2015-11-06-Poderosas-125-Episodio-5-de-novembro-quinta-feira-#2015-11-06-David-e-Bruna-recebem-ASAE-na-loja-chinesa-e-Rosa-quase-apanhada>, consultado a 17/09/2019, às 15h51

⁷³ *ibid.*

que o uso de estereótipos na comédia no que diz respeito ao humor depreciativo, apresenta apenas efeitos no contador da piada, afirmando que o constante uso de estereótipos faz com que, eventualmente, o contador comece a acreditar no conteúdo das suas anedotas. No entanto, com base na teoria de cultura de crenças (*cf.* Capítulo 1.1), uma exposição prolongada pode, efetivamente, afetar a opinião pública. Se o uso excessivo de estereótipos pode influenciar a opinião do indivíduo que os usa, transmitindo uma “imagem distorcida” de um grupo social, bem como passar uma falsa sensação de aprendizagem sobre o outro (Kan, 2004), os recetores da anedota correm também o risco de ser influenciados, uma vez que a exposição aos estereótipos promove a formação e manutenção dos mesmos.

Entre da população portuguesa, apesar de uma maior consciencialização das pessoas, existe, ainda, uma opção generalizada de referir que qualquer pessoa asiática é, automaticamente, de nacionalidade chinesa. Este estereótipo é encontrado, por mais do que uma vez, na novela (exemplo 5).

Um outro estereótipo muito comum é a ideia de que os chineses não conseguem dizer a letra “r,” trocando-a pela letra “l” (exemplos 2 e 6). Neste caso, os produtores acrescentam ao gracejo a outra personagem não entender o que lhe é dito e responder com “Quatro e tal. Pronto” (exemplo 6). Existe também a ideia de que os chineses não sabem falar português, associado à percepção de que são um grupo fechado que só se relacionam entre eles. O exemplo 1, “Epá, eu não percebo chinês! Queres falar chinês vais para a China”, representa a opinião generalizada de que se os chineses querem estar em Portugal, tal como noutros países, deviam aprender a língua e adaptar-se aos costumes, não devendo falar a língua deles. É ainda possível relacionar este exemplo ao preconceito pela existência de sotaque chinês, como o caso do trocar de letras, visto acima, sendo que as pessoas não fazem um esforço por compreender o outro, acabando a achar que este fala em chinês, uma vez que é aparente na cena de onde este exemplo foi retirado, que a personagem está a falar português.

Estes exemplos mostram, também, as opiniões portuguesas em relação à comida chinesa, sendo que muitas pessoas consideram que esta pode conter carne humana, ou mesmo animais domésticos, como cão ou gato (exemplo 3), bem como as opiniões relacionadas com a qualidade dos produtos confeccionados na China (exemplo 4).

A existência desta personagem e as cenas em que esta se encontrava presente, mesmo que apenas para efeitos de comédia e, ao que tudo indica, sem intenções ofensivas, é um exemplo de como os meios de comunicação são um meio que auxilia na manutenção de estereótipos.

Ana Matias (2007) levou a cabo um conjunto de entrevistas, conduzidas na área metropolitana de Lisboa, para averiguar que tipo de imagens a sociedade portuguesa sustenta em relação aos imigrantes chineses.

Das entrevistas, Matias (2007, pp. 107-116), obteve um leque variado de opiniões, em que os entrevistados partilham o que podem ser considerados aspetos positivos e aspetos negativos da presença de imigrantes chineses em território português. Estas opiniões representam os estereótipos e preconceitos que o povo português, em particular da área metropolitana de Lisboa, desenvolveu em relação às pessoas de nacionalidade chinesa.

Alguns pontos de vista positivos que Matias referiu estão relacionados com a cultura chinesa, que é descrita como “sábia,” “misteriosa,” “interessante,” “única,” entre outros adjetivos de conotação positiva (2007, p. 109). Matias refere, também, que os entrevistados “admiram os chineses pelos seus valores ancestrais, pelo respeito aos mais velhos e pelas suas tradições seculares,” apreciando, ainda, “o seu modelo de trabalho e capacidade de sobrevivência, bem como a sua organização e empenho (...)” (2007, p. 109).

Os portugueses consideram que os chineses não só são respeitosos e honrosos, mostram, também, valor à educação dos filhos, uma vez que “vão agradecer aos professores o trabalho desempenhado ao longo do ano” (2007, p. 111).

No entanto, partindo da análise destas entrevistas por parte de Ana Matias, entende-se que os portugueses apresentam, sobretudo, opiniões menos positivas em relação aos imigrantes chineses.

De acordo com Matias, os portugueses acreditam que os chineses vêm para Portugal para vender os seus produtos, de “má-qualidade”, a preços mais baixos do que os preços praticados no comércio local, acabando por “dar cabo do pequeno comércio” (2007, p. 108).

Outros aspetos apontados em relação à diáspora chinesa em Portugal são os seguintes: os chineses são “pessoas muito fechadas,” relacionando-se apenas entre si, passando uma imagem de “arrogantes, imbuídas de sentimentos de sobrevalorização para com a sociedade chinesa” (2007, pp. 110-111).

Uma ideia muito presente na mentalidade da sociedade portuguesa é a de que os chineses servem carne humana nos seus restaurantes, baseando-se esta ideia no desconhecimento por parte dos portugueses da existência de óbitos chineses em território português (2007, p. 113). Em conformidade com o que é dito em *Polígrafo/SIC*⁷⁴, os portugueses acreditam, ainda, que os mortos chineses, ou são

⁷⁴ Rubrica do Jornal da Noite, do canal privado nacional, SIC. Edição de 01/07/2019.

enterrados secretamente, ou são “ocultados, para que os documentos possam ser usados por imigrantes ilegais.”⁷⁵ No entanto, estas noções estão erradas, sendo que há registos de óbitos chineses em Portugal. O número diminuto destes registos, contudo, deve-se ao facto cultural de os chineses preferirem regressar ao seu país de origem quando idosos ou doentes.

No geral, os entrevistados por Matias julgam os imigrantes chineses como muito unidos dentro da sua comunidade, indiferentes em relação à língua e costumes portugueses, com interesse meramente comercial, apesar de amáveis e respeitosos (2007, p. 114).

Não obstante, é de referir, que o povo português denota, também, um certa indiferença em relação ao povo chinês, bem como um conhecimento reduzido sobre este (Matias, 2007). Assim, pode concluir-se que os portugueses são, do mesmo modo, responsáveis pela relação exclusivamente comercial, dado que também não mostram interesse em conhecer melhor a comunidade chinesa presente em Portugal.

Através desta análise denota-se que é possível encontrar os estereótipos que a sociedade portuguesa retém em relação aos chineses nos meios de comunicação. Estes surgiram com base em centenas de anos de contactos, de generalizações comportamentais bem como, por vezes, da falta de iniciativa de conhecer, compreender e experienciar a cultura e realidade chinesas.

A ideia portuguesa de que os produtos chineses são de má qualidade não impede os portugueses de ir a lojas chinesas fazer compras, nem a sua opinião acerca dos ingredientes usados na confeção da comida chinesa os impede de ir a um restaurante chinês fazer uma refeição.

A existência destes estereótipos não implica que toda a sociedade portuguesa pense assim, ou mesmo que as mentalidades não estejam a mudar. No entanto, a constante utilização destes estereótipos, sem a consciencialização do público do que é um juízo errado, leva à manutenção destes em sociedade, não permitindo um desenvolvimento profícuo da interação entre as comunidades portuguesas e chinesas.

Assim, e com base na explicação de Zhang Li (2013, p. 119), é possível encontrar a relação entre os meios de comunicação com os estereótipos e preconceitos, através da comunicação intercultural:

A comunicação dos média deve reforçar a consciencialização das diferenças culturais, respeitar as outras culturas, aprofundar a compreensão mútua e enfatizar a integração cultural e a

⁷⁵ <https://sicnoticias.pt/programas/poligrafo/2019-07-01-Ha-registo-de-mortes-de-chineses-em-Portugal->, consultado em 18/07/2019, às 16h41

*interação social, de modo que nos textos de comunicação intercultural dos média seja possível eliminar ou reduzir equívocos provocados por diferenças culturais. (...) os vários níveis de símbolos linguísticos dos textos dos meios de comunicação, incluindo a apresentação do tema, a enunciação, o estilo de linguagem, etc. são organizados e produzidos para se adaptarem a hábitos de compreensão do público em diferentes contextos culturais, bem como para se adaptarem a diferentes tradições culturais, de forma a alcançar uma comunicação intercultural positiva e eficaz.*⁷⁶

O próximo capítulo procura expor esta relação, através da análise de discurso de notícias, artigos de opinião e crónicas. Os autores dos textos apresentados adaptam as suas palavras para que estas sejam mais facilmente interpretadas pelos leitores, recorrendo, para isso, a estereótipos e preconceitos sobre os chineses, culminando na influência da comunicação intercultural entre portugueses e chineses.

⁷⁶ “传播主体要增强文化差异意识，尊重他者文化，加深彼此了解，强调文化融合和主体间性，这样在媒介文本的跨文化传播中就有可能消除或者减少文化差异带来的误解和曲解。(…) 对媒介文本的各层级语言符号包括主题设计，话语表述，语言风格等的组织和生产做到适应不同文化语境下的受众理解习惯，以适应受传者的不同文化背景从而实现积极有效的跨文化传播。” (TdA)

3. CAPÍTULO III –ANÁLISE DE TEXTOS

A realidade atual baseia-se na constante aproximação e interdependência de comunidades e culturas. O início destas relações pode ter levado à formação de opiniões tendenciosas em relação aos outros, numa tentativa de cada comunidade manter e proteger a sua integridade e herança cultural. Contudo, cada vez mais as sociedades se adaptam, chegando mesmo a reproduzir padrões sociais umas das outras.

Esta fase de aceitação e conhecimento mútuo permitiu o desenvolvimento da opinião pública, deixando esta de ser tão rapidamente influenciada e alterada pela informação a que tem acesso constantemente. Não obstante, os meios de comunicação continuam a representar os principais instrumentos de transmissão de informação entre sociedades. O método que é usado por estes para informar a população influenciará o modo como esta irá avaliar os outros. Este método pode ser tão impercetível como o tipo de léxico usado para fazer a comunicação.

Para compreender de que modo os meios de comunicação podem levar a cabo a influência da opinião do público, através do uso de linguagem tendenciosa, esta dissertação tem como objetivo fazer a análise de discurso de textos presentes nos meios de comunicação portugueses, textos esses que podem ser acedidos por qualquer membro da sociedade.

3.1 Metodologia

Para proceder à análise de discurso e procura de estereótipos e preconceitos sobre chineses, fez-se o levantamento de notícias atuais, artigos de opinião e crónicas, encontrados em *sítes* de jornais *online*, pelo que importa clarificar alguns destes termos. Um artigo de opinião é um texto jornalístico escrito por alguém com o intuito de expressar os seus sentimentos e pensamentos acerca de um assunto de interesse público. Uma notícia é um texto informativo que relata um acontecimento nacional ou internacional de interesse público, de carácter político, económico, cultural, etc., e uma crónica é um tipo de texto informativo, produzido para os meios de comunicação, tratando de temas atuais, diferenciando-se da notícia por não ser imparcial, sendo que o cronista pode expressar a sua opinião e criticismo.

Os textos seleccionados para realizar a análise de discurso consistem em: duas notícias que se debruçam sobre o mesmo tema, as manifestações de Hong Kong, mas que são provenientes de duas fontes de informação distintas, *RTP Notícias* e *Expresso*, dois artigos de opinião, também estes relacionados com eventos de Hong Kong, e oito crónicas, sobre os mais variados temas, não estando todas relacionadas diretamente com a China, mas nas quais é possível encontrar frases e expressões a

mentonar a China ou os chineses, retiradas dos *sites* das revistas *Sábado* e *Visão*. As transcrições de todos os textos são apresentadas em anexo.

No processo de análise do discurso dos textos recorrer-se-á ao estudo das regras de formação de enunciado, através da desconstrução das frases que o compõem, com o intuito de compreender o sentido, bem como o objetivo, por trás destas. Para tal, pretende-se fazer a análise do tema, da deixis⁷⁷, do vocabulário, do tipo de imagens usadas a acompanhar os textos, do modo de enunciação e do modo de coesão, procurando expressões-chave que remetam para a possível influência e manutenção de estereótipos na opinião pública, tanto em textos imparciais, como deve ser uma notícia, como em textos em que o autor tem a liberdade de expressar a sua visão da realidade, como um artigo de opinião ou uma crónica.

Nesta busca por conteúdo tendencioso pretende-se, ainda, encontrar nos textos características que comprovem as teorias apresentadas em capítulos anteriores, com a finalidade de melhor compreender de que modo os meios de comunicação podem interferir com os juízos que os membros de uma sociedade fazem dos de uma outra.

Anteriormente, foi apresentado o tipo de notícias acerca da China que são mais referenciadas pelos meios de comunicação portugueses, sendo que estas têm, sobretudo, conotação negativa e são, na sua maioria, relacionadas com política, economia e as relações políticas e económicas internacionais da China. Esta imagem, só por si, permite ter noção da opinião que a sociedade portuguesa tem da China⁷⁸. Posteriormente, mas ainda em capítulos anteriores, foi exposta a caracterização feita dos chineses em Portugal, tanto nos meios de comunicação, através de telenovelas, como pelos próprios portugueses, atrás da leitura de um inquérito levado a cabo na zona metropolitana de Lisboa (Matias, 2007)⁷⁹.

Com base no que foi visto em capítulos anteriores, associado à análise de discurso dos textos selecionados, pretende-se chegar a uma conclusão do modo como a sociedade chinesa é vista pelos portugueses, ou seja, que tipos de estereótipos e preconceitos chineses são encontrados na mentalidade portuguesa, bem como o modo como estes passam e são mantidos entre indivíduos através do uso dos meios de comunicação.

Adicionalmente, recorre-se, ainda, a uma sondagem informal a nove chineses e três portugueses, estudantes do Curso de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução,

⁷⁷ A deixis é uma propriedade linguística do discurso que permite a identificação dos interlocutores, a situação, os objetivos e o contexto da enunciação, através de marcas e referências verbais presentes no discurso.

⁷⁸ Capítulo 1.3, p. 25

⁷⁹ Capítulo 2.3, p. 58

Formação e Comunicação Empresarial da Universidade do Minho, a quem foi pedido para partilharem os sentimentos e impressões provocados pela leitura de crónicas seleccionadas, nas quais se encontram estereótipos e preconceitos sobre os chineses mais significativos. O objetivo desta sondagem, juntamente com o objetivo da análise de discurso, é compreender de que modo a publicação de determinados textos, neste caso em particular, de crónicas, afeta a opinião dos leitores, podendo interferir na comunicação intercultural. Especifica-se também que, os inquiridos portugueses sondados, têm contacto com indivíduos, língua e cultura chineses, com relativa frequência, tendo, inclusive, a experiência de ter estudado na China durante um ano letivo. Deste modo, estes inquiridos podem encarar de modo diferente as especulações sobre os chineses presentes nestes textos, uma vez que, por pressuposição, têm maior conhecimento da cultura e sociedade chinesas do que um indivíduo português que não tenha contacto direto com estas, sendo, por isso, este último mais facilmente influenciável pelo conteúdo dos meios de comunicação social.

3.2 Análise dos textos seleccionados

As notícias são o ponto de partida para o conhecimento dos eventos que ocorrem noutras cidades, países e continentes. A maneira como estes são expostos pelos canais informativos de uma sociedade, influenciam o modo como essa sociedade irá julgar os outros grupos sociais.

Atualmente, a maioria das notícias encontradas nos meios de comunicação portugueses, relacionadas com a China, incidem nos eventos que estão a decorrer em Hong Kong, isto é, as manifestações levadas a cabo pelos habitantes dessa zona administrativa. Estas, ocorrem em grande escala desde o mesmo de julho, sendo que já causaram grandes prejuízos na economia de Hong Kong. Apesar de a proposta da lei de extradição já ter sido retirada pela Chefe do Executivo de Hong Kong, Carrie Lam, os manifestantes continuam nas ruas de Hong Kong, agora em protestos pró-democracia.

Estas manifestações começaram pacificamente, mas, com o decorrer dos meses, bem como o impasse nas decisões por parte do governo de Hong Kong, levou a que estas escalassem para atos de vandalismo e violência entre os protestantes e a polícia.

Estes eventos, cobertos diariamente pelos meios de comunicação de todo o mundo, alertaram para a intervenção por parte de Organizações Não Governamentais (ONG), como é o caso da Amnistia Internacional, sobre a qual são as notícias apresentadas abaixo.

A primeira notícia, publicada a vinte de setembro de dois mil e dezanove, no *site* da *RTP Notícias*, intitula-se *Amnistia Internacional denuncia tortura policial em Hong Kong e exige investigação*⁸⁰ (cf. Anexo I).

O corpo da notícia consiste na exposição do relatório apresentado pela Amnistia Internacional acerca dos acontecimentos ocorridos em Hong Kong, em particular a ação da polícia em tentativas de controlar as manifestações, apresentando, ainda, testemunhos de protestantes. Ao longo do texto são feitas várias citações da publicação feita na página de internet da Amnistia Internacional.⁸¹ Deste modo, as expressões e termos usados são resultado da tradução da publicação feita em inglês. Estas expressões e termos, como é exemplo “tortura policial,” expressão imediatamente encontrada no título, são de cariz negativo, suscitando no leitor sentimentos de assombro e antipatia pela polícia de Hong Kong, sendo que, ao mesmo tempo, chama a atenção do leitor para abrir a notícia e ler o seu conteúdo.

Pela análise do resumo da notícia, apresentado imediatamente a seguir ao título – “A Amnistia Internacional (AI) denunciou hoje o abuso cometido pelas forças policiais contra os manifestantes que participam nos protestos pró-democracia em Hong Kong, e exigiu uma investigação independente” – o contraste entre o uso de um vocábulo negativo, “abuso” relacionado com as forças policiais, e o uso de um prefixo positivo, “pró” em “pró-democracia”, relacionado com os manifestantes, demonstra um posicionamento contra a polícia de Hong Kong.

Excertos encontrados no corpo de texto, que podem provocar no leitor o sentimento de humanitarismo para com os manifestantes, ou o sentimento de desconsideração pela força policial são as seguintes: “21 detidos, que pediram para não serem identificados, com medo de possíveis represálias,” “Quase todos os entrevistados descreveram ter sido espancados,” “85% dos entrevistados foram hospitalizados,” “um homem que disse ter sido alvo de tortura depois de recusar responder a uma pergunta,” “uma jovem (...) que diz ter sido espancada nas costas,” “o uso da força foi claramente excessivo, uma violação da lei internacional de direitos humanos,” “abundância de abusos da polícia contra manifestantes detidos,” “repressão policial” e “confrontos entre polícia e manifestantes cada vez mais violentos.” O uso de citações de testemunhos, como o exemplo “Senti que as minhas pernas foram atingidas por um objeto muito duro, Depois um agente pôs os seus joelhos no meu peito. Senti a dor nos osso e não conseguia respirar. Tentei gritar, mas não conseguia,” causam um impacto ainda maior no leitor.

⁸⁰ Lusa (2019). Amnistia Internacional denuncia tortura policial em Hong Kong e exige investigação. *RTP Notícias*. Consultado em setembro 21, 2019, em https://www.rtp.pt/noticias/mundo/amnistia-internacional-denuncia-tortura-policial-em-hong-kong-e-exige-investigacao_n1173646

⁸¹ Hong Kong: Arbitrary arrests, brutal beatings and torture in police detention revealed (2019). *Amnesty International*. Consultado em outubro 1, 2019, em <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2019/09/hong-kong-arbitrary-arrests-brutal-beatings-and-torture-in-police-detention-revealed/>

No final da notícia, é apresentado, resumidamente, em que termos é que Hong Kong, ex-colónia inglesa, foi entregue à China, sendo que são esses termos que diferenciam a zona das demais províncias chinesas. A ligação que é feita a Macau, observada no início do último parágrafo, pretende mostrar que Macau e Hong Kong se encontram nas mesmas condições governamentais, podendo acontecer em Macau o que tem acontecido em Hong Kong desde junho. Uma vez que Macau é uma ex-colónia portuguesa, entregue à China apenas há vinte anos atrás, gera no público português um maior sentimento de proximidade às manifestações em Hong Kong.

A notícia referente ao mesmo tema apresentada pelo jornal *Expresso*, também publicada no dia vinte de setembro, intitula-se *Amnistia Internacional alerta para “padrão alarmante” de violência em Hong Kong*⁸² (cf. Anexo II), tem como fonte a mesma publicação da Amnistia Internacional, usando, também, citações da mesma.

Ao contrário do título da notícia publicada pela *RTP Notícias*, o título usado pelo *Expresso*, é imparcial, de modo que, ao referir apenas “violência,” não expressa imediatamente quem a provoca, se a polícia, os manifestantes, ou ambos.

No entanto, tal como visto acima, o texto em destaque, apresenta que os “‘padrões alarmantes’ de violência” são causados pelas forças policiais de Hong Kong.

No primeiro parágrafo, a criação de um hiperligação ao texto original da Amnistia Internacional, no excerto “prisões arbitrárias, espancamentos brutais e tortura nas detenções policiais,” causa o destaque destas palavras numa cor diferente ao resto do texto, chamando, assim, a atenção dos leitores para estas, incitando à leitura de toda a notícia.

Como é o caso da notícia da *RTP Notícias*, também esta gera no leitor a antipatia para com a polícia, explicitando, por exemplo, o grau de trauma físico estes provocaram nos manifestantes:

os manifestantes revelaram que foram internados no hospital após a prisão ou detenção, com lesões que iam desde ferimentos na cabeça a braços fraturados. Em casos excecionais, alguns manifestantes detidos relataram ter sido espancados por agentes da polícia, tendo sofrido ‘maus tratos ao nível da tortura.’

O *Expresso* refere, ainda, a deputada do Parlamento de Hong Kong e fundadora do Partido Cívico, Tanya Chan. Chan pediu à ONU, Organização das Nações Unidas, a realização de um inquérito

⁸² Gomes, H. (2019). Amnistia Internacional alerta para “padrão alarmante” de violência em Hong Kong. *Expresso*. Consultado em setembro 21, 2019, em <https://expresso.pt/internacional/2019-09-20-Amnistia-Internacional-alerta-para-padrão-alarmante-de-violencia-em-Hong-Kong#>

internacional para investigar a repressão policial dos manifestantes. Através de um pequeno parágrafo, é exposto, também, a relação de Tanya Chan a manifestações ocorridas em anos precedentes. Assim, é suscitado no leitor empatia por Tanya Chan, ao mostrar que esta foi condenada por ações passadas, e compreensão, ao ficar a saber que há membros no parlamento defensores do movimento pró-democracia.

Mais uma vez, é feita a relação entre Hong Kong e Macau. Deste modo, o público português mantém presente que o que acontece em Hong Kong pode, também, acontecer em Macau.

Este jornal faz ainda uso de linguagem não verbal para provocar no leitor algum tipo de sentimento, nomeadamente através da imagem colocada para ilustrar a notícia (cf. Figura 14).



Figura 14: Jornal Expresso, "Amnistia Internacional alerta para 'padrão alarmante' de violência em Hong Kong"

Na imagem vê-se um homem adulto e idoso, em primeiro plano, que parece estar a fugir do fumo que se encontra atrás dele, assim como outras pessoas, que se vêm a fugir em plano mais afastado. Esse fumo é, provavelmente, gás lacrimogéneo, lançado pela força policial com objetivo de dispersar as manifestações. As bombas de gás lacrimogéneo contêm substâncias que provocam irritações na pele, olhos e vias respiratórias. Em contacto com os olhos, este gás causa dor e lacrimação imediata; ao ser inspirado pode levar a quadros graves de alergias respiratórias.

O uso desta imagem transmite ao leitor a ideia de que os manifestantes estão indefesos, representados pelo homem a fugir, contra os atos de violência da polícia de Hong Kong, representados pela bomba de gás lacrimogéneo.

Após a publicação de notícias, académicos que escrevem para jornais, desenvolvem novos artigos, partilhando a sua opinião acerca dos temas mais recentemente cobertos pelos meios de comunicação. Em vista disto, segue-se a análise de artigos de opinião relacionados com os acontecimentos de Hong Kong.

O primeiro artigo, intitulado *Tiananmen, 30 anos depois, chama-se Hong Kong*⁸³ (cf. Anexo III), redigido por Patrícia Reis, foi retirado do site *Sapo24*.

O título do artigo alude ao Massacre de Tiananmen, evento que ocorreu a quatro de junho de mil novecentos e oitenta e nove, na Praça de Tiananmen em Pequim, quando estudantes chineses protestavam contra a repressão do Governo Chinês. Milhares de estudantes morreram quando o exército chinês enviou tanques e infantaria para a Praça com objetivo de dissolver os protestos. A autora do artigo sugere, através do título, que o que aconteceu nesse dia na Praça de Tiananmen está a acontecer novamente, desta vez em Hong Kong.

Após relembrar aos leitores os acontecimentos de há trinta anos atrás, Patrícia Reis começa o artigo por criar algum distanciamento entre a população portuguesa e os eventos que ocorrem do outro lado do mundo, ao referir a indiferença desta para a realidade dos povos asiáticos, pelo uso de expressões como “Sabemos pouco, ou mesmo nada,” “dá-nos igual, se formos sinceros,” “não nos comove por aí além, nem sabemos a razão” e, por fim, “São outras culturas, está tudo demasiado longe.”

No entanto, no parágrafo imediatamente a seguir, cria, de novo, aproximação ao afirmar que, no que é referente à China, “quer se queira quer não, não a podemos ignorar.” Através do uso de adjetivos como “incontornável” e “líder” para descrever a China, bem como de outros vocábulos como “pódio” e “especialidade,” a ideia transmitida ao leitor é a de uma nação poderosa e capaz. Tal descrição da China, seguida da frase “Mais de um milhão e meio de manifestantes vieram mostrar, no passado domingo, que não estão disponíveis para se render às regras e leis da China e a China rapidamente invocou violência e desacetos, infiltrações de agentes provocadores” provoca a criação de opiniões negativas acerca da China, fazendo com que as pessoas compreendam que a China usa a violência como primeira opção para a resolução de problemas.

A autora, mais uma vez, passa o sentimento de distância, desta vez através da pergunta retórica “É tão longe, não é?”

⁸³ Reis, P. (2019). Tiananmen, 30 anos depois, chama-se Hong Kong. *Sapo24*. Consultado em setembro 26, 2019, em <https://24.sapo.pt/opiniaio/artigos/tiananmen-30-anos-depois-chama-se-hong-kong>

Esta pergunta é seguida pela exposição do que se encontra nas notícias acerca do caso, sendo que, tal como na notícia da *RTP Notícias* vista acima, se presencia o uso de vocabulário negativo relacionado com a polícia, como “violência” e “meios hostis,” em contraste com o vocabulário com conotação positiva, relacionado com os manifestantes, como “liberdade.”

Por fim, a autora retoma o tema de Tiananmen, explicando que, não querendo repetir o sucedido de há trinta anos atrás, a China age de forma “cautelosa,” sem querer cometer “excessos.” No último parágrafo, Patrícia Reis refere que, sendo que os manifestantes chegaram a um milhão e meio na manifestação de domingo, dia dezoito de agosto, se se repetisse os acontecimentos de quatro de junho de mil novecentos e oitenta e nove, as consequências seriam piores. Após esta afirmação, são lembradas as relações económicas entre Portugal e a China, bem como “um país [a China] que tem presos políticos, campos de concentração e tal. A economia pode tudo.” com a intenção de expor, de forma indireta, que a autora não tem uma opinião positiva em relação à China e as suas ações, sendo que desaprova a relação entre esta e Portugal.

O seguinte artigo de opinião, publicado no *Diário de Notícias*, da autoria do Embaixador da República Popular da China em Portugal, Cai Run, intitula-se *A China é firme em defender a prosperidade e estabilidade de Hong Kong*⁸⁴ (cf. Anexo IV).

Neste artigo, o Embaixador, ao contrário da anterior autora, Patrícia Reis, faz uma apreciação positiva da intervenção por parte da China nas manifestações em Hong Kong. Assim como o Embaixador da China em Portugal, os apoiantes das atitudes levadas a cabo pelo Governo Chinês, compreendem que as decisões deste têm como principal objetivo o desenvolvimento económico e a estabilidade sustentável de Hong Kong, tal como se pode constatar pelo título do artigo.

Cai Run, começa por explicar o que, na sua opinião, incitou o começo das manifestações, ou seja, que estas foram iniciadas por radicais de Hong Kong que, aproveitando a oposição à revisão do Decreto dos Infratores Fugitivos e da Assistência Mútua Jurídica em Matéria Penal, definida nos meios de comunicação como lei da extradição, pretendem “desordenar Hong Kong e destruir o princípio de Um País Dois Sistemas.” Acrescenta, ainda, que esses radicais tencionam “espalhar boatos, criar pânico desviar a atenção da opinião pública, incitar caos de forma intencional e perturbar a ordem social.”

Segundo o Embaixador, os atos de violência evidenciados nos média são provocados pelos manifestantes radicais, não pelas forças policiais, como se pode ler o seguinte excerto “Alguns media e grupos alegam que as chamadas manifestações pacíficas foram reprimidas violentamente pela polícia.

⁸⁴ Run, C. (2019). A China é firme em defender a prosperidade e estabilidade de Hong Kong. *Diário de Notícias*. Consultado em setembro 21, 2019, em <https://www.dn.pt/opiniaao/opiniaao-dn/convidados/interior/a-china-e-firme-em-defender-a-prosperidade-e-estabilidade-de-hong-kong-11231105.html>

Trata-se do comportamento típico do padrão duplo, porque a verdade é exatamente oposta do que os mesmo declaram.” O Embaixador da China em Portugal, repreende os meios de comunicação social ocidentais, afirmando que estes desrespeitam a verdade, “fazem reportagens com ouvido seletivo, difama e caluniam” as ações do Governo e polícia de Hong Kong.

Ao contrário dos textos analisados anteriormente, neste artigo, adjetivos de cunho negativo, como “extremistas” e “violentos,” são usados mais do que uma vez, estando sempre associadas aos manifestantes.

Como visto acima, também o Embaixador Cai Run refere o retorno de Hong Kong à China, bem como os seus direitos e regalias no princípio Um País Dois Sistemas. Acrescenta, ainda, as mais valias para o seu desenvolvimento desde que tornou a estar sobre o governo chinês.

Mais uma vez, em contraste com os textos anteriores, Cai Run caracteriza o poder da China através de expressões positivas como é visto no penúltimo parágrafo: “confiança,” “capacidade,” “apoia inabalavelmente,” entre outros.

O artigo termina com uma declaração feita diretamente aos leitores portugueses, apelando ao discernimento e consciencialização destes. Como referido anteriormente, as últimas frases dos textos pretendem criar proximidade entre o leitor e os acontecimentos, atraindo-os a criar uma opinião com base no que acabaram de ler.

Através da análise feita, tanto às notícias como aos artigos, juntamente com a aplicação dos conceitos vistos em capítulos precedentes, é possível tirar algumas conclusões sobre o modo como estes tipos de textos influenciam a opinião pública no que respeita a outras sociedades.

A transmissão constante de informação em relação ao estado político e económico de Hong Kong, bem como a criação de um ponto de vista favorável em relação aos manifestantes em contraste com a impressão negativa em relação à polícia de Hong Kong e, ainda, em relação ao Governo Chinês, respeitando as características da teoria de *agenda-setting* (cf. Capítulo 1.1), em que as notícias a que os meios de comunicação dão mais visibilidade são aquelas a que o público dá mais importância, influencia grandemente a opinião que a sociedade portuguesa desenvolve acerca destes.

Esta teoria assenta em duas premissas (Communication Theories, 2004, p. 104). A primeira premissa declara que os meios de comunicação filtram e moldam a realidade ao invés de simplesmente a refletirem e a segunda afirma que a concentração dos meios de comunicação em determinados acontecimentos e assuntos leva o público a considerá-los mais importantes do que outros acontecimentos e assuntos menos abordados.

De acordo com a primeira premissa, nos meios de comunicação em geral, é possível presenciar a moldagem da realidade ao percebermos que novas histórias não são apresentadas por ordem cronológica ou de acordo com o número de pessoas afetadas, mas sim na ordem que o produtor de conteúdo determina ser a mais sensacional, ou a mais apelativa. Aqui, em particular, visualiza-se esta filtragem e moldagem da realidade na “tomada de partidos” por parte dos autores dos artigos de opinião, uma vez que, por um lado, a autora Patrícia Reis defende os manifestantes, e por outro, o Embaixador da China em Portugal, defende o Governo Chinês e as suas decisões.

A segunda premissa, apresentada em exemplos abordados no Capítulo 1.3, reflete-se neste caso no recente foco que os meios de comunicação portugueses deram aos acontecimentos de Hong Kong, passando para segundo plano outros temas, transmitindo ao público um sentimento de maior importância relacionado com as manifestações.

A influência dos meios de comunicação é também visível no modo como as notícias são fraseadas, isto é, em que tipo de *frames* (cf. Capítulo 1.1) estas são colocadas. Nas notícias analisadas, por exemplo, os jornalistas fizeram uso de molduras em torno da violência, como se pode ver nos títulos, pelo uso de expressões como “tortura policial,” “violência,” ou ainda, “Tiananmen,(...), chama-se Hong Kong,” que prepara a mente do leitor para um artigo sobre violência ao recordar os acontecimentos de há trinta anos atrás. Sendo Portugal um país sob um governo democrático, a relação criada entre os manifestantes e os termos “pró-democracia” (nas notícias) e “liberdade” (no artigo de opinião *Tiananmen, 30 anos depois, chama-se Hong Kong*), revelam *frames* que enquadram a opinião pública para uma determinada avaliação da situação.

Ainda referente ao modo como as notícias influenciam o público, relembre-se a teoria de cultura de crenças (cf. Capítulo 1.1).

Os teóricos desta definem dois grupos de audiência, “espetadores pesados” (*heavy viewers*) e “espetadores leves” (*light viewers*), sendo que os “espetadores pesados” representam a audiência que assiste televisão durante muito tempo e os “espetadores leves” o contrário. Os teóricos acreditam que os “espetadores pesados” estão mais suscetíveis a serem influenciados pela informação transmitida pela televisão (Communication Theories, 2004, p. 109). No entanto, admitem que as consequências da influência da televisão são pequenas e graduais, mas que, com o passar do tempo, são cada vez mais perceptíveis (Communication Theories, 2004, p. 108; Slater & Elliott, 1982).

Deste modo, a influência exercida no público português pode não ser direta e imediata, no entanto o constante acesso ao mesmo conteúdo (bem como uma possível comunicação entre indivíduos, com base no que é transmitido nas notícias) culmina numa alteração dos modos de pensar. Atualmente,

o público português estar, sobretudo, em contacto com notícias acerca das manifestações em Hong Kong, sendo estas expostas, maioritariamente, através de linguagem negativa, cria no espectador ou leitor sentimentos negativos.

O desenvolvimento de artigos de opinião, sejam em defesa dos manifestantes (*Tiananmen, 30 anos depois, chama-se Hong Kong*), sejam a repreendê-los (*A China é firme em defender a prosperidade e estabilidade de Hong Kong*), é manipulado pelos valores dos autores em junção com a nova informação adquirida.

Se as notícias são o primeiro ponto para a informação atualizada sobre a realidade, notícias tendenciosas podem levar à posterior produção de opiniões influenciada, opiniões essas afetadas pela criação de uma agenda e o uso de *frames* e de aspetos culturais por parte dos meios de comunicação, para levar a cabo a transmissão da mensagem.

Para além das notícias sobre Hong Kong, outras notícias relacionadas com a China são referentes a “Guerra Comercial,” sobretudo entre esta e os E.U.A., bem como à compra de empresas portuguesas, ou parte destas, por empresas chinesas.

Estas notícias geram no público português a impressão de uma China poderosa e rica, o que, note-se, contrasta com a ideia de os chineses serem comerciantes de artigos baratos e de fraca qualidade, sendo este mesmo o estereótipo mais facilmente encontrado nos meios de comunicação portugueses (como se verá através da análise das crónicas apresentadas a seguir). Esta mudança de perspetiva invoca constantemente estereótipos e preconceitos chineses, assim como leva à criação de novos.

Como acontece com os artigos de opinião, também as crónicas são escritas com base em notícias anteriormente publicadas. As páginas que se seguem cobrem oito crónicas encontradas nos *sites* das revistas *Sábado* e *Visão*, relativas aos mais variados temas, mas nas quais é possível encontrar o uso de linguagem tendenciosa que remete para estereótipos e preconceitos em relação aos chineses. Através da escrita e, sobretudo, da leitura destas crónicas, formam-se e solidificam-se estereótipos na mente dos leitores, neste caso portugueses, com um forte alcance através das redes sociais.

Na primeira crónica a ser analisada, intitulada *Eu sei lá se são os chineses...*⁸⁵ (cf. Anexo V), retirada do *site* da revista *Sábado*, a autora, A Porteira, expõe, ao longo do texto, a sua opinião acerca dos chineses, em particular, daqueles que abrem em Portugal lojas dos chineses, bem como o que estes

⁸⁵ A Porteira (2016). Eu sei lá se são os chineses.... *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opiniao/convidados/a-porteira/detalhe/eu-sei-la-se-sao-os-chineses>

vendem, entre outros pormenores. Sendo que a autora é, ou representa a personagem de uma porteira, sobre a qual se pode adivinhar que, fazendo uso de um estereótipo sobre portugueses, é uma pessoa de classe baixa, com uma escolaridade básica, compreende-se que a linguagem usada na escrita do texto é informal, repleta de expressões de português popular, como é exemplo “para tirar a maior,” “aqui de frente,” “pró que a gente havíamos de estar todos guardados,” “E o que é que a gente temos a ver com isso,” assim como expressões derivadas da religião e cultura portuguesas, como o caso de “Bem-feita, Deus me perdoe.”

Deste modo, é esperado que A Porteira, recorra a estereótipos e preconceitos na sua descrição sobre outras sociedades, neste caso a chinesa, como é possível presenciar à medida que se faz a leitura do texto.

Começando pelo título, “Eu sei lá se são os chineses...,” remete para a ideia de que, havendo uma mudança no “normal” funcionamento da realidade, o motivo dessa mudança pode ser devido à intervenção dos chineses, seja porque cada vez mais pessoas de nacionalidade chinesa integram a sociedade portuguesa, seja por associação à atualidade, em que o investimento chinês em Portugal é cada vez maior, sendo que várias empresas portuguesas continuam a ser compradas por investidores chineses.

Entrando no corpo de texto, no primeiro parágrafo, encontra-se a seguinte expressão “isto de eles serem comerciantes está-lhes na massa do sangue.” Fazendo a conexão deste excerto ao que foi apresentado anteriormente, de acordo com o que foi apurado nas entrevistas levadas a cabo por Ana Matias, na zona metropolitana de Lisboa, uma das ideias presentes na sociedade portuguesa é que os chineses vêm para Portugal apenas para fazer negócio (*cf.* Página 61). A Porteira continua a ideia acrescentando que “aqui de frente há três lojas, uma frutaria e duas assim daquelas que vendem de tudo” e “eles são sempre os primeiros a chegar e os últimos a ir embora,” remetendo ao estereótipo de que os chineses trabalham muito (*cf.* Página 61), ou ainda, “tem um chinês a rondar-lhe a porta para lhe ficar com o trespasse,” sendo que o uso do verbo “rondar” deixa transparecer o estereótipo de que os chineses vêm para Portugal para se apoderar do comércio, acabando por “dar cabo do pequeno comércio” (Matias, 2007, p. 108) (*cf.* Página 61). A autora, para além de referir que os chineses vêm para Portugal para abrir lojas, refere ainda outro estabelecimento de negócio, chamando-lhe “restaurãs japoneses.” O uso desta expressão transmite o estereótipo, muito presente na sociedade portuguesa, de que os asiáticos “são todos iguais,” sendo que é indiferente dizer que o restaurante é chinês ou japonês, visto que, se as pessoas são “todas iguais” os restaurantes também o são. Este estereótipo pode também

ser encontrado numa outra crónica pela mesma autora⁸⁶, onde lê “Ensinar a fazer um *suche*, um *sáchime*, coisas de fora, lá dos chineses, para não chatear sempre o bife com arroz.” Neste excerto a Porteira identifica comida japonesa, que é o caso do *sushi* e do *sashimi*, como comida chinesa, transmitindo, mais uma vez, indiferença pelas culturas asiáticas, assim como passando o estereótipo de que “os asiáticos são todos iguais.”

Um outro estereótipo também referido no capítulo anterior, também presente neste texto, é referente à qualidade e durabilidade, assim como ao preço, dos produtos comprados nas lojas dos chineses, ou seja, ao estereótipo de que os produtos comprados nas lojas dos chineses, apesar de baratos, são de má qualidade, acabando por durarem pouco tempo (*cf.* Página 61). Este estereótipo é visível nas seguintes afirmações: “pode ser que fique tudo mais barato! Mesmo que dure menos, sempre se poupa,” “desde que a luz é deles, é verdade que é assim um bocadinho mais fraca, mas nota-se logo na factura,” “Isso num chinês nem chega a metade” e ainda, “tenho de ir ao chinês comprar outra esfregona. Já é a terceira este mês.” Estes excertos, mesmo que para efeito de comédia, tal como todo o conteúdo do texto, aludem para estereótipos em relação aos chineses, promovendo a manutenção destes na mentalidade portuguesa. É de mencionar que a afirmação de “A culpa não é dos chineses, é desta chuva,” imediatamente a seguir a “(...) tenho de ir ao chinês comprar outra esfregona. Já é a terceira este mês,” passa a ideia de que a chuva é apenas uma desculpa, para não querer dar a entender que a qualidade das esfregonas compradas nas lojas dos chineses é fraca, provocando, no entanto, o efeito contrário, contribuindo ainda mais para a preservação do estereótipo.

É, ainda, possível encontrar estereótipos em relação à qualidade dos produtos vendidos pelos chineses em outro texto da autora, intitulado *As mulheres, os salários iguais e o fim do mundo em cuecas*⁸⁷ (*cf.* Anexo VI). Neste texto, a Porteira expressa-se em relação à igualdade de salário entre homens e mulheres, sendo que, ao longo do texto, a autora expressa o seu desacordo contra o aumento do salário das mulheres (o que, entenda-se naturalmente, pretende passar a ideia, através da ironia, de que as mulheres têm direito a salários iguais aos dos homens). Entre as explicações da autora descobre-se uma referência à China, como se vê no seguinte excerto: “Eu tenho pra mim que a gente sozinhas transformámos a China na segunda maior economia mundial, de tanto cangalho que a gente trazemos para casa lá das lojas deles.” Mais uma vez, a autora alude à “má qualidade” dos produtos com o uso

⁸⁶ A Porteira (2019). A mulher do Senhor Juiz. *Sábado*. Consultado em outubro 19, 2019, em <https://www.sabado.pt/opiniao/convidados/a-porteira/detalhe/a-mulher-do-senhor-juiz>

⁸⁷ A Porteira (2019). As mulheres, os salários iguais e o fim do mundo em cuecas. *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opiniao/convidados/a-porteira/detalhe/as-mulheres-os-salarios-iguais-e-o-fim-do-mundo-em-cuecas>

do termo depreciativo “cangalho,” termo usado para referir algo que não presta ou que é velho, reforçando assim o estereótipo da falta de qualidade dos produtos chineses.

A seguinte crónica, escrita por António Lobo Antunes, intitulada *A viagem à China*⁸⁸ (cf. Anexo VII), pode ser encontrada no *site* da revista *Visão*, de onde foi retirada.

Através deste texto, Lobo Antunes conta a história de um rapaz de cinco ou seis anos, chamado Tomázinho, que fugia muitas vezes de casa. O rapaz, quando confrontado pelo pai que queria saber o porquê das fugas, explicou-lhe que queria ir à China. Após ter contado esta história, o autor admite que também ele gostaria, aos cinco anos de idade, de ter visitado a China. No seu desabafo, explica que sente que toda a gente esconde a China dele, fazendo a seguinte declaração: “Nem em casa existe, como existe em todas as outras, um prato de sopa com chineses risonhos impressos, búfalos num arrozal, raparigas de olhos oblíquos, pontezinhas delicadas sobre riachos com juncos? Porque não tenho, no bengaleiro, chapéus cónicos de palha?”

Esta descrição, mesmo que seja apenas a descrição de um prato, consegue passar uma ideia estereotipada da China, de um país ligado à agricultura, através da referência aos arrozais, e das suas pessoas, que são muitas vezes caracterizadas como tendo “olhos oblíquos.” Deve-se, ainda, clarificar que o “chapéu cónico de palha” é um adereço mais comumente usado no Vietname, sendo, inclusive, um símbolo nacional. Apesar de este chapéu poder ser encontrado em outros países asiáticos, esta associação à China, mais uma vez, transparece o estereótipo de os asiáticos serem todos iguais.

Mais abaixo no texto, Lobo Antunes faz alusão a um tema, também já falado anteriormente, referente à morte de pessoas chinesas, assunto que suscita várias dúvidas aos portugueses. O autor afirma “além disso os chineses não morrem, não sei de uma só criatura no mundo que confesse haver assistido ao enterro de um chinês e portanto são eternos,” podendo, desta forma, despertar na mente do leitor estereótipos relacionados com o que acontece com os mortos, como a ideia que estes são usados para a confeção de comida nos restaurantes chineses (cf. Página 61).

Uma outra crónica onde é possível apontar estereótipos e preconceitos em relação aos chineses é a crónica intitulada *Não há fatos italianos baratos*⁸⁹ (cf. Anexo VIII), escrita por Dulce Garcia, publicada na revista *Sábado*.

⁸⁸ Lobo Antunes, A. (2018). A viagem à China. *Visão*. Consultado em setembro 27, 2019, em http://visao.sapo.pt/opiniao/opiniao_antonioloboantunes/2018-10-31-A-viagem-a-china?fbclid=IwAR0tTFN5colwYB3F8aa7NvIUMouAvl2wf40Wzq4mel8fjbrhLZ53wYCwvHE

⁸⁹ Garcia, D. (2015) Não há fatos italianos baratos. *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opiniao/cronistas/dulce-garcia/detalhe/nao-ha-fatos-italianos-baratos>

Nesta pequena crónica, escrita num formato que dá a entender que a autora está a ter uma conversa com alguém, ou que simplesmente está a relatar uma conversa que ouviu, ou que considera poder ser uma conversa normal entre duas pessoas, a autora expressa o modo como julga que os chineses se mantêm ricos em comparação com algumas figuras públicas portuguesas, sendo possível descortinar uma série de estereótipos chineses presentes na sociedade portuguesa.

No quarto parágrafo (ou fala), lê-se “Sempre a trabalhar, sempre sisudos, não pagam um copo a ninguém,” para descrever uma pessoa chinesa, expondo, mais uma vez, o estereótipo de que os chineses trabalham muito. A resposta a esta afirmação é “Por isso são ricos,” insinuando que, o motivo de estes serem ricos é porque trabalham muito, indiferentes a relacionarem-se com os portugueses (*cf.* Página 61).

Esta ideia é continuada pela afirmação de que os chineses “continuam a viver discretamente, sempre em família.” Apesar de esta ser uma impressão positiva em relação aos chineses, encontra-se, algumas linhas depois, o estereótipo de que os chineses que moram em Portugal vivem em grande número numa casa pequena , através da expressão “encaixas cinco famílias de chineses num T3, na boa,” sendo esse mais um dos motivos da sua riqueza.

É ainda referido que os chineses poupam no vestuário, uma vez que “a roupa dos chineses (...) é baratíssima,” enquanto que José Sócrates, uma das figuras com quem o povo chinês é comparado na crónica, “usava fatos italianos e comia em restaurantes franceses.”

A crónica de Ricardo Araújo Pereira, encontrada na revista *Visão*, *Eletricidade comprada no chinês*⁹⁰ (*cf.* Anexo IX), rodeia o tema da companhia elétrica EDP e o preço que a população portuguesa paga pela eletricidade. O título, “Eletricidade comprada no chinês,” inicialmente, alude ao facto de parte da companhia ter sido comprada por empresários chineses. No corpo de texto, o autor compara o modo como a dona Arminda, florista, lida com a perda do furgão devido à passagem do furacão Leslie e o modo como a EDP lida com os danos causados pelo mesmo furacão, concluindo que, enquanto a dona Arminda não sabe lidar com a situação, a EDP consegue sempre tirar lucro, mesmo das desgraças, visto que é a população que acarreta com os custos. Após esta comparação, é referido, por fim, a compra de parte da EDP pelos chineses. Ricardo Araújo Pereira faz a seguinte declaração: “É preciso ter azar. As coisas que compramos aos chineses costumam ser baratas. A eletricidade logo tinha de ir parar às mãos dos únicos chineses careiros. A EDP é uma espécie de loja dos 300 da eletricidade. Só que é dos 300

⁹⁰ Araújo Pereira, R. (2018). Eletricidade comprada no chinês. *Visão*. Consultado em setembro 26, 2019, em <http://visao.sapo.pt/opiniao/ricardo-araujo-pereira/2018-10-25-Eletricidade-comprada-no-chines>

milhões.” De novo, registam-se o estereótipo de que os chineses são “comerciantes”, bem como o estereótipo de que os produtos vendidos pelos chineses são baratos.

A crónica *Namoradas, amigos e puns. Enfim... o essencial da vida*⁹¹ (cf. Anexo X), escrita por João Pedro Santos, retirada do *site* da Revista *Sábado*, escrito em formato de diálogo, apresenta uma conversa entre dois primos sobre o que estes consideram ser vantagem e desvantagem de um namoro. Enquanto um dos primos descreve o que acha ser uma consequência de namorar faz a afirmação que se segue: “mas assim que começa a namorar (...) parece que (...) foi raptado por um *gang* de chineses para lhe extraírem um rim.” Esta asserção remete para um estereótipo que ainda hoje se encontra presente na sociedade portuguesa, o estereótipo de que os chineses raptam pessoas para lhes retirarem os órgãos para venda.

Uma outra crónica que apresenta o estereótipo de comerciantes baratos e de produtos de má qualidade é a crónica de Catarina Nunes, *Ritz, Dolce & Gabbana e a China loucamente rica*⁹² (cf. Anexo XI), publicada em *Vida Extra Expresso*. Nesta crónica, a jornalista fala da visita do presidente da China a Portugal, em dezembro de 2018, em particular da sua estadia no hotel Ritz e das controvérsias relacionadas com marcas de luxo na China. No excerto, “[n]ós por cá, mais habituados a vê-los atrás de balcões de lojas com produtos de baixa qualidade ‘made in China’ não lhes demos importância e começámos por estranhar as excursões de chineses na avenida da Liberdade”, a autora faz uso do estereótipo dos chineses como comerciantes de produtos de má qualidade, visível em “atrás de balcões de lojas com produtos de baixa qualidade”, para mostrar que a ideia generalizada vai contra a atual realidade que se presencia nas capitais europeias, isto é, a visita dos turistas chineses em busca de produtos de luxo que, por outro lado, são vendidos na China a “preços exorbitantes.”

João Pinto Costa, na sua crónica *Vistos 'gold'*⁹³ (cf. Anexo XII), retirada do *site* da revista *Sábado*, trata do caso de atribuição de vistos *gold* a empresários chineses. Daqui retira-se o excerto seguinte: “Ainda assim, e verdade seja dita, para os arguidos e membros desta teia, os chineses não são todos iguais. Eles distinguem na perfeição os chineses que têm 500 mil euros ou mais na conta dos outros.” Apesar de o ator afirmar que “os chineses não são todos iguais,” a expressão ativa na memória dos leitores o estereótipo de que “os chineses são todos iguais,” permitindo, assim, a manutenção deste. É ainda possível fazer uma segunda interpretação que, no entanto, leva, de igual modo, ao mesmo

⁹¹ Santos, J.P. (2016). *Namoradas, amigos e puns. Enfim... o essencial da vida*. *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opiniao/convidados/joao-pedro-santos/detalhe/namoradas-amigos-e-puns-enfim-o-essencial-da-vida>

⁹² Nunes, C. (2018) *Ritz, Dolce & Gabbana e a China loucamente rica*. *Vida Extra Expresso*. Consultado em setembro 26, 2019, em <https://vidaextra.expresso.pt/cronicas/2018-12-08-Ritz-Dolce-Gabbana-e-a-China-loucamente-rica>

⁹³ Pinto Costa, J. (2014). *Vistos 'gold'*. *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opiniao/cronistas/joao-pinto-costa/detalhe/Vistos-gold->

estereótipo: através desta afirmação é possível deduzir que o autor entende que, excluindo aqueles que “têm 500 mil euros,” os chineses são indistinguíveis (para fazer uso do verbo usado pelo autor).

Cinco das crónicas até aqui analisadas, *Eu sei lá se são os chineses...*, *As mulheres, os salários iguais e o fim do mundo em cuecas*, *A viagem à China*, *Ritz, Dolce & Gabbana e a China loucamente rica* e *Vistos 'gold'*, foram partilhadas com chineses e portugueses, do Curso de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, em contexto de sondagem informal, para o levantamento de opiniões e sentimentos provocados pelos estereótipos presentes nos textos.

Como visto no decorrer da análise das crónicas, o estereótipo usado mais frequentemente é o estereótipo dos chineses como comerciantes de produtos baratos e de baixa qualidade. Pela leitura e estudo das reflexões escritas pelos inquiridos chineses, nota-se que estes se sentem indignados e aborrecidos por este estereótipo, havendo no entanto alguns que defendem que este estereótipo tem fundamento na realidade.

Com intuito de apresentar a sua indignação e aborrecimento, alguns inquiridos recorrem à cultura chinesa, através de expressões da língua chinesa que, em tradução livre para português significam “produtos baratos não são bons e bons produtos não são baratos” (便宜没好货, 好货不便宜, *piányí méi hǎo huò, hǎo huò bù piányí*) e “quanto mais alto o preço, melhor a qualidade” (一分钱, 一分货, *yī fēn qián, yī fēn huò*). Outros afirmam “eu não sei porque é que ela [a autora] continua a fazer compras na loja chinesa”, “se quer um bom produto, porque não compra gastando mais dinheiro”, ou ainda, “mas é evidente que as coisas baratas não vão ter boa qualidade.”⁹⁴

Alguns inquiridos mostram ainda compreensão pela existência deste estereótipo, afirmando que os chineses que emigram para outros países têm a intenção de abrir negócios, sejam lojas ou restaurantes, no entanto, julgam que é uma ideia demasiado generalizada, tendo, inclusivamente, um inquirido mencionado que os comerciantes de outros países têm as mesmas intenções que os chineses. É referido ainda em algumas reflexões o estereótipo de que os chineses trabalham muitas horas. Os inquiridos compreendem que tal se dá porque estes têm como objetivo “ganhar mais para viver melhor.” Um inquirido compreende que os portugueses devem aprender com os chineses e vice-versa, afirmando “os portugueses devem trabalhar mais (...). Aos mesmo tempo, os chineses devem (...) aprender a aproveitar a vida.” Um outro inquirido explica, ainda, a existência deste estereótipo, expondo que a maioria dos chineses que imigram para Portugal são residentes de uma região da China onde é feito

⁹⁴ As citações retidas das reflexões do inquiridos chineses estão adaptadas para melhor compreensão.

muito comércio, sendo que esta é a profissão mais comum de quem acaba por emigrar, contudo “eles não representam toda a China.” Apesar de alguma complacência de alguns inquiridos chineses, o uso excessivo destes estereótipos é tido como falta de conhecimento por parte da sociedade portuguesa da realidade chinesa, tanto na China, como da diáspora chinesa presente em Portugal, o que propicia desentendimentos na comunicação intercultural.

Por seu lado, através da leitura das reflexões dos inquiridos portugueses, é possível encontrar diferentes reações aos estereótipos presentes nas crónicas. O primeiro inquirido afirma que a primeira leitura que fez das crónicas *Eu sei lá se são os chineses...* e *As mulheres, os salários iguais e o fim do mundo em cuecas* lhe provocou um “misto de sentimentos. Revolta, ansiedade, confusão, tristeza...” No entanto, após uma leitura mais cuidada, começou a interpretá-los como uma “sátira, escrita de forma irónica, enumerando os principais estereótipos acerca dos chineses e das mulheres.”

A ideia de que a crónica foi escrita com o propósito de ser irónica não está errada, mas tal não implica que todos os leitores compreendam isso, ou que não contribua para a manutenção de estereótipos.

Este inquirido afirma que também a crónica *Ritz, Dolce & Gabbana e a China loucamente rica*, lhe incitou os sentimentos de revolta e tristeza pois, apesar de mostrar uma perspetiva diferente dos chineses que, atualmente, visitam o estrangeiro, sendo estes “mais ricos, homens de negócios, responsáveis pelo maior volume de vendas das marcas de luxo,” representando um patamar mais elevado do estrato social, a linguagem usada pela autora o deixou a pensar que “a presença dos chineses em todo o mundo, especialmente em Portugal, não é muito desejada”, acrescentado, ainda, que “isto revela que muitos portugueses ainda são xenófobos e (...) que têm inveja do sucesso dos chineses nos negócios em todo o mundo, porque associam-nos apenas a vendedores de coisas de má qualidade e vêem-nos como menos que nós portugueses (...).”

Em comparação com a opinião do primeiro inquirido, o segundo considera, também, que as crónicas *Eu sei lá se são os chineses...* e *As mulheres, os salários iguais e o fim do mundo em cuecas*, são escritas em jeito de sátira, mas com o objetivo de ridicularizar as reações que os portugueses têm em relação aos imigrantes chineses, explicando que as “reclamações” apresentadas nos textos são uma crítica aos próprios portugueses por ostentarem tantos estereótipos e preconceitos para com os chineses.

Para o segundo inquirido, o uso de português popular na escrita das crónicas proporciona um sentimento de alívio e ânimo, afirmando que “traz humor a um assunto que é um pouco sensível nos dias de hoje.”

Também um terceiro inquirido aprecia o lado humorístico das crónicas, apesar de compreender que estas passam uma visão estereotipada e preconceituosa sobre os chineses, passando a falsa impressão de conhecimento sobre os mesmos, quando apenas está a fazer uso de noções definidas pela sociedade portuguesa acerca de outrem.

Assim como o primeiro inquirido, o terceiro inquirido expressa a atual realidade económica da China, referindo o impacto que esta tem em todo o mundo. Esta realidade mostra-se contrária às ideias preconcebidas dos portugueses, apoiando, deste modo, o princípio de que os estereótipos são generalizações que podem sempre ser alteradas através da experiência, sendo a experiência, neste caso, o contacto com indivíduos chineses que não encaixam na categoria de “comerciantes de produtos baratos e de má qualidade”, entre outros.

Como os inquiridos chineses, também os portugueses compreendem que a repetição de estereótipos e preconceitos, mesmo que por meio da comédia, influencia os modos de julgar da sociedade portuguesa, afetando a comunicação entre as comunidades.

Tecendo-se algumas considerações finais, pode-se constatar que se encontram estereótipos e preconceitos, com maior facilidade, em crónicas, onde os autores, têm mais liberdade para se expressar, sendo que fazem uso de linguagem claramente tendenciosa para expor opiniões. No entanto, este uso da linguagem está também presente noutros conteúdos dos meios de comunicação, como é o caso das telenovelas (cf. Capítulo 2.3), transmitidas pela televisão.

Nestas crónicas é evidente uma discriminação da comunidade chinesa, pelo visível uso de estereótipos e preconceitos que proporcionam a separação “nós” vs. “eles,” bem como a constante criação de grupo chineses como “comerciantes,” ou “comerciantes de produtos baratos e de má qualidade,” sendo que estas diferenças são acentuadas pelo uso persistente dos mesmos estereótipos pelos jornalistas e/ou escritores.

Compreende-se que os estereótipos e preconceitos são usados pela sociedade para criar uma separação entre grupos sociais. Com o passar dos tempos e com o uso destes, estes tornam-se o que pode ser caracterizado como um aspeto cultural, ao qual o indivíduo recorre inconscientemente.

Assim, é possível constatar que os meios de comunicação influenciam a formação e uso de estereótipos das seguintes maneiras: na implementação de *frames*, encontradas, por exemplo, nas notícias nos termos e expressões relacionados com violência; no desenvolvimento da sequência de notícias (*agenda-setting*), através da passagem do mesmo tipo (neste caso sobretudo negativas) e da referência constante do mesmo assunto, por vezes com pouca informação nova adicionada; no modo como a apresentação é feita, visto no Capítulo 1.3, em que determinadas notícias tinham maior

destacamento que outras; na linguagem usada, como o uso de vocábulos que provoquem maior impressão no público, bem como a recorrência a linguagem tendenciosa, através de uma descrição mais explícita dos acontecimentos, ou até mesmo ao estereótipos.

A existência de todos estes fatores nos meios de comunicação permite a explicitação das diferenças entre comunidades, provocando nos membros da sociedade o sentimento de pertença a um grupo e, uma vez que são influenciados pelo mesmo, têm, à partida, as mesmas bases de criação de opinião, possibilitando a estabilidade da sociedade.

CONCLUSÃO

Os meios de comunicação representam um instrumento importante das sociedades que possibilita a comunicação entre estas, facilitando a transmissão de conhecimento e culturas.

Os estereótipos e preconceitos, revelam percepções que uma cultura tem em relação a outra. Estes são baseados em traços reais de uma comunidade que, apresentando-se diferente de outras, sobressaem à primeira vista, tornando-se um fator característico desta. Estas generalizações afetam o relacionamento entre comunidades.

Tendo em conta este conhecimento é usando-o para tratar do caso da China em particular, o objetivo desta dissertação foi ficar a conhecer, entre toda a informação acerca da sociedade chinesa que é transmitida ao público, quanta desta informação é influenciada pelos valores culturais e modos de pensar do emissor da informação (sendo que este pertence aos meios de comunicação) e de que modo se vê esta influência a ocorrer.

Para responder a estas questões começou-se por estudar os métodos usados pelos meios de comunicação para a transmissão de notícias ao público, desde o momento de seleção de eventos, ao modo como os apresentam. Sendo que as sociedades chinesa e portuguesa apresentam as suas diferenças, foi também importante ficar a conhecer como os média funcionam em contexto de transmissão de culturas. Ficou ainda explicitado o tipo, assim como de que maneira, os eventos relacionados com a China são transmitidos aos portugueses, com o uso de exemplos atuais.

Uma vez que a análise de discurso é um aspeto importante para o estudo de estereótipos e preconceitos sobre os chineses nos textos selecionados, apresentou-se uma breve introdução sobre o tema, seguido da explicação dos conceitos de estereótipos e preconceitos, bem como é que estes influenciam a mente humana. Por fim, foram referidos os estereótipos chineses mais comuns na sociedade portuguesa.

Procedeu-se num último momento à análise de discurso de notícias atuais e artigos de opinião, relacionados com a China, para perceber como é que esta é apresentada ao público português, tendo sido ainda analisados textos de crónicas, onde é possível encontrar, com maior facilidade, estereótipos e preconceitos em relação aos chineses, usados pelos portugueses como explicação de ações dos chineses, ou, simplesmente, para efeitos humorísticos. No entanto, por um motivo ou por outro, o modo como os chineses são retratados nos meios de comunicação portugueses influencia a opinião pública, levando à transmissão e manutenção de estereótipos chineses, podendo criar barreiras no interesse pela China, bem como no desenvolvimento de relações entre os povos.

Entende-se, assim, que a formação e manutenção de estereótipos é um ciclo, sendo que os meios de comunicação são um fator que mantem o ciclo em funcionamento. Os estereótipos e preconceitos são transmitidos entre indivíduos, alguns destes são jornalistas e/ou escritores que, consciente ou inconscientemente, fazem uso destes para a transmissão de nova informação, opiniões e pontos de vistas. Os indivíduos que consultam o conteúdo criado pelos jornalistas e escritores são influenciados pelas suas palavras, formando novos ou mantendo estereótipos já existentes. Sendo a comunicação um aspeto natural da sociedade, se um destes indivíduos tiver sido influenciado a alterar a sua opinião, ao partilhá-la com outrem irá, possivelmente, influenciá-lo, como também corre o risco de ser influenciado pela opinião desse outro indivíduo. Havendo a possibilidade de a comunicação ser feita com um jornalista ou escritor, este pode, eventualmente transmitir a influência que sofrer, ou a nova opinião que criou, no seu trabalho, recomeçando o processo de formação e manutenção de ideias.

Por fim, é de mencionar que, visto que o contexto social e cultural do leitor pode, também, influenciar a sua interpretação do discurso, a análise presente nesta dissertação não pressupõe que textos afetem ou alterem a opinião individual dos leitores, seja parcial ou completamente, apenas expõe que tal possibilidade existe, tendo como base as teorias apresentadas.

Muito mais pode ser dito e analisado em relação a este tema. Tendo esta dissertação tratado concretamente dos estereótipos e preconceitos em relação aos chineses nos meios de comunicação portugueses, em particular como estes se encontram no discurso de, sobretudo, artigos de jornal, fica a sugestão de possíveis trabalhos futuros que se debrucem sobre uma análise mais aprofundada da linguagem utilizada em relação aos chineses, não só nos jornais, mas também nas redes sociais. Seria ainda interessante, tendo sido mencionado que os estereótipos e preconceitos podem sofrer mudanças com o passar do tempo e o aumento de contacto entre comunidades, um estudo da evolução dos estereótipos sobre os chineses presentes na sociedade portuguesa ao longo dos anos.

É possível ter em conta que algumas limitações desta dissertação, como a dificuldade na procura e acesso a textos com conteúdo relevante, podem ser resolvidos com o tempo, com a possível publicação de novos artigos onde seja possível encontrar estereótipos e preconceitos referentes aos chineses, ou até mesmo, e desejavelmente, a ausência destes, o que em si poderá vir a mostrar um novo ou mais alargado conjunto de evidências aqui brevemente apresentadas e discutidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azurara, G. E. (1841). *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*. Paris: J. P. Aillaud
- Adjei, S. B. (2013). Discourse analysis: Examining language use in context. *The Qualitative Report*, 18, 1–10.
- Angermuller, J., Maingueneau, D., & Wodak, R. (2014). The discourse studies reader: An introduction. In J. Angermuller, D. Maingueneau, & R. Wodak (Eds.), *The discourse studies reader: Main currents in theory and analysis* (pp. 1–14). Amesterdão: John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/z.184.002int>
- Baldwin, J. R. (2017). Culture, Prejudice, Racism, and Discrimination. *Oxford Research Encyclopedia of Communication*, 1, 1–30. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.164>
- Baldwin, J. R., Coleman, R. R. M., González, A., & Shenoy-Packer, S. (2014). *Intercultural Communication for Everyday Life*. Malden, MA: Wiley-Blackwell. <https://books.google.pt/books?id=o3tnAgAAQBAJ>
- Baldwin, J. R., Faulkner, S. L., Hecht, M. L., & Lindsley, S. L. (Eds). (2005). *Redefining culture: Perspectives across the disciplines*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Barbosa, D. (1946). *Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente*. Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- Barreto, L. F. (2017). Portugal – China: Padrões de um Relacionamento Multissecular. Consultado em junho 21, 2019, em <https://www.revistamilitar.pt/artigo/1285>
- Blumer, H. (1986). *Symbolic Interaction. Interdisciplinary Approaches to Human Communication*. Berkley e Los Angeles: University of California Press. <https://doi.org/10.4324/9781351310000-8>
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 15(4), 679–684. <https://doi.org/10.1590/s0104-07072006000400017>
- Chapman, L. J. (1967). Illusory correlation in observational report. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 6(1), 151–155. [https://doi.org/10.1016/S0022-5371\(67\)80066-5](https://doi.org/10.1016/S0022-5371(67)80066-5)
- Childress, D. (2008). The Invention of Printing. In *Johannes Gutenberg and the Printing Press* (pp. 42–61). Minneapolis: Twenty-first Century Books. <http://inventors.about.com/od/gstartinventors/a/Gutenberg.htm>
- Communication Theories. (2004). Enschede: N/A. www.utwente.nl/communication-theories.
- Cooley, C. H. (1910). *Social Organization: A study of the larger mind*. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons.
- Cruz, G. da. (1996). *Tratado em que, se contam muito por extenso as cousas da China*. Macau: Museu Marítimo : Instituto de Promoção do Comércio e do Desenvolvimento de Macau.
- DeFleur, M., & Ball-Rockeach, S. (1993). *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Dixon, T. L. (2006). Schemas as Average COnceptions: Skin Tone, Television News Exposure, and Culpability judgments. *J&MC Quarterly*, 83(1), 131–149.
- Douglas, K. M., & Sutton, R. M. (2003). Effects of Communication Goals and Expectancies on Language Abstraction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84(4), 682–696. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.84.4.682>
- Entman, R. M. (1993). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51–58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>
- Gee, J. P. (1999). *An Introduction to Discourse Analysis: Theory and Method*. Londres: Routledge.
- Gerbner, G. (1969). Toward " Cultural Indicators ": The Analysis of Mass Mediated Public Message Systems. *AV Communication Review*, 17(2), 137–148.
- Gonçalves, A. T. P. (2016). Análise de Conteúdo, Análise do Discurso e Análise de Conversação: Estudo Preliminar sobre Diferenças Conceituais e Teórico-metodológicas. *Administração: Ensino e*

- Pesquisa*, 17(2), 275–300. <https://doi.org/10.13058/raep.2016.v17n2.323>
- Graumann, C. F., & Wintermantel, M. (1989). Discriminatory Speech Acts: A Functional Approach. In *Stereotyping and Prejudice* (pp. 183–204). Nova Iorque: Springer New York. https://doi.org/10.1007/978-1-4612-3582-8_1
- Hall, E. T. (1959). *The Silent Language*. Garden City, N.Y.: Doubleday.
- Heller, E. (2013). Vermelho: A cor de todas as paixões - do amor ao ódio. In *A psicologia das cores: Como as cores afetam a emoção e a razão* (pp. 51–81). São Paulo: Editorial Gustavo Gili.
- Hobden, K. L., & Olson, J. M. (1994). From Jest to Antipathy : Disparagement Humor as a Source of Dissonance- Motivated Attitude Change. *Basic and Applied Social Psychology*, 15(3), 239–249. <https://doi.org/10.1207/s15324834baspp1503>
- Jenkins, H., Ford, S., & Green, J. (2013). Introduction: Why Media Spreads. In *Spreadable Media* (pp. 1–46). Nova Iorque: New York University Press. <https://doi.org/10.1192/bjp.111.479.1009-a>
- Kan, M. (2004). Stereotypes in comedy: harm or humor? Consultado em outubro 19, 2019, em <https://www.michigandaily.com/content/stereotypes-comedy-harm-or-humor>
- Kashima, Y. E., Fiedler, K. E., & Freytag, P. E. (2008). Stereotype dynamics : language-based approaches to the formation, maintenance, and transformation of stereotypes. *Transformation*, 406. http://csaweb109v.csa.com/ids70/view_record.php?id=48&recnum=0&log=from_res&SID=5m7vkt4actruvn1i5r8kvmk1g3
- Lasswell, H. D. (2007). The structure and function of communication in society. *İletişim Kuram ve Araştırma Dergisi*, (1948), 215–228.
- Lippmann, W. (1998). *Public opinion* (2ª). New Brunswick: Transaction Publishers.
- Loureiro, R. M. (1990). Imagens da China na Cultura dos Descobrimento Portugueses. Consultado em setembro 3, 2019, em <http://www.icm.gov.mo/rc/viewer/30023/1782#%22LAB3002300040002%22>
- Luhmann, N. (2000). *The Reality of the Mass Media Niklas Luhmann*. Stanford: Stanford University Press.
- Maass, A., Salvi, D., Arcuri, L., & Semin, G. (1989). Language use in intergroup contexts: The linguistic intergroup bias. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 981–993. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.6.981>
- Maio, G. R., Olson, J. M., & Bush, J. E. (1997). Telling jokes that disparage social groups: Effects on the joke teller's stereotypes. *Journal of Applied Social Psychology*, 27(22), 1986–2000. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.1997.tb01636.x>
- Mastro, D. (2009). Effects of Racial and Ethnic Stereotyping. In J. Bryant & M. B. Oliver (Eds.), *Media Effects: Advances in Theory and Research* (pp. 325–341). Nova Iorque: Routledge. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Matias, A. (2007). *Imagens e estereótipos da sociedade portuguesa sobre a comunidade chinesa: interação multissecular via Macau*. Instituto Superior de Ciencias do Trabalho e das Empresas.
- McCombs, M., & Reynolds, A. (2009). How the News Shape our Civic Agenda. In J. Bryant & M. B. Oliver (Eds.), *Media Effects: Advances in Theory and Research* (3ª Ed., pp. 1–16). Nova Iorque: Routledge.
- McCombs, M., & Shaw, D. (1972). The Agenda-Setting function of mass media. *The Public Opinion Quarterly*, 36(2), 176–187. <https://doi.org/10.4324/9781315538389>
- McGarty, C., Yzerbyt, V. Y., & Spears, R. (2002). *Stereotypes as Explanations. Stereotypes as Explanations*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/cbo9780511489877>
- McQuail, D. (2010). *McQuail's Mass Communication Theory* (6ª Ed.). Londres: SAGE.
- Olson, J. M., Maio, G. R., & Hobden, K. L. (1999). The (null) effects of exposure to disparagement humor on stereotypes and attitudes. *Humor*, 12(2), 195–219. <https://doi.org/10.1515/humr.1999.12.2.195>

- Paulon, A., Nascimento, J. V., & Laruccia, M. M. (2014). Análise do discurso: Fundamentos Teórico-Metodológicos. *Revista Diálogos Interdisciplinares*, 3(1), 25–45.
- Pinto-Martinho, A., Paisana, M., & Cardoso, G. (2019). Portugal. In N. Newman, R. Fletcher, A. Kalogeropoulos, & R. K. Nielsen (Eds.), *Reuters Institute Digital News Report 2019* (pp. 102–103). Oxford: Reuters Institute. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Qian, F. 钱凤莲, & Tang, D. 唐德根(2004). 跨文化交际中的刻板印象与大众传播 *Kuawenhua jiaoji zhongde kebanyinxiang yu dazhongchuanbo* [Mass Communication and Stereotype in Intercultural Communication]. *Journal of Xiangtan Normal University (Social Science Edition)*, 26(4), 111–113. Consultado em outubro 19, 2019, em <https://wenku.baidu.com/view/a49e855d3b3567ec102d8ad0>
- Qiang, H. (2011). A Study on the Metaphor of “Red” in Chinese Culture. *American International Journal of Contemporary Research*, 1(3), 99–102. http://aijcrnet.com/journals/Vol_1_No_3_November_2011/13.pdf
- Rosengren, K. E. (1994). Culture, media and society: agency and structure, continuity and change. In K. E. Rosengren (Ed.), *Media Effects and Beyond* (pp. 2–24). Londres: Routledge.
- Rüdiger, F. (2011). *As Teorias da Comunicação*. São Paulo: Artmed.
- Samovar, L. A., & Porter, R. E. (2002a). Intercultural Interaction: Taking Part in Intercultural Communication. In L. A. Samovar & R. E. Porter (Eds.), *Intercultural Communication: A Reader* (10^a Ed., pp. 177–179). Belmont, CA: Wadsworth/ Thomson Learning.
- Samovar, L. A., & Porter, R. E. (2002b). Understanding Intercultural Communication: An Introduction and Overview. In L. A. Samovar & R. E. Porter (Eds.), *Intercultural Communication: A Reader* (10^a Ed., pp. 6–17). Belmont, CA: Wadsworth/ Thomson Learning.
- Semin, R., Gil de Montes, L., & Valencia, J. F. (2003). Communication constraints on the linguistic intergroup bias. *Journal of Experimental Social Psychology*, 39, 142–148. [https://doi.org/10.1016/S0022-1031\(02\)00523-1](https://doi.org/10.1016/S0022-1031(02)00523-1)
- Shoemaker, P. J., & Reese, S. D. (2014). *Mediating the message in the 21st century* (3^a Ed.). Nova Iorque: Routledge. <https://doi.org/10.1080/01292986.2015.1128183>
- Slater, D., & Elliott, W. R. (1982). Television's influence on social reality. *Quarterly Journal of Speech*, 68(1), 69–79. <https://doi.org/10.1080/00335638209383593>
- Small, A. W., & Vincent, G. E. (1894). *An Introduction to the Study of Society*. N/A: American Book Company.
- Song, L., Fang, C., & Johnston, L. (2017). China's Path Towards New Growth: Drivers of Human Capital, Innovation and Technological Change. In L. Song, R. Garnaut, C. Fang, & L. Johnston (Eds.), *China's New Sources of Economic Growth: Vol. 2* (Vol. 2, pp. 1–19). Canberra: Australian National University Press. <https://doi.org/10.22459/cnseg.07.2017.05>
- Sousa, J. P. (1999). *As notícias e os seus efeitos: as “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos*. N/A: N/A.
- Stroebe, W., & Insko, C. A. (1989). Stereotype, Prejudice, and Discrimination: Changing Conceptions in Theory and Research. In *Stereotyping and Prejudice* (pp. 3–34). Nova Iorque: Springer New York. <https://doi.org/10.4324/9780203567708>
- Wenneker, C. P. J., & Wigboldus, D. (2007). A Model of Biased Language Use. In *Stereotype Dynamics: Language-Based Approaches to the Formation, Maintenance, and Transformation of Stereotypes* (pp. 165–188). Nova Iorque: Lawrence Erlbaum.
- Wenneker, C. P. J., Wigboldus, D. H. J., & Spears, R. (2005). Biased language use in stereotype maintenance: The role of encoding and goals. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89(4), 504–516. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.89.4.504>
- Williams, R. (1997). *Television: Technology and Cultural Form*. (E. Williams, Ed.), *American Journal of Sociology* (2^a Ed., Vol. 83). Londres: Routledge. <https://doi.org/10.1086/226576>

- Wolf, M. (2006). *Teorias da comunicação* (8ª Ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Xu, G. 许果, & Mei, L. 梅林 (2002). 文化差异与跨文化交际能力的培养 Wenhua chayi yu kuawenhua jiaoji nenglide peiyang [Cultural Differences and Fostering the Ability of Cross-cultural Intercourse]. *Journal of Chongqing University*, 8(6), 121–123.
- Yang, W., & Sun, Y. (2010). Interpretation of “Discourse” from Different Perspectives : A Tentative Reclassification and Exploration of Discourse Analysis Interpretation of ‘ Discourse ’ from Different Perspectives : A Tentative Reclassification and Exploration of Discourse Analys. *The International Journal - Language Society and Culture*, (31), 127–138.
- Zhang, L. 张力 (2013). 媒介文本跨文化播中的文化差异现象解析 Meijie wenben kuawenhua bo zhongde wenhua chayi xianxiang jixi [Análise de diferenças culturais em textos dos meios de comunicação social]. *Journal of Guangxi University (Philosophy and Social Science)*, 35(5), 115–119. Consultado em outubro 19, 2019, em <https://doc.mbalib.com/view/ec6c448e842fbd0d49d7a29385fcd8c.html>

BIBLIOGRAFIA ONLINE DOS TEXTOS ANALISADOS

- A Porteira (2016). Eu sei lá se são os chineses.... *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opiniao/convidados/a-porteira/detalhe/eu-sei-la-se-sao-os-chineses>
- A Porteira (2019). As mulheres, os salários iguais e o fim do mundo em cuecas. *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opiniao/convidados/a-porteira/detalhe/as-mulheres-os-salarios-iguais-e-o-fim-do-mundo-em-cuecas>
- Araújo Pereira, R. (2018). Electricidade comprada no chinês. *Visão*. Consultado em setembro 26, 2019, em <http://visao.sapo.pt/opiniao/ricardo-araujo-pereira/2018-10-25-Electricidade-comprada-no-chines>
- Garcia, D. (2015) Não há fatos italianos baratos. *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opiniao/cronistas/dulce-garcia/detalhe/nao-ha-fatos-italianos-baratos>
- Gomes, H. (2019). Amnistia Internacional alerta para “padrão alarmante” de violência em Hong Kong. *Expresso*. Consultado em setembro 21, 2019, em <https://expresso.pt/internacional/2019-09-20-Amnistia-Internacional-alerta-para-padrão-alarmante-de-violencia-em-Hong-Kong#>
- Lobo Antunes, A. (2018). A viagem à China. *Visão*. Consultado em setembro 27, 2019, em http://visao.sapo.pt/opiniao/opiniao_antonioloboantunes/2018-10-31-A-viagem-a-China?fbclid=IwAR0tTFN5coLwYB3F8aa7NvIU MouAvl2wf40Wzq4mel8fjbrhLZ53wYCwvHE
- Lusa (2019). Amnistia Internacional denuncia tortura policial em Hong Kong e exige investigação. *RTP Notícias*. Consultado em setembro 21, 2019, em https://www.rtp.pt/noticias/mundo/amnistia-internacional-denuncia-tortura-policial-em-hong-kong-e-exige-investigacao_n1173646
- Nunes, C. (2018) Ritz, Dolce & Gabbana e a China loucamente rica. *Vida Extra Expresso*. Consultado em setembro 26, 2019, em <https://vidaextra.expresso.pt/cronicas/2018-12-08-Ritz-Dolce-Gabbana-e-a-China-loucamente-rica>
- Pinto Costa, J. (2014). Vistos 'gold'. *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opiniao/cronistas/joao-pinto-costa/detalhe/Vistos-gold->
- Reis, P. (2019). Tiananmen, 30 anos depois, chama-se Hong Kong. *Sapo24*. Consultado em setembro 26, 2019, em <https://24.sapo.pt/opiniao/artigos/tiananmen-30-anos-depois-chama-se-hong-kong>
- Run, C. (2019). A China é firme em defender a prosperidade e estabilidade de Hong Kong. *Diário de Notícias*. Consultado em setembro 21, 2019, em <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao->

dn/convidados/interior/a-china-e-firme-em-defender-a-prosperidade-e-estabilidade-de-hong-kong-11231105.html

Santos, J.P. (2016). Namoradas, amigos e puns. Enfim... o essencial da vida. *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opinioao/convidados/joao-pedro-santos/detalhe/namoradas-amigos-e-puns-enfim-o-essencial-da-vida>

BIBLIOGRAFIA ONLINE GERAL

Entradas de Dicionário

"estereotipo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/estereotipo> [consultado em 20-03-2019]. "preconceito", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/preconceito> [consultado em 20-03-2019].

Fontes de figuras

http://en.hubei.gov.cn/photo_gallery/people/201606/t20160627_855508.shtml, consultado a 20/08/2019, às 10h35

<http://hardcorepainting.blogspot.com/2009/06/believe-it-or-not-it-was-koreans-who.html>, consultado a 20/08/2019, às 10h38

Notícias e Artigos

A Porteira (2019). A mulher do Senhor Juiz. *Sábado*. Consultado em outubro 19, 2019, em <https://www.sabado.pt/opinioao/convidados/a-porteira/detalhe/a-mulher-do-senhor-juiz>

Há registo de mortes de chineses em Portugal? (2019). [Video]. Portugal: SIC Notícias. Consultado em julho 18, 2019, em <https://sicnoticias.pt/programas/poligrafo/2019-07-01-Ha-registo-de-mortes-de-chineses-em-Portugal->

Hong Kong: Arbitrary arrests, brutal beatings and torture in police detention revealed (2019). *Amnesty International*. Consultado em outubro 1, 2019, em <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2019/09/hong-kong-arbitrary-arrests-brutal-beatings-and-torture-in-police-detention-revealed/>

<https://sicnoticias.pt/pesquisa?q=china>, consultado a 04/09/2019, às 10h12

<https://www.dn.pt/tag/china.html>, consultado a 02/09/2019, às 10h54

<https://www.jn.pt/>, consultado a 02/09/2019, às 8h30

<https://www.jn.pt/tag/china.html>, consultado a 02/09/2019, às 10h49

<https://www.noticiasaoiminuto.com/>, consultado a 04/09/2019, às 9h56

<https://www.noticiasaoiminuto.com/mundo/tag/china>, consultado a 02/09/2019, às 11h34

<https://www.prensario.tv/novedades/1353-porto-canal-launches-weekly-program-china-hour-from-citvc-in-september>, consultado a 06/09/2019, às 11h14

Episódios da telenovela *Poderosas*

David e Bruna recebem ASAE na loja chinesa e Rosa quase apanhada (2015). [Video]. Portugal: SIC, Consultado em Setembro 17, 2019, em <https://sic.pt/Programas/poderosas/episodios/2015-11->

06-Poderosas—125-Episodio—5-de-novembro-quinta-feira-#2015-11-06-David-e-Bruna-recebem-ASAE-na-loja-chinesa-e-Rosa-quase-apanhada

Julião impede os clientes de entrarem na loja do chinês (2015). [Video]. Portugal: SIC, Consultado em Setembro 17, 2019, em <https://sic.pt/Programas/poderosas/episodios/2015-06-24-Poderosas-27-Episodio-23-de-junho-terca-feira-1#2015-06-24-Juliao-impede-os-clientes-de-entrarem-na-loja-do-chines->

Julião aparece na loja dos chineses com pedido de desculpa (2015). [Video]. Portugal: SIC, Consultado em Setembro 17, 2019, em <https://sic.pt/Programas/poderosas/videos/2015-10-21-Juliao-aparece-na-loja-dos-chineses-como-pedido-de-desculpa>

Vídeo de *Youtube*

[BON CP - China Video]. (2015, março 10). *The development of printing in China*. [Video]. Consultado em Agosto 20, 2019, em <https://www.youtube.com/watch?v=WHevDzS5TiY>

Outras

<https://baijiahao.baidu.com/s?id=1615987833810075326&wfr=spider&for=pc>, consultado a 20/08/2019, às 10h19

<https://meucerebro.com/psicologia-das-cores/>, consultado a 16/08/2019, às 16h02

<http://www.communicationstudies.com/communication-theories/agenda-setting-theory>, consultado a 16/08/2019, às 9h41

<http://www.communicationstudies.com/communication-theories/framing-theory>, consultado a 16/08/2019, às 15h22

<https://zhidao.baidu.com/question/149122139.html>, consultado a 16/08/2019, às 15h56

ANEXO I – AMNISTIA INTERNACIONAL DENUNCIA TORTURA POLICIAL EM HONG KONG E EXIGE INVESTIGAÇÃO

A Amnistia Internacional (AI) denunciou hoje o abuso cometido pelas forças policiais contra os manifestantes que participam nos protestos pró-democracia em Hong Kong, e exigiu uma investigação independente.

Para este relatório, a organização não-governamental (ONG) de defesa dos direitos humanos realizou entrevistas com 21 detidos, que pediram para não serem identificados, com medo de possíveis represálias, além de advogados e profissionais de saúde.

"Quase todos os entrevistados descreveram ter sido espancados com cassetetes durante a detenção, mesmo que não representassem uma ameaça", sendo que "85% dos entrevistados foram hospitalizados como resultado da agressão e três passaram pelo menos cinco dias no hospital", afirmou a AI.

No relatório agora publicado, a ONG citou o caso de um homem que disse ter sido alvo de tortura depois de recusar responder a uma pergunta da polícia durante o interrogatório.

"Senti que as minhas pernas foram atingidas por um objeto muito duro. Depois um agente pôs os seus joelhos no meu peito. Senti a dor nos ossos e não conseguia respirar. Tentei gritar, mas não conseguia", disse o entrevistado.

O documento referiu também o caso de uma jovem que foi detida num protesto em Sheung Wan, em julho, e que diz ter sido espancada nas costas enquanto fugia de uma carga policial.

"O uso da força foi claramente excessivo, uma violação da lei internacional de direitos humanos", afirmou o diretor da AI para o leste da Ásia, Nicholas Bequelin, citado no relatório.

A ação da polícia de Hong Kong para controlar os manifestantes na rua "tem sido transmitida em direto para o mundo ver", mas "muito menos visível tem sido a abundância de abusos da polícia contra manifestantes detidos", afirmou Bequelin.

A AI "pede uma investigação independente e imparcial que resulte em acusações, justiça e reparação, uma vez que existe pouca confiança nos mecanismos internos existentes".

Um inquérito independente à repressão policial é uma das cinco exigências dos manifestantes, que até agora só conseguiram uma: a retirada oficial, anunciada a 4 de setembro, de uma controversa proposta de alterações à lei de extradição.

Os protestos em Hong Kong começaram em junho passado, antes do Conselho Legislativo (parlamento) iniciar o debate da controversa proposta, que permitiria a extradição de suspeitos de crimes para jurisdições sem acordos prévios, como é o caso da China continental.

A suspensão inicial da proposta não acalmou os protestos antigovernamentais, que se intensificaram nos últimos três meses, com confrontos entre polícia e manifestantes cada vez mais violentos, na pior crise política desde a transferência de soberania da antiga colónia britânica para a China.

Os manifestantes continuam a exigir que o Governo responda também a outras três reivindicações: a libertação dos manifestantes detidos, que as ações dos protestos não sejam identificadas como motins, e, a demissão da chefe de Governo e consequente eleição de um sucessor por sufrágio universal.

A transferência de Hong Kong para a República Popular da China, em 1997, decorreu sob o princípio "um país, dois sistemas".

Tal como acontece com Macau, para aquela região administrativa especial da China foi acordado um período de 50 anos com elevado grau de autonomia, a nível executivo, legislativo e judiciário, com o Governo central chinês a ser responsável pelas relações externas e defesa.

Lusa (2019). Amnistia Internacional denuncia tortura policial em Hong Kong e exige investigação. *RTP Notícias*. Consultado em setembro 21, 2019, em https://www.rtp.pt/noticias/mundo/amnistia-internacional-denuncia-tortura-policial-em-hong-kong-e-exige-investigacao_n1173646

ANEXO II – AMNISTIA INTERNACIONAL ALERTA PARA “PADRÃO ALARMANTE” DE VIOLÊNCIA EM HONG KONG

“As provas deixam pouco espaço para dúvidas: numa aparente sede de retaliação, as forças de segurança adotaram um padrão perturbador de táticas imprudentes e ilegais contra as pessoas durante os protestos”, incluindo “prisões arbitrárias e violência retaliatória”, diz o diretor da Amnistia para o leste asiático. Há até casos de “maus tratos ao nível da tortura”

A Amnistia Internacional denunciou esta quinta-feira a existência de “prisões arbitrárias, espancamentos brutais e tortura nas detenções policiais” durante as manifestações antigovernamentais dos últimos três meses em Hong Kong. A organização não-governamental (ONG) alerta ainda para o que apelida de “padrão alarmante” de violência.

“Os agentes da polícia exercem violência antes e durante as prisões, repetidas vezes”, o que é contrário à legislação internacional dos direitos humanos, relata o diretor da Amnistia para o leste asiático, Nicholas Bequelin. As conclusões basearam-se em entrevistas a 48 pessoas, incluindo advogados e 21 manifestantes presos.

Em 18 dos 21 casos analisados, os manifestantes revelaram que foram internados no hospital após a prisão ou detenção, com lesões que iam desde ferimentos na cabeça a braços fraturados. Em casos excecionais, alguns manifestantes detidos relataram ter sido espancados por agentes da polícia, tendo sofrido “maus tratos ao nível da tortura”.

DEPUTADA PEDE INQUÉRITO INTERNACIONAL À ONU

“As provas deixam pouco espaço para dúvidas: numa aparente sede de retaliação, as forças de segurança de Hong Kong adotaram um padrão perturbador de táticas imprudentes e ilegais contra as pessoas durante os protestos”, incluindo “prisões arbitrárias e violência retaliatória”, acrescenta o responsável.

No início da semana, uma deputada do Parlamento de Hong Kong pediu às Nações Unidas a realização de um inquérito internacional para averiguar a repressão policial dos manifestantes pró-democracia. Ao usar da palavra durante a reunião do Conselho dos Direitos Humanos da ONU, Tanya Chan, membro do Conselho Legislativo, afirmou que a antiga colónia britânica “está a viver uma crise”.

Chan, fundadora do Partido Cívico, foi condenada este ano a oito meses de prisão com pena suspensa pelo papel desempenhado na campanha de desobediência civil “Occupy Central” de 2013 e no “Movimento dos Guarda-Chuvas”, que paralisou Hong Kong no ano seguinte.

CONTESTAÇÃO JÁ DURA HÁ MAIS DE 100 DIAS

No início do mês, a chefe do Executivo, Carrie Lam, retirou formalmente as emendas à polémica lei de extradição que esteve na base da contestação social dos últimos três meses. Mas os manifestantes exigem que o Governo responda a quatro outras reivindicações: que as ações de protesto deixem de ser identificadas como motins, a libertação dos manifestantes detidos, um inquérito independente à violência policial e a demissão de Lam e consequente eleição por sufrágio universal para o seu cargo e para o Conselho Legislativo.

Esta segunda-feira, Hong Kong assinalou 100 dias da mais grave crise política depois de ter sido integrada na China em 1997. Tal como acontece com Macau, foi acordado com Hong Kong um período de 50 anos com elevado grau de autonomia, a nível executivo, legislativo e judiciário, ficando o Governo central chinês responsável pelas relações externas e pela defesa.

Gomes, H. (2019). Amnistia Internacional alerta para “padrão alarmante” de violência em Hong Kong. *Expresso*. Consultado em setembro 21, 2019, em <https://expresso.pt/internacional/2019-09-20-Amnistia-Internacional-alerta-para-padroao-alarante-de-violencia-em-Hong-Kong#>

ANEXO III – TIANANMEN, 30 ANOS DEPOIS, CHAMA-SE HONG KONG

Mais de um milhão e meio de manifestantes vieram mostrar, no passado domingo, que não estão disponíveis para se render às regras e leis da China e a China rapidamente invocou violência e desacatos, infiltrações de agentes provocadores. Tudo isto se passa em Hong Kong, mas é notícia que faça as primeiras páginas ou aberturas de momentos de informação na televisão. É tão longe, não é?

Li algures que se toda a população da China pulasse ao mesmo tempo o eixo da Terra alterava-se. Têm, portanto, poder, tanto ao nível da metáfora ou na realidade mais pragmática. Sabemos pouco, ou mesmo nada, sobre a Ásia e dá-nos igual, se formos sinceros, que a China seja comunista ou que o Butão tenha um índice médio de felicidade. A luta do Tibete não nos comove por aí além, nem sabemos a razão da luta, não exactamente, mesmo que o actor Richard Gere nos procure motivar para a solidariedade. São outras culturas, está tudo demasiado longe. Vivemos na presunção da liberdade, somos o Ocidente, temos valores, cultura e uma tradição.

A China é incontornável, é uma nação líder, quer se queira ou não, não a podemos ignorar. Economicamente, tecnologicamente, está no pódio. E o facto de viver um regime comunista, ditatorial para todos os efeitos, é apenas combatido com o silêncio que é uma das suas especialidades. O silêncio tem um contraponto aborrecido que é a autoridade e o exercício da violência. Mais de um milhão e meio de manifestantes vieram mostrar, no passado domingo, que não estão disponíveis para se render às regras e leis da China e a China rapidamente invocou violência e desacatos, infiltrações de agentes provocadores. Tudo isto se passa em Hong Kong, mas é notícia que faça as primeiras páginas ou aberturas de momentos de informação na televisão. É tão longe, não é?

Desde Junho que os protestos decorrem, muitas vezes com violência. Existem pessoas presas. A polícia usou meios hostis para dispersar protestos. Os manifestantes querem democracia e liberdade, querem manter o que a soberania britânica lhes garantiu: muitas coisas boas da Ásia com outras tantas do Ocidente, herança da colónia inglesa. Não querem estar sujeitos ao escrutínio do governo central chinês com a possibilidade única de ser julgado no continente, (é) uma das razões de pretexto, e invocam essa palavra extraordinária, capaz de unir tantos: Liberdade.

A China coloca o seu poderio militar na fronteira, cautelosa, sem querer excessos, talvez a pensar nos trezentos mil cidadãos britânicos da ex-colónia, talvez a pensar na grande chatice da aldeia global e na captação de imagens e respectiva transmissão imediata para o mundo inteiro. Não se podem dar ao luxo de repetir o massacre da Praça Tiananmen, que ocorreu há trinta anos, em 1989, quando estudantes decidiram ocupar a praça em protesto. Tudo começou em Abril, em Maio de 1989 o governo chinês

optou pela lei marcial e pelo uso de violência. Os protestos internacionais sucederam-se, a China manteve-se impávida e serena à sua moda.

Agora estão a gerir a situação com o mundo de olhos postos numa multidão que, no domingo, não cedeu a qualquer tentação, a manifestação foi totalmente pacífica. As autoridades falam em 125 mil manifestantes, a realidade é que eram mais de um milhão e meio. Tiananmen, a repetir-se em Hong Kong, será pior, muito pior. Entretanto, Portugal celebrou 17 acordos com a China só este ano. Um país que tem presos políticos, campos de concentração e tal. A economia pode tudo.

Reis, P. (2019). Tiananmen, 30 anos depois, chama-se Hong Kong. *Sapo24*. Consultado em setembro 26, 2019, em <https://24.sapo.pt/opiniao/artigos/tiananmen-30-anos-depois-chama-se-hong-kong>

ANEXO IV – A CHINA É FIRME EM DEFENDER A PROSPERIDADE E ESTABILIDADE DE HONG KONG

Nos últimos tempos, a situação em Hong Kong tem suscitado uma grande atenção na comunidade internacional. Quem acompanha a evolução faz esta pergunta: Afinal, o que se está a passar em Hong Kong? Em resposta, gostaria de esclarecer algumas questões sobre Hong Kong, para ajudar a ter uma leitura certa sobre a verdade.

Alguns radicais de Hong Kong alegam a oposição à revisão dos decretos para incitar o caos, com a intenção de desordenar Hong Kong e destruir o princípio de Um País Dois Sistemas. A proposta de revisão do Decreto dos Infratores Fugitivos e da Assistência Mútua Jurídica em Matéria Penal iniciada pelo governo da Região Administrativa Especial de Hong Kong visa enquadrar na sua jurisprudência a cooperação de transferência dos fugitivos e assistência jurídica penal entre Hong Kong e as restantes regiões da China, no sentido de resolver a falta da base legal que tem sido um obstáculo para as cooperações desta natureza. A revisão não mudará o sistema jurídico e judiciário de Hong Kong, nem afetará a jurisdição independente da região. Pelo contrário, ajudará a aperfeiçoar a base do estado de direito de Hong Kong, o que não devia ter causado nenhuma polémica. No entanto, alguns radicais de Hong Kong levam a oposição à revisão dos decretos como pretexto para espalhar boatos, criar pânico, desviar a atenção da opinião pública, incitar caos de forma intencional e perturbar a ordem social. Sobretudo depois da suspensão da revisão anunciada pelo Governo da RAEHK, os desordeiros, em vez de pararem as tentativas prejudiciais, aumentaram ainda mais incidentes violentos, o que provou fortemente a sua intenção verdadeira escondida atrás da oposição, isto é, utilizar a ocasião para perturbar Hong Kong e destruir o princípio de Um País Dois Sistemas.

As manifestações de alguns radicais de Hong Kong já se transformaram em ações criminosas extremamente violentas. Alguns media e grupos alegam que as chamadas manifestações pacíficas foram reprimidas violentamente pela polícia. Trata-se do comportamento típico do padrão duplo, porque a verdade é exatamente oposta do que os mesmos declararam. Alguns radicais realizaram protestos extremistas em nome de manifestação, com uma escalada contínua da violação, e têm utilizado meios absolutamente violentos como humilhar publicamente a bandeira nacional, manchar o emblema nacional, irromper o Gabinete de Ligação do Governo Central em Hong Kong, os edifícios da Assembleia Legislativa e esquadras de Hong Kong, atacar os policiais com líquidos e pós tóxicos, paralisar o trânsito e aeroporto, assaltar brutalmente os turistas e jornalistas, até expor o slogan da independência de Hong Kong. Alguns media ocidentais, em desrespeito pela verdade, fazem reportagens com ouvido seletivo, difamam e caluniam os atos justos do Governo e polícia da RAEHK que visam punir a violência e preservar o estado de direito. Qualquer país que defenda a justiça e qualquer indivíduo que tenha boa consciência

percebem que os comportamentos dos radicais de Hong Kong já passaram o limite de manifestação pacífica e liberdade de expressão, tendo posto em risco o estado de direito e a ordem social de Hong Kong, ameaçado severamente a soberania e dignidade nacional e confrontado a linha vermelha do princípio de Um País Dois Sistemas. Nos últimos dois meses, o quadro policial de Hong Kong têm cumprido a missão de modo competente e qualificado. O seu profissionalismo, restringência, bem como os seus grandes contributos feitos ao responder à violência e desordem são aparentes, o que merece o amplo reconhecimento e elevada estima não só dos cidadãos de Hong Kong como também daqueles que amem a paz e a estabilidade.

Estão escondidas atrás da atual situação complexa e severa de Hong Kong as interferências provenientes do exterior. Nos tempos recentes, alguns media e políticos ocidentais têm feito comentários desenfreados e irresponsáveis sobre os assuntos ligados a Hong Kong, distorcendo as ações extremistas e violentas que têm prejudicado a ordem social de Hong Kong e espezinhado os princípios do estado de direito, até considerando uma "visão bonita". Evidências indicam que algumas forças estrangeiras de má-fé têm fornecido apoios financeiros e técnicos clandestinos a uma quadrilha dos desordeiros de Hong Kong, tendo-lhes prestado auxílios no concebimento e realização de uma série de incidentes violentos. Devido aos encobrimentos, conivências e cumplicidades patentemente notados nas interferências feitas por essas forças estrangeiras, os desordeiros violentos que se recusam à execução jurídica ficam ainda mais abusados ao desprezar as leis e a justiça. Pode-se dizer que, no atual palco atrapalhado de Hong Kong, quem fica na primeira fila são umas quadrilhas extremistas e violentas. Na parte do meio são os cidadãos bondosos que têm sido desorientados e coatos. No entanto, aqueles que se têm escondido no fundo para instigar e endossar os desordeiros extremistas e violentos são mesmo aquelas forças anti-China dentro e fora de Hong Kong que pretendem desestabilizar a região. As suas intenções verdadeiras são nada mais do que o piorar da situação de Hong Kong e o posterior travamento ou impedimento do desenvolvimento da China através de transformar Hong Kong numa dor de cabeça da China.

A desvalorização intencional do princípio de Um País Dois Sistemas por parte de alguns media e forças ocidentais revelou entretanto a sua ignorância e preconceito, que não é capaz de extinguir os grandes êxitos e a forte vitalidade deste princípio. Nos últimos 22 anos desde o retorno de Hong Kong à China, têm sido implementados efetivamente os princípios de Um País Dois Sistemas, Administração de Hong Kong pela sua Gente e Alto Grau de Autonomia. Os cidadãos de Hong Kong gozam de um amplo leque de direitos e liberdade democráticos sem precedentes conforme a lei. Hong Kong tem mantido a sua prosperidade e estabilidade e tem sido classificada durante vários anos consecutivos uma das economias

mais livres e uma das regiões mais competitivas em todo o mundo. Reforça-se ainda mais o seu estatuto como o centro internacional em termos das finanças, comércio e navegação. No ano de 2018, o PIB de Hong Kong ultrapassou os 340 mil milhões de dólares americanos, mais do dobro do registado em 1996. Hong Kong subiu duma forma significativa no ranking mundial do Índice do estado de direito, nomeadamente de sexagésimo e tal em 1996 para décimo sexto em 2018. Os factos corroboram que o princípio de Uma País Dois Sistemas constitui tanto a melhor solução para Hong Kong como o melhor arranjo institucional para preservar a segurança e a ordem de Hong Kong e manter a sua estabilidade e prosperidade de longo prazo.

Neste momento, a tarefa urgente e acima de tudo para Hong Kong é pôr termo à violência e tumulto e restaurar a ordem no local. Hong Kong é uma parte da China. Os assuntos de Hong Kong são puramente assuntos internos da China. Não é permitida nenhuma interferência por forças estrangeiras. A parte chinesa tem toda a confiança e capacidade para implementar cabal e precisamente o princípio de Um País Dois Sistemas assim como manter a prosperidade e estabilidade sustentável de Hong Kong. Qualquer tentativa de desordenar Hong Kong é condenada a falhar. O Governo Central da China apoia firmemente a governança da região conforme a lei pelo Governo da RAEHK, chefiado pela sua Chefe do Executivo Carrie Lam, apoia inabalavelmente a Polícia de Hong Kong na execução rigorosa da lei, apoia determinadamente os departamentos competentes e instituições judiciais de Hong Kong na punição dos criminosos violentos e apoia consistentemente as ações que defendam o estado de direito de Hong Kong. É de acreditar que com o grande apoio do Governo Central chinês e o continente da Mãe Pátria, com a liderança da Chefe do Executivo Carrie Lam e do governo da RAEHK, a sociedade de Hong Kong livrar-se-á em breve dos conflitos políticos e ultrapassará as dificuldades e desafios colocados no caminho, concentrando-se no desenvolvimento económico e na melhoria do bem-estar da população e concretizando a estabilidade e prosperidade social.

A preservação da prosperidade e estabilidade de Hong Kong está em conformidade com os interesses não só da China mas também de todos os outros países no mundo. É indubitável que as pessoas sensatas de Portugal e de toda a Comunidade Internacional consigam discernir o que é verdade, aderir a uma posição objetiva e justa e consciencializar-se plenamente da determinação e empenho da parte chinesa em salvaguardar a soberania e dignidade nacional assim como defender a prosperidade e a estabilidade de Hong Kong.

Run, C. (2019). A China é firme em defender a prosperidade e estabilidade de Hong Kong. *Diário de Notícias*. Consultado em setembro 21, 2019, em <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao->

dn/convidados/interior/a-china-e-firme-em-defender-a-prosperidade-e-estabilidade-de-hong-kong-11231105.html

ANEXO V - EU SEI LÁ SE SÃO OS CHINESES...

Qualquer pessoa que já tenha ido a uma loja dos chineses comprar uma daquelas coisas com buracos que se prende ao balde e onde se roda a esfregona para tirar a maior sabe que isto de eles serem comerciantes está-lhes na massa do sangue

Qualquer pessoa que já tenha ido a uma loja dos chineses comprar uma daquelas coisas com buracos que se prende ao balde e onde se roda a esfregona para tirar a maior sabe que isto de eles serem comerciantes está-lhes na massa do sangue.

Primeiro, é uma gente que não dorme, que aqui de frente há três lojas, uma frutaria e duas assim daquelas que vendem de tudo, só lhes falta falar, e eles são sempre os primeiros a chegar e os últimos a ir embora. O Senhor Almiro, que já tinha ali o lugar de fruta há um ror de anos, deu-lhe uma coisa má e agora o filho abriu lá uma padaria grumé que abre às dez — sim, vejam lá, uma padaria que abre às dez, pró que a gente havíamos de estar todos guardados — e nem um pão de bola, nem uma carcaça, nem umas vianinhas, nem um cacete vende. É tudo assim em sementes. Isso deve de ser bom com certeza para quem não usa placa. Para isso e para os papagaios.

Começou com duas raparigas justas ao mês, e já só está lá ele ao balcão. E agora tem um chinês a rondar-lhe a porta para lhe ficar com o trespasse, e fazer dali uma frutaria em condições. Bem-feita, Deus me perdoe.

O chinês é uma pessoa que está lá na bolha dele, mas está a ver tudo. Está sempre com um olho no burro e outro no... cidadão português de ascendência nómada, que foi como a Dótora Ana Paula, do quinto frente, me disse que a gente agora devemos de dizer, e ela é diplomada em Línguas Modernas. Lá tudo o que é moderno é com ela.

Bom, e os chineses fazem a festa, atiram os foguetes e apanham as canas, que aquilo que eles vendem nas lojas é tudo feito lá, por eles, na própria da China. Já a gente nem uma sardinha consegue ir buscar à Cova do Vapor, vem tudo de fora, da Espanha e assim!

Queixa-se tudo que eles andam a comprar o país, como quem não quer a coisa. Ele é os seguros, ele é os hospitais, ele é résóres, ele é mais não sei o quê.

Ainda bem, pode ser que fique tudo mais barato! Mesmo que dure menos, sempre se poupa. Olhem, não vamos mais longe, desde que a luz é deles, é verdade que é assim um bocadinho mais fraca, mas nota-se logo na factura. Já não é aqueles disparates. Ou se calhar foi derivados a eu ter deixado de usar os aquecedores no Inverno e a luz à noite...

Bom, de maneiras que se a gente quer concorrer com eles, temos de abrir a pestana. Não há direito de uma pessoa entrar pois numa Pollux, pois num Brás & Brás — acabaram-nos com o Grandella e com os Armazéns do Chiado, que saudades! Aquilo deve de ter sido fogo posto — e pedirem-nos aos cinco e aos seis contos na moeda antiga por uma panela de pressão. Isso num chinês nem chega a metade.

Também dizem muito por aí que eles lá na terra deles não têm condições nenhuma, que ganham pouco, que trabalham muitas horas seguidas. E o que é que a gente temos a ver com isso, digam-me lá? Alguém nos pediu dinheiro emprestado para pagar os ordenados a essa gente? Então, metam-se lá nas vossas vidas, se fazem favor.

Outra coisa muito boa que os chineses trouxeram para cá, foram os restaurãs japoneses. Agora ao domingo, em vez do frango assado, que já deitava por os olhos, pego em mim e mais em quem estiver cá em casa e vamos aqui a duas ruas abaixo, àqueles restaurãs que a gente paga um X e come até arrebentar. Dantes, não havia nada disto. Então, a pessoa às vezes pedia para trazer o resto do cozido para casa numa tamparuere e já ficavam a olhar prá gente de lado...

E isso dos vistos, pelos vistos, é só inveja. Trabalhem como eles, juntem, não gastem tudo em automóveis e em telefones, e férias no estrangeiro, que o que não falta aqui à gente são praias. É preciso ter uma paciência de chinês para aturar esta gente...

Que venham muitos, para ver se isto leva uma volta.

E não é que vêm mesmo, ainda ontem li que compraram mais um bocado de um banco. Não foi assim todo, diz que foi só foi um bocado. Eles sabem bem o que fazem! São muito espertos: compram os bancos aos bocados, levam para a China, montam-nos lá e depois trazem outra vez e vendem-nos inteiros.

E agora tenho de me ir embora, que ainda tenho de ir ao chinês comprar outra esfregona. Já é a terceira este mês. A culpa não é do chineses, é desta chuva.

Como me patanham muito a entrada, não dou descanso à esfregona e gasta-se mais.

Com licença.

A Porteira (2016). Eu sei lá se são os chineses.... *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opiniao/convidados/a-porteira/detalhe/eu-sei-la-se-sao-os-chineses>

ANEXO VI – AS MULHERES, OS SALÁRIOS IGUAIS E O FIM DO MUNDO EM CUECAS

"Se as mulheres ganham menos que os homens, por algum motivo é. E eu digo-vos já qual é o motivo, que eu não sou de mandar dizer por ninguém: a verdade é que nós, as mulheres, somos muito estragadas".

Fui agora mesmo apanhada de rolos na cabeça – sim, que hoje é dia de lavar o cabelo e dar umas tesouradas nas pontas, para não espigar – com a notícia de que as mulheres vão ganhar tanto como os homens, desde que façam um trabalho igual.

Isto é uma ideia sem pés nem cabeça e não há-de faltar muito tempo para verem como eu tenho razão. Se as mulheres ganham menos que os homens, por algum motivo é. E eu digo-vos já qual é o motivo, que eu não sou de mandar dizer por ninguém: a verdade é que nós, as mulheres, somos muito estragadas. A gente, Deus me perdoe, só gastamos dinheiro em porcarias. Por isso, darem mais dinheiro à gente é mesmo estar a pedir para o torrarmos ainda mais. Qualquer dia, comemos dinheiro torrado ao pequeno-almoço, com um bocadinho de manteiga, como fazemos com os restos do bolo-rei.

Basta a gente andarmos na rua para vermos a quantidade de lixo com que a gente se vestimos: a gente não somos como os homens, que é uma calça, uma camisa, um casaco e ala Cardoso. A gente é cueca, a gente é meia, a gente é cinta, a gente é combinação, a gente é sutiã, a gente é camisola interior, a gente é saia, a gente é camiseiro, a gente é casaco de malha, a gente é casaco três-quartos. E como se ainda fosse pouco, a gente ainda é sapato, a gente ainda é mala e a gente ainda somos de atirar uma xarpe para cima disto tudo.

E o vestir ainda não é o pior. O pior é o resto!

Por um acaso, alguma vez algum homem comprou, numa aquelas lojas da televisão que passam às quatro da manhã, uma esfergona que também é vassoura e que também é piaçaba e que, em abrindo ainda é chapéu-de-chuva e que em Dezembro, com mais uma extensão, ainda é árvore de Natal? Algum homem alguma vez deu pra cima de dez contos na moeda antiga por um boião de creme de baba de caracol? Ou de raspas de escama de sardinha? Algum homem tem um cobertor com mangas para ver televisão? Algum homem vê televisão? Algum homem gastava metade do ordenado em tamparuéres? De todos os tamanhos? E de todas as cores? E em forma de limão, para guardar as metades? Algum homem tem sete camisas de dormir? E mais três robes? Algum homem tem uma caixa com setenta e cinco matizes de sombras para os olhos? E um gel de duche para as pernas, outro para os braços, outro pró tronco, dois para a cara e sete para o cabelo? Os homens usam escovas eléctricas? E três variedades de

pedra pomes prós calos? E bandas de cera prás pernas? Os homens descoloram os pêlos do nariz, e das orelhas, e do bigode?

Eu tenho pra mim que a gente sozinhas transformámos a China na segunda maior economia mundial, de tanto cangalho que a gente trazemos para casa lá das lojas deles.

Eu contra mim falo, que às vezes vou lá comprar umas molas prá roupa, ou uma colher de pau, ou um alguidar para pôr o bacalhau de molho, salvo seja, e venho de lá carregada com uma estátua de Nossa Senhora de Fátima em tamanho real e um escadote pequenino para tirar a maior da chaminé, que virado ao contrário é uma caixa de costura.

O dinheiro faz falta ao país, e em passando por as nossas mãos, é tudo mais para queimar. Já os homens, volta tudo pró Estado, no IVA dos cigarros, da cerveja e da Spór TV.

Mas a gente sermos estragadas é só o primeiro problema, porque há mais.

Em aumentando o salário às mulheres, a gente damos cabo da produtividade do país.

Por exemplos, em acertando os salários para serem iguais aos dos homens, sempre sobra mais algum para comprar lã. E deixamos a gente de fazer camisolas e passamos a fazer tapetes de Arraiolos, que é um chupador de lã. E depois entramos numa repartição qualquer e a boa da mulher, em vez de demorar dez minutos a pousar as agulhas para nos vir atender, é mais meia hora para acabar a franja. Parece que não pensam nessas coisas.

E aquela meia horinha de almoço que a gente aproveitamos para dar um salto a um centro comercial e vermos as montras, passam a ser duas horas perdidas nas filas para pagar mais um sutiã daqueles que puxam o peito para cima, ou uma tinta acobreada para o cabelo, ou um trem de cozinha com acabamentos a ouro de vinte e quatro quilates. Daqueles que ainda oferecem quatro frigideiras em vitrocerâmica temperada, daquela que não agarra nada. Para depois em casa, correremos o marido e os filhos a arroz com atum. Mal empregado dinheiro.

E por falar em filhos, se as mulheres deixarem de receber menos vinte por cento que os homens para fazerem o mesmíssimo trabalho, qualquer dia já compensa uma mulher ir trabalhar, em vez de ficar em casa. E as mulheres, em trabalhando, começam a meter lá umas ideias na cabeça e depois vêm os divórcios, e depois os filhos drogados, e depois os filhos homossexuais e por aí fora. Ou às vezes pior, os filhos drogados e homossexuais. É isto que ainda há-de acabar com a civilização da gente, escrevam o que eu digo.

Outra coisa que isto pode trazer de muito mau é que, com salários exactamente iguais aos dos homens para trabalhos exactamente iguais, as mulheres começam a ter a mania e vão de comprar o seu carrinho,

em vez que irem, como pertence, sentadas ao lado do marido. Ora, como as mulheres a conduzir é o desastre que se sabe, a gente se não morremos de uma coisa, morremos da outra.

Mas como eu não gosto de ser negativa, acabo com uma luz ao fundo do túnel: dei uma gugada (que é assim que se diz procurar na internet) e estive a ler uns estudos sobre outros países que já caíram nesta esparrela. Parece que estas legislações, apesar das intenções, não chegam para acabar mesmo com o fosso salarial, como eles dizem, entre os homens e as mulheres. Isto, entre outras coisas, porque as mulheres continuam a ser discriminadas lá nos empregos delas, a ter menos hipóteses de serem promovidas e a serem vistas como muito agressivas quando tentam conseguir um aumento de salário, o que as desmotiva a falarem com os chefes sobre estes assuntos. Por isso, nem tudo está perdido.

Dizem eles que, mais importante que a legislação, é mudar as mentalidades. Mas para isso, cá estamos nós. Para não deixar mudar, vá.

E prontos, gostei muito deste bocadinho, e agora vou voltar pra de roda do ferro. Felizmente que o meu passa tudo num instante, que tem sete caldeiras, nove saídas de vapor, e um bico prá frente, um bico pra trás, um bico prá esquerda e um bico prá direita. Comprei na TV Shop, noventa contos na moeda antiga, e ainda me mandaram uma bíblia ilustrada.

É que eu, Deus me perdoe, mas como sou mulher, não tenho nada na cabeça.

Com licença.

A Porteira (2019). As mulheres, os salários iguais e o fim do mundo em cuecas. *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opinioao/convidados/a-porteira/detalhe/as-mulheres-os-salarios-iguais-e-o-fim-do-mundo-em-cuecas>

ANEXO VII – A VIAGEM À CHINA

Meu Deus o que eu teria gostado de, aos cinco anos, viajar à China com o meu pai. Ou sozinho. O problema é que não conheço muito bem o caminho, não estou certo se para a China se vira antes ou depois do Marquês de Pombal, se é necessário passar pelo Areeiro, se há uma seta nos Olivais com a palavra China por baixo

O actor João Villaret, de quem gostava muito porque dizia poemas lindos e eu adoro ouvir versos, começo logo a levantar, feliz, de olhos fechados, todo eu só um sorriso maior que a minha boca, o actor João Villaret, que já agora bem podia repetir, só para mim, a Toada de Portalegre, de José Régio, contou uma vez (ou duas, já não me lembro) uma história acerca de um filho do escritor D. João da Câmara, chamado Tomázinho, que só trazia problemas aos pais. Tinha cinco ou seis anos e passava o tempo a fugir de casa. (Isto, julgo eu, no princípio do século vinte.) Uma ocasião foi até à Amadora, outra ocasião até Vila Franca, às vezes demorava mais de um dia a ser encontrado e ^[L]_{SEP}D. João da Câmara e o resto da família preocupadíssimos. Até que o Tomázinho exagerou: descobriram-no perto de Vendas Novas ou isso, após um tempão de angústias e aflições, e D. João da Câmara, que devia ser uma pessoa muito compreensiva e muito complacente, decidiu tomar uma atitude firme: Chamou o filho para uma conversa séria e disse-lhe, mais ou menos, Tomázinho, nós gostamos todos tanto de ti e tu estás sempre a ires-te embora, não calculas as preocupações que nos dás, não tens o direito de nos fazer sofrer assim, todos te tratamos bem cá em casa, queremos que sejas feliz conosco, o que se passa contigo?

Seguiu-se um silêncio interminável até o Tomázinho se explicar

– Pai, é que eu quero tanto ir à China.

E então, contava João Villaret, D. João da Câmara ficou que tempos em silêncio a olhar o menino à sua frente, que o olhava também. Deve ter sido uma das pausas mais compridas que já houve no mundo, até que D. João da Câmara se levantou da cadeira, colocou a mão no ombro do filho e disse-lhe

– Olha, da próxima vez que te apetecer ir à China diz-me, que eu talvez vá contigo.

Esta história, que eu ouvi há muitos anos, nunca mais me deixou. Meu Deus o que eu teria gostado de, aos cinco anos, viajar à China com o meu pai. Ou sozinho. O problema é que não conheço muito bem o caminho, não estou certo se para a China se vira antes ou depois do Marquês de Pombal, se é necessário passar pelo Areeiro, se há uma seta nos Olivais com a palavra China por baixo, se algum ramal do metro nos conduz até lá. Não conheço nenhum mapa que nos ajude, esses aparelhos com uma voz que explica tudo calam-se acerca do assunto, parece que o mundo inteiro anda a esconder a China de mim. Parece

não, é verdade: o mundo inteiro anda a esconder a China de mim. Qual o motivo de me quererem impedir de a visitar, qual o motivo de me proibirem? Nem em casa existe, como existe em todas as outras, um prato de sopa com chineses risonhos impressos, búfalos num arrozal, raparigas de olhos oblíquos, pontezinhas delicadas sobre riachos com juncos? Porque não tenho, no bengaleiro, chapéus cónicos de palha? Quando era miúdo havia sempre chineses a venderem gravatas em Lisboa, sorrindo para toda a gente, sorrindo inclusive, às vezes, para mim. Que é deles? Além disso os chineses não morrem, não sei de uma só criatura no mundo que confesse haver assistido ao enterro de um chinês e portanto são eternos. Onde estão eles que nem debaixo da cama ou no cesto da roupa para lavar encontro um? O Tomázinho tê-los-á descoberto em Vila Franca ou em Vendas Novas e guardado o segredo para ele só? Conheço alguns chineses de nome, Confúcio, Mao Tse Tung, mas nunca me cruzei com eles. Tive uma colega chinesa na Faculdade, chamava-se Raquel, mas desapareceu de súbito no fim do curso e não tornei a vê-la. Até nos dávamos bem porque ela, de vez em quando, me sorria de longe. O que te aconteceu Raquel, tens algum contacto com os búfalos nos arrozais? Com o sol da meia noite? Com a Grande Muralha? Mas sobretudo indica-me o que posso fazer para ir à China, porque tem de existir um atalho, uma solução, um caminho. Que pena João Villaret haver desaparecido: se ainda por aí estivesse, e como sabia tão bem a história do Tomázinho, ensinava-me tudo acerca da China e até pode ser que me acompanhasse recitando ao meu lado a Toada de Portalegre. Era da maneira que matava dois coelhos de uma cajadada e com sorte, já agora, o Tomázinho acompanhar-me-ia a Pequim.

Lobo Antunes, A. (2018). A viagem à China. *Visão*. Consultado em setembro 27, 2019, em http://visao.sapo.pt/opiniao/opiniao_antonioloboantunes/2018-10-31-A-viagem-a-China?fbclid=IwAR0tTFN5coLwYB3F8aa7NvIU MouAvl2wf40Wzq4mel8fjbrhLZ53wYCwvHE

ANEXO VIII – NÃO HÁ FATOS ITALIANOS BARATOS

É incrível como os chineses compraram metade de Portugal e continuam a viver discretamente, sempre em família

- Há uma coisa que eu admiro no chinês.
- Qual chinês?
- O chinês em geral, o povo.
- Eu acho-os bué estranhos. Sempre a trabalhar, sempre sisudos, não pagam um copo a ninguém.
- Por isso são ricos. Achas que se o Belmiro de Azevedo andasse a pagar imperiais aos amigos de Marco de Canaveses tinha chegado a dono do Continente?
- Pois...
- É incrível como os chineses compraram metade de Portugal e continuam a viver discretamente, sempre em família.
- O Dono Disto Tudo também repartia o dinheiro com a família.
- Não compares. Bastava olhar para ele para perceber que gastava fortunas em fatos. Já a roupa dos chineses, como sabes, é baratíssima!
- Realmente.
- Mais: ao contrário dos portugueses, que só pensam em vivendas, encaixas cinco famílias de chineses num T3, na boa. Já viste o dinheiro que se poupa em rendas?
- Foi o que tramou o engenheiro.
- Qual engenheiro?
- O Sócrates! Foi por causa de querer poupar dinheiro na renda, aceitando a casa do amigo, em Paris, que se meteu em sarilhos. Devia ter continuado a viver com a mãe.
- Não, o problema do Sócrates é que só usava fatos italianos e comia em restaurantes franceses. Ninguém enriquece assim.
- Achas?

Garcia, D. (2015) Não há fatos italianos baratos. *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opiniao/cronistas/dulce-garcia/detalhe/nao-ha-fatos-italianos-baratos>

ANEXO IX – ELECTRICIDADE COMPRADA NO CHINÊS

A EDP é uma espécie de loja dos 300 da electricidade. Só que é dos 300 milhões

Vamos imaginar que a dona Arminda vende flores. É uma ocupação bem digna e respeitável, quer para a dona Arminda, quer para outra dona qualquer. Vem o furacão Leslie e destrói o furgão da dona Arminda. No dia seguinte, os clientes perguntam: “A como são as rosas, dona Arminda?” Diz ela: “Cem euros cada uma, para eu comprar outro furgão.” O mais provável é que as pessoas se riam da dona Arminda. Em princípio vão comprar as rosas à banca do lado, cujo proprietário não ficou sem o furgão, ou tinha o furgão no seguro. É possível que o caso dê notícia (“Rosas valem mais que caviar? Esta feirante acha que sim”) e sirva de tema aos comentadores dos jornais. Mais uma prova da falta de iniciativa do povo português, da sua incapacidade de fazer face a um mercado competitivo, isto é tudo uma cambada que só quer andar pendurada no Estado à caça do subsidiozinho, e tal.

Agora vamos imaginar que a dona EDP vende electricidade. Ou melhor, não precisamos de imaginar. De acordo com os jornais, a classificação do Leslie como “evento excepcional” fará com que a EDP não tenha de compensar os consumidores pela quebra do serviço. Além disso, a lei prevê que sejam os consumidores a pagar à EDP os prejuízos provocados pelo furacão. A não ser que seja o Governo a pagar, o que vai dar mais ao menos ao mesmo. Neste caso, os consumidores não riem da dona EDP. Primeiro, porque têm mais vontade de chorar. Segundo, porque não é muito evidente que possam ir comprar electricidade à banca do lado. A diferença entre os donos da EDP e a dona Arminda é que os primeiros usam gravata, pelo que se vê logo que são grandes empresários. Não se penduram no Estado, fazem negócios em que o lucro é sempre deles e o prejuízo é sempre nosso – o que é muito, muito diferente. Não são como esses calões incapazes de competir no mercado, como a dona Arminda. Incrivelmente, o consumidor ainda não tem de ir trabalhar de graça nas obras das barragens. Talvez isso possa ser contemplado num próximo contrato ainda mais competitivo.

É preciso ter azar. As coisas que compramos aos chineses costumam ser baratas. A electricidade logo tinha de ir parar às mãos dos únicos chineses careiros. A EDP é uma espécie de loja dos 300 da electricidade. Só que é dos 300 milhões.

Araújo Pereira, R. (2018). Electricidade comprada no chinês. *Visão*. Consultado em setembro 26, 2019, em <http://visao.sapo.pt/opiniao/ricardo-araujo-pereira/2018-10-25-Electricidade-comprada-no-chines>

ANEXO X – NAMORADAS, AMIGOS E PUNS. ENFIM... O ESSENCIAL DA VIDA

"Assim que [um gajo] começa a namorar... desaparece do sistema solar, parece que emigrou para um templo budista nas montanhas do Tibete ou foi raptado por um gang de chineses para lhe extraírem um rim, ninguém lhe põe a vista em cima"

- Estou sim, Beto? Estás bom? Olha lá estou a ligar-te pelo seguinte, há aqui uma questão que me está a fazer um bocado de espécie.

- Então diz lá...

- Já reparaste que uma pessoa quando começa a namorar, deixa de ter amigos.

- Oh primo, tu não estás melhor da punhada da cabeça pois não?

- Pensa lá bem nisto, quando um gajo é solteiro, bebe umas minis com a malta, vê jogos da bola com a malta, fala de miúdas com a malta, bebe mais "minis" com a malta, vê mais uns jogos da bola com a malta, fala de mais umas miúdas com a malta, enfim o quotidiano normal de um tipo que se preocupa com as andanças dos dias, mas assim que começa a namorar... desaparece do sistema solar, parece que emigrou para um templo budista nas montanhas do Tibete ou foi raptado por um gang de chineses para lhe extraírem um rim, ninguém lhe põe a vista em cima.

- João, eu vou-te explicar uma coisa que tu já sabes, então um gajo assim que se apanha a namorar tem de pôr o conta quilómetros da marreta a funcionar. Nessas alturas a ferramenta está sempre pronta para a batalha, é de manhã, antes do almoço, depois do almoço, às vezes até durante o almoço, à tarde, à noite, até de madrugada quando abres os olhos nos intervalos do sono dás por ti enrolado na tua mais que tudo a fazer suar as pedras da calçada, e isto dá uma trabalhadeira desgraçada primo, uma pessoa não tem tempo para mais nada, a vida passa a ser o respirar fundo até à próxima trancada que tu sabes que vai ser já dali a pouco. Uma pessoa tem lá tempo para os amigos... um gajo sente-se daqueles actores pornográficos que estão sempre de pistola apontada ao alvo... e depois queremos experimentar coisas novas, fazer valer a nossa imaginação porque a sacana vida não dura para sempre... na cama, na casa de banho, nas escadas, na bancada da cozinha, de encontro ao frigorífico com morangos e um pacote de leite como naquela cena do filme com a Kim Basinger e o outro que agora está com a cara feita num bolo, sabes? Aquilo foram nove semanas e meia de tiro ao boneco, atenção! Não é pêra doce!... e depois ainda há o mundo para explorar... dentro do carro, em cima do carro, até debaixo do carro a coisa se faz, no tractor, na fazenda, à ida para a praia, na praia, à volta da praia, ao pôr do sol, ao nascer da lua, ...eh pá é um trinta e um do caraças... anda-se sempre como uma bisnaga da Halibut no bolso

para tratar as mazelas da guerra... por isso, os amigos que esperem que um gajo primeiro tem de ser feliz.

- Mas o namoro também tem um lado negativo...

(interrompendo)

- Ah pois tem, ah pois tem! Tu já reparaste que quando se começa a namorar ninguém manda um pum? Nem pum nem cocó... nada... quer o homem, quer a mulher andam ali os dois parece que lhes cozeram o cu... é só amor, jantares e idas ao cinema. Mas um gajo tem de obrar, ora que gaita! Tu entras na casa de banho e a tua amada está do outro lado da porta, ela sabe que tu vais sentar-te no trono porque alguma vez teria de ser, mas tu não queres que ela saiba, tu queres que ela pense em ti como uma máquina de sexo infernal e não uma empilhadora de estrume de calças arreadas, portanto o que é que tu fazes? Arranjas truques...ligas todas as torneiras da casa de banho para abafar o som enquanto te pões a cantar uma musiqueta do Tony Carreira para ela pensar que tu és um tipo romântico mesmo quando uma saraivada de bujardas vão sendo disparadas pela retaguarda do corpo. E por fim tens de lidar com o cheiro que fica na casa de banho... aquele fedor de bicho morto que acabou de sair de dentro dos teus entupimentos, fosga-se, já estive em fábricas de ração com melhor cheiro do que aquele que se instalou naquela casa de banho dos infernos, parece que cagaste um defunto ou o diabo... solução? Sprays a monte... ele é desodorizante Axe, ele é ambientador com cheiro a pinheiros, ele é mata moscas Raid Casa e Plantas, tudo à molhada para disfarçar o insuportável cheiro a merda que tu sabes que vai demorar a desaparecer. E a tua miúda mesmo ali ao lado... resultado? Abres a porta, e imediatamente o cheiro de quem foi cagar ao pinhal inundado de desodorizante rasca ocupa metade da casa. E ela sabe o que tu andaste a fazer, ela sabe... mas escolhe ignorar, e esse ignorar caro primo, também é amor.

Santos, J.P. (2016). Namoradas, amigos e puns. Enfim... o essencial da vida. *Sábado*. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opinioao/convidados/joao-pedro-santos/detalhe/namoradas-amigos-e-puns-enfim-o-essencial-da-vida>

ANEXO XI – RITZ, DOLCE & GABBANA E A CHINA LOUCAMENTE RICA

Em “Sem Preço”, com novas entradas todos os sábados, a jornalista Catarina Nunes escreve esta semana sobre os chineses e as marcas de luxo (a propósito da visita do presidente da China)

Lisboa teve esta semana uma aproximação às extravagâncias chinesas. Já tínhamos ouvido falar nos vistos gold a dominar o país, mas a visita a Lisboa do presidente da República Popular da China, Xi Jinping, tornou clara a forma como os chineses marcam a sua presença. Com o hotel Ritz fechado dois dias por €2 milhões, as ruas das redondezas cortadas, limusines blindadas trazidas da China e outras tantas maneiras de mostrar que manda quem tem mais dinheiro.

Pode-se questionar a origem do dinheiro do Estado chinês, o regime repressivo, os ‘campos de reeducação’, os casos de corrupção ao mais alto nível e as práticas empresariais. Nesta matéria, houve mais um escândalo, a 1 de dezembro, com a detenção no Canadá da herdeira da Huawei, por alegado envolvimento na exportação para o Irão de tecnologia norte-americana. O tipo de ocorrências que envolve a visita de Xi Jinping não costuma dar direito a encher tribunais, mas são uma pequena amostra do poder chinês, em particular fora da China.

O filme ‘Crazy Rich Asians’, que tem por base o livro com o mesmo nome, já tinha revelado o estilo de vida contemporâneo dos chineses bilionários que vivem em Singapura, o estado mais rico da Ásia em ativos financeiros per capita. A trama gira em torno da clássica história de amor entre um jovem chinês rico que esconde a sua fortuna à apaixonada de origens humildes. O ‘Crazy Rich Asians’ é aqui chamado porque numa cena inicial do filme (um flashback aos anos 80), o protagonista vê um empregado de um hotel em Londres a recusar a entrada da sua mãe, que, não conformada com a situação, telefona ao marido que nesse instante compra o dito hotel.

Em Lisboa, a realidade inverte a ficção do filme, com o soberano chinês a ditar à partida as regras no Ritz, talvez porque, desde os anos 80 até à atualidade, os papéis de poder entre o ocidente e o oriente foram invertidos. A China prepara-se para ultrapassar os Estados Unidos como maior economia mundial e multiplica o número de bilionários. As empresas europeias que detêm marcas de luxo (incluindo hotéis, como o filme retrata) são adquiridas por companhias com origem na China. Os turistas chineses desbravam as capitais da moda, em busca de produtos que conferem estatuto e que chegam à China a preços exorbitantes, devido às taxas de importação.

Nós por cá, mais habituados a vê-los atrás de balcões de lojas com produtos de baixa qualidade ‘made in China’, não lhes demos importância e começámos por estranhar as excursões de chineses na avenida

da Liberdade. Nada que chame a atenção dos parisienses que há décadas os vêem na avenida dos Campos Elísios a formar fila à porta da Louis Vuitton, onde a marca estabeleceu um número máximo de peças que cada chinesa pode comprar. A ideia é evitar que uma ou duas clientes não acabem com o stock do dia. Na nossa avenida de luxo, as lojas contratam vendedores que falem mandarim e adequam a oferta de produtos às preferências dos clientes da China, sem limitações.

A procura por Portugal não parece querer abrandar e a visita do presidente Xi Jinping põe ainda mais o país no radar dos chineses em viagem. Outros acontecimentos esta semana podem contribuir para que rumem em força para o Ritz e para as lojas da avenida da Liberdade. As tarifas impostas às importações chinesas dos Estados Unidos podem manter-se e arrastar mais países europeus, subindo os preços dos produtos de marcas estrangeiras.

Xangai já é a cidade mais cara da Ásia para o consumo de bens de luxo, tendo ultrapassado Hong Kong, segundo o Wealth Report Asia, relatório do Banco Julius Baer&Co divulgado esta semana. Isto significa que mais vale viajar para onde possam comprar roupa, acessórios, relógios e joias sem o custo agravado e, de preferência, sem a ameaça terrorista como em Paris ou Londres ou as dificuldades na obtenção de visto, como nos Estados Unidos.

As relações China/Ocidente estão tensas, não só por causa das tarifas comerciais, das reações ao aparato do presidente Xi Jinping, como devido à sensibilidade dos chineses à forma como são vistos e retratados pelo ocidente. A Dolce & Gabbana ainda está a recuperar da argolada que cometeu no final de novembro em Xangai, ao querer chegar ao coração dos chineses, que representam cerca de um terço do mercado mundial de consumo de luxo, avaliado em €327 mil milhões, segundo o Wealth Report Asia. Com receitas globais anuais minúsculas (1,3 mil milhões de dólares/€1,1 mil milhões) face ao potencial chinês, a dupla italiana decidiu criar os hashtags #DGLovesChina e #DGTheGreatShow, para promover um desfile de moda com roupas desenhadas especificamente para as clientes chinesas. Para mostrar a aproximação entre as duas culturas, achou por bem fazer uma campanha publicitária em jeito de paródia, que mostra uma modelo asiática a tentar comer com pauzinhos uma pizza e uma pasta.

O resultado foi uma onda de indignação nas redes sociais a acusar a D&G de recorrer a estereótipos racistas, o cancelamento do desfile de 500 propostas de roupas (por recusa das modelos asiáticas) e a exclusão dos seus produtos nas principais plataformas chinesas online. Até a gigante mundial Net-a-Porter, de origem inglesa e integrada no grupo suíço Richemont, suspendeu a venda da marca no seu site chinês.

Mais: celebridades chinesas encheram a Internet com posts a apelar ao boicote e algumas queimaram em direto peças D&G que tinham em casa. Pelo meio, ainda houve tempo para Stefano Gabbana publicar

no Instagram insultos racistas contra os chineses, que foram desmentidos pelo próprio, pedindo desculpa por a sua conta ter sido roubada por um hacker.

Este episódio, a maior crise que a D&G já atravessou, serve de reflexão à forma como as marcas de luxo ocidentais têm de repensar a presença na China e a integração de referências culturais diferentes. Até porque, os consumidores estão mais participativos do que nunca e têm mais poder sobre as marcas do que as marcas têm sobre eles. Mas a moral desta crónica é mais simples e óbvia: a China importa, e muito. O dinheiro não fala mais alto. É música para os ouvidos das marcas de luxo, que continuará a ser tocada por este país, até aparecer outra geografia que o supere.

Nunes, C. (2018) Ritz, Dolce & Gabbana e a China loucamente rica. *Vida Extra Expresso*. Consultado em setembro 26, 2019, em <https://vidaextra.expresso.pt/cronicas/2018-12-08-Ritz-Dolce-Gabbana-e-a-China-loucamente-rica>

ANEXO XII – VISTOS ‘GOLD’

Para os arguidos e membros desta teia, os chineses não são todos iguais: eles distinguem os chineses que têm 500 mil euros ou mais na conta dos outros

1: Todos aqueles que acham que a grande competência de António Figueiredo era a de negociar e influenciar o valor de imóveis em troca da atribuição de vistos Gold à velocidade da luz, certamente não têm conhecimento da rapidez com que ele consegue mandar apagar informações contidas em computadores.

No fundo é de louvar, num país onde a burocracia dita a lei, que existam pessoas que agem com tanto dinamismo.

2: Ainda por cima a limpeza electrónica, feita pelo SIS, foi efectuada a um sábado.

Juntando a isto, a demissão de Miguel Macedo a um Domingo e a licenciatura de um ex-ministro no mesmo dia da semana quem se atreve a dizer que os Portugueses são preguiçosos?

3: Não sei se António Figueiredo é culpado ou não mas quem nunca jogará Monopólio com ele sei eu quem é.

4: Manuel Palos, director do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, era conhecido neste esquema como o "Senhor 10%", por frequentemente cobrar comissões de 10% para acelerar a atribuição dos vistos. Ele pelo menos pode sempre alegar que tudo o que fez foi para nunca ser conhecido como "o boina rota".

5: Aposto que todos os implicados neste "caso dos Vistos Gold" gostariam de conseguir cavar um buraco daqui até à China para onde se pudessem mandar.

Claro que não era por vergonha mas porque preferiam certamente estar num país onde a toda hora encontrariam caras familiares e que tanta prosperidade lhes trouxeram.

6: Ainda assim, e verdade seja dita, para os arguidos e membros desta teia, os chineses não são todos iguais.

Eles distinguem na perfeição os chineses que têm 500 mil euros ou mais na conta dos outros.

7: Este caso, que ainda muita tinta vai fazer correr, veio arruinar as fortes probabilidades que o cidadão comum tinha de acertar sobre quem eram os membros do governo que estavam prestes a cair.

Quem diria que num Governo com Nuno Crato e Paula Teixeira da Cruz seria o "inofensivo" ministro da Administração Interna a abandonar o executivo?

A política é mesmo uma caixinha de surpresas. O problema é que é uma caixinha banhada a ouro.

Até para a semana.

Pinto Costa, J. (2014). Vistos 'gold'. Sábado. Consultado em setembro 28, 2019, em <https://www.sabado.pt/opiniao/cronistas/joao-pinto-costa/detalhe/Vistos-gold->